

Pesquisa em Jornalismo:

# **DOS CONFLITOS EM PAUTA AOS CONFLITOS DO CAMPO**

## **Organizadores:**

Monica Martinez

Marcos Paulo da Silva

Laura Storch

Apoio





Pesquisa em Jornalismo:  
Dos conflitos em pauta aos  
conflitos do campo.

Monica Martinez  
Marcos Paulo da Silva  
Laura Storch

Pesquisa em Jornalismo:  
Dos conflitos em pauta aos  
conflitos do campo

1ª Edição

Brasília, Brasil.  
SBPJOR  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971**

P474 Pesquisa em jornalismo : dos conflitos em pauta aos conflitos do campo [recurso eletrônico] / orgs. Mônica Martinez, Marcos Paulo da Silva e Laura Storch. —1. ed. —Rio de Janeiro : SBPJor, 2019.  
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-81185-00-8

1. Jornalismo - Pesquisa. I. Martinez, Mônica. II. Silva, Marcos Paulo da. III. Storch, Laura. IV. Título.

CDD 079.8121

## **CONSELHO CIENTÍFICO**

- Alzira Alves de Abreu** (FGV)  
**Carlos Franciscato** (UFS)  
**Claudia Nonato** (FiamFaam)  
**Danilo Rothberg** (Unesp)  
**Elaide Martins** (UFPA)  
**Fabiana Piccinin** (Unisc)  
**Fernando Resende** (UFF)  
**Francisco de Assis** (FiamFaam)  
**Marcos Paulo da Silva** (UFMS)  
**Marluce Zacariotti** (UFT)  
**Raquel Longhi** (UFSC)  
**Sonia Virgínia Moreira** (UERJ)

## SUMÁRIO

09

### **Apresentação**

Como o velho marinheiro

Monica Martinez, Marcos Paulo da Silva e Laura Storch

01

## A PESQUISA EM JORNALISMO EM DEBATE

---

12

### **VIII JPJOR**

Protagonismo e formação científica de jovens pesquisadores em Jornalismo.

Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco e Alciane Baccin

18

### **VI PosJor – Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo**

Pós-Graduação em Jornalismo no Brasil: desafios persistentes e proposta de agenda.

Cárlida Emerim, Fábio Henrique Pereira, Felipe Simão Pontes e Rafael Grohmann

23

### **Oficina**

Para compreender as revistas científicas: sistemas de indexação, Qualis e fluxos editoriais.

Fábio Henrique Pereira

25

### **Conferência de abertura**

The Janus Nature of Literary Journalism: Narratives of War and Conflict.

John S. Bak

02

## O PRÊMIO ADELMO GENRO FILHO DA PESQUISA EM JORNALISMO

---

33

### **Panorama**

A Pesquisa em Jornalismo, sempre evoluindo.

Elizabeth Saad

37

### **Pesquisadora Sênior**

A prática jornalística em paralelo à pesquisa científica universitária.

Beatriz Dornelles

## SUMÁRIO

46

### **Pesquisa aplicada**

Métodos digitais e big data journalism: O conceito de distant reader aplicado à pesquisa na Comunicação.

Márcio Carneiro dos Santos

63

### **Iniciação científica**

Qualidade de vida do jornalista e a relação com os vínculos de trabalho: um estudo com jornalistas de Santa Maria/RS

Gabriele Wagner de Souza

03

## RELATOS DAS REDES DE PESQUISA DA SBPJOR

---

74

### **Rede Jortec**

Tecnologias e aplicabilidade ao jornalismo.

Gerson Luiz Martins

81

### **Rede Renoi**

Accountability, ética e qualidade jornalística.

Josenildo Guerra, Fernando Oliveira Paulino e Rogério Christofolletti

83

### **Rede Telejor**

Epistemologias do Telejornalismo

Cárlida Emerim e Iluska Coutinho

88

### **Rede Renami**

Com um olho no peixe e outro no gato

Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Piccinin, Marta Maia e Monica Martinez

04

## PÓS-CONFERÊNCIA

---

90

### **1st Brazil- France- Francophone Belgium Journalism Research Conference**

Estreitando os laços com o mundo francófono.

Fabio Henrique Pereira e Monica Martinez



## Apresentação

### Como o velho marinheiro.

Monica Martinez, Marcos Paulo da Silva e Laura Storch

Os tempos parecem ser de neblina turva no horizonte. Passou-se a ser comum reconhecer os tentáculos da crise que – para valer-se da alegoria da Hidra de Lerna da mitologia grega, com seu corpo de dragão e um sem número de cabeças de serpentes – assola a pesquisa em jornalismo contemporâneo. Ela – a crise – não possui uma face definida, tampouco uma única face, mas diferentes formas de manifestação em suas dimensões econômica, técnica, estética e ético-deontológica. Fala-se, por exemplo, em abalo no modelo de negócios, mas as mudanças estruturais no jornalismo – e os conflitos e confrontos do campo – possuem delineamentos mais complexos.

Parece difícil observar no horizonte qualquer movimento que leve a crer que a neblina densa irá se dirimir, razão pela qual a bússola dos navegantes se mostra tão mais necessária. Eis que no horizonte da história, portanto, a pesquisa em jornalismo se apresenta tão fundamental.

Este livro reúne relatos e experiências de um evento erigido bravamente em um cenário de incertezas. O 16º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), cujo tema central foi justamente “Pesquisa em Jornalismo: dos conflitos em pauta aos conflitos do campo”, teve sua realização entre os dias 7 e 9 de novembro de 2018 na Universidade Anhembi-Morumbi e no Centro Universitário FIAM-FAAM, em São Paulo. Passavam-se, então, no exato momento de abertura do evento, apenas nove dias desde o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, pleito que elegeu o candidato de discurso populista e conservador, com forte inclinação à direita, Jair Messias Bolsonaro.

As discussões oportunas do encontro, por conseguinte, não se trataram de meras coincidências. Ao contrário! O grupo que ascendeu ao poder pouco mais de uma semana antes do início do congresso valeu-se, nos meses anteriores, ao longo de toda a campanha eleitoral, de severos ataques à imprensa e ao jornalismo institucionalizado. Mais do que isso, na véspera da eleição presidencial propriamente dita, circularam em veículos jornalísticos brasileiros a denúncia de que os grupos em confronto teriam se valido de campanhas de desinformação com a circulação massiva de produtos não-jornalísticos de expressão noticiosa – as populares fake news.

Todo esse nevoeiro no horizonte fez com que o Encontro Nacional da SBPJor 2018 – que trazia na pauta exatamente o conceito de conflito – se consolidasse como um momento histórico na trajetória da Associação. Este seria, todavia, somente mais um aspecto da elevada importância construída pelo evento. Tratou-se também do maior congresso da SBPJOR desde sua fundação, em 2003, com quase 500 pesquisadores inscritos.

Durante dois dias, foram apresentados quase 300 trabalhos, entre comunicações livres e coordenadas, além de cerca de 80 trabalhos de iniciação científica no Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor). Para a SBPJor, esses números grandiosos indicam que a pesquisa em jornalismo, apesar de todos os desafios enfrentados, é vital, feito uma bússola, para a compreensão não só do fenômeno jornalístico, de notícias verdadeiras e fake news, mas também das novas formas de comunicação que têm moldado os espaços públicos físicos e virtuais.

Entende-se que pesquisa tem, sim, o poder e o dever de transformar o caos em cosmos. E momentos seríssimos como esse ensinam que, com a junção de forças, pode haver enfrentamento com esperança, diálogo, respeito à igualdade, liberdade, alteridade e diversidade, que estão no DNA da SBPJor desde sua fundação. É por isso que ao longo do evento fez-se questão de manter a palavra “encontro” nas conferências anuais, pois se trata acima de tudo da junção de pessoas com interesses comuns que se movem em direção a um mesmo ponto.

Pois bem, este livro consolida o registro do encontro e assim o faz em sentido aguçado de alerta, mas também penetrado de sentimento de alento. A obra é organizada em quatro partes que traduzem a estrutura do congresso.

Na primeira parte, o alerta se apresenta no relato preciso realizado pelos pesquisadores Cárlica Emerim, Fabio Henrique Pereira, Felipe Simões Pontes e Rafael Grohmann, que reconstroem as reflexões do VI PosJor, o Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo. Alertam os autores que, diante do cenário turbulento pelo qual passa o país, “alguns posicionamentos precisam ser assumidos pelos envolvidos em todas as instâncias de produção de conhecimento em jornalismo”. Não obstante, o alerta também emana do cenário internacional, na fala transformada em capítulo do conferencista John S. Bak, da Universidade de Lorraine, na França, que explicita: “políticos e eleitores se acomodam em confortáveis câmaras de eco ou trincheiras ideológicas e se preparam mais para o combate do que para conversas”.

Porém, se a primeira parte do livro traz alertas importantes, também oferece alentos: inicialmente, um caloroso alento que se expressa no crescimento e na consolidação do Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor). O evento, integrante do Encontro Nacional da SBPJor, chegou em 2018 à oitava edição, cujo relato do gratificante sucesso está no capítulo dos organizadores Rodrigo Botelho-Francisco e Alciane Baccin. Não menos importante, a parte inicial da coletânea também apresenta o registro da oficina sobre os sistemas de indexação e fluxos editoriais dos periódicos científicos conduzida pelo pesquisador Fabio Henrique Pereira, editor da Brazilian Journalism Research ), publicação publicada pela SBPJor.

A segunda parte do livro incorpora a experiência do Prêmio Adelmo Genro Filho da Pesquisa em Jornalismo, que promoveu em 2018 sua 13ª edição. Além de um panorama consolidado no capítulo da pesquisadora responsável pela premiação, Elisabeth Saad, o bloco temático também reúne relatos redigidos pelos próprios premiados: Beatriz Dornelles, na categoria Pesquisadora Sênior; Gabriele Wagner de Souza, na categoria Iniciação Científica; e – na constatação de mais uma inovação – Marcio Carneiro, vencedor da recém-criada categoria Pesquisa Aplicada, tão pertinente para a visibilidade dos mestrados profissionais em jornalismo.

A terceira parte da coletânea agrega os capítulos com relatos das redes de pesquisa credenciadas pela SBPJor. Nesse sentido, Josenildo Guerra, Fernando Oliveira Paulino e Rogério Christofolletti são os responsáveis pelo registro da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi). As pesquisadoras Cárilda Emerim e Iluska Coutinho fazem o relato da Rede de Pesquisa em Telejornalismo (Telejor). Por sua vez, a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami) tem sua experiência relatada por Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Piccinin, Marta Maia e Monica Martinez. Já a Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (Jortec) é relatada por Gerson Luiz Martins.

Por fim, a quarta e última parte da coletânea congrega o esforço de registro de Fabio Henrique Pereira e Monica Martinez da 1st Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference, que fechou o Encontro Nacional da SBPJor 2018 no papel de pós-conferência. Não por acaso, a conferência, que contou com participantes dos três países, deixa pontes sólidas no horizonte a ser construído com o mundo francófono. O segundo evento já está sendo marcado para junho de 2020 na Europa.

Assim, nesse contexto de alertas e alentos, faz-se importante mencionar que este livro tem sua edição finalizada exatamente no momento em que se iniciam os trabalhos de preparação para mais um Encontro Nacional da SBPJor, que em 2019 realiza-se na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia. No conjunto de aprendizados deixados pelo encontro de 2018, portanto, consolida-se a certeza de que o trabalho intenso voltado à pesquisa em jornalismo no Brasil não pode esmorecer. E, como na bela canção de Paulinho da Viola, seguir-se-á adiante, a exemplo do velho marinheiro, que ante ao denso nevoeiro, toca o barco com convicção e parcimônia.

Boa leitura.

Monica Martinez, Marcos Paulo da Silva e Laura Storch

# 01

## A PESQUISA EM JORNALISMO EM DEBATE

### VIII JPJOR

#### Protagonismo e formação científica de jovens pesquisadores em Jornalismo

Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco e Alciane Baccin

#### **Introdução**

Desde 2011 a SBPJor realiza o Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), em paralelo com seu Encontro Nacional, com o objetivo de promover um espaço dedicado especialmente a estudantes da graduação e recém-graduados em Jornalismo de todo o país. Já com um histórico de oito edições, o evento acumula o registro de mais de 400 trabalhos apresentados.

Na trajetória do evento, por sua vez, vislumbra-se a importância da atuação da SBPJor na promoção da formação acadêmica, estimulando jovens pesquisadores a conhecer e experimentar os processos de produção, redação e comunicação científica. A criação deste espaço privilegiado, neste sentido, valoriza o saber e o protagonismo dos estudantes, permitindo reconhecer o seu fazer como conhecimento científico e dando um feedback sobre sua produção. Além disso, o JPJor os coloca em contato com outros jovens pesquisadores e com os pesquisadores que fazem parte do processo de avaliação e coordenação das sessões de apresentação.

No evento, destaca-se a estratégia do JPJor na programação, antecedendo o Encontro Nacional e ao lado de atividades como a abertura e a entrega do Prêmio Adelmo Genro Filho. Aliado à oferta de oficinas também, no primeiro

dia, verifica-se aí um espaço e momento de sinergia que favorece a integração e introdução dos estudantes na proposta dos eventos. Ademais, permite-se vislumbrar tanto as visões críticas e políticas das falas da abertura, como também um cenário de reconhecimento e prática profissional e acadêmica.

Do ponto de vista cultural, há que se destacar o intercâmbio promovido pelo JPJor, uma vez que, para além da programação científica, o evento proporciona conhecer outras realidades geográficas, culturais e sociais, tanto a partir da experiência com as sedes do evento, como com os saberes, culturas e sotaques trazidos de sua localidade por cada participante. Estes deslocamentos, na perspectiva da identidade científica, certamente também estimulam experiências que contribuem para formação crítica e cultural dos jovens.

Para a SBPJor, por sua vez, o evento também contribui para uma articulação importante dos pesquisadores que se dedicam à coordenação científica, avaliação e coordenação dos trabalhos. Trata-se de uma rede que atua de forma colaborativa para cumprir os prazos e requisitos do processo de pareceres, com o mesmo rigor do Encontro Nacional, o que garante a qualidade da seleção dos trabalhos.

Neste processo de avaliação, por sua vez, deve-se destacar outro aspecto da formação dos jovens pesquisadores em Jornalismo, uma vez que os doutorandos dos programas de pós-graduação também atuam nessa frente. Assim, permite-se também para estes jovens pesquisadores um espaço de prática que certamente colabora com sua inserção na comunidade científica e com o desenvolvimento de competências e habilidades que este tipo de atividade requer. Neste sentido, pode-se comprovar o envolvimento dos recém-doutores na própria atividade de Coordenação do evento, conforme pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1: Sedes e coordenadores do JPJor desde sua criação

<b>Edição</b>	<b>Sede</b>	<b>Cidade</b>	<b>Coordenação</b>	<b>Trabalhos</b>
2011	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro/RJ	Victor Gentilli (UFES) e Josenildo Guerra (UFSE)	57
2012	Pontifícia Universidade Católica	Curitiba/PR	Victor Gentilli (UFES) e Josenildo Guerra (UFSE)	70
2013	Universidade de Brasília	Brasília/DF	Liziane Guazina (UnB)	67
2014	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul/RS	Josenildo Guerra (UFSE) e Marcelo Trasel (PUCRS)	58
2015	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	Campo Grande/MS	Marcelo Trasel (PUCRS)	28
2016	Universidade do Sul de Santa Catarina	Palhoça/SC	Marcelo Trasel (UFRGS)	32
2017	Universidade de São Paulo	São Paulo/SP	Marcelo Trasel (UFRGS)	30
2018	FIAM-FAAM Centro Universitário e Universidade Anhembi Morumbi	São Paulo/SP	Rodrigo Botelho-Francisco (UFPR) e Alciane Baccin (FIAM-FAAM)	76

## O JPJor 2018

A sessão de abertura do 8º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo ocorreu na manhã do dia 7 de novembro no Campus Vila Olímpia da Universidade Anhembi Morumbi, contando com a participação de vários congressistas, da diretoria da SBPJor e dos autores premiados com o prêmio Adelmo Genro Filho nas categorias doutorado, mestrado e trabalho de conclusão de curso. O momento foi de troca de experiência entre os homenageados com o prêmio e os jovens pesquisadores, que demonstraram entusiasmo com as pesquisas apresentadas, questionando os agraciados quanto aos desafios da pesquisa e ao processo de construção de conhecimento científico.

O evento recebeu boa participação de público, reunindo mais de 120 pessoas durante a manhã e a tarde de quarta-feira. Na abertura, a presidente da SBPJor, Monica Martinez, falou com orgulho dos acadêmicos que investem na pesquisa: “É aí que está o futuro do nosso campo, e é um campo que nós sabemos que está em transformação”.

Em relação aos trabalhos, em 2018 o JPJor recebeu 79 submissões, o que representa um aumento de 13,23% em relação ao Encontro de 2017. Destes, 76<sup>1</sup> foram aprovados após rigoroso processo seletivo, o que significa 96% de aceitação e demonstra que os jovens pesquisadores de jornalismo estão desenvolvendo uma boa base científica durante a formação acadêmica. Nesta edição, foram 192 autores, sendo 116 estudantes.

O JPJor 2018 demonstrou um crescimento no número de trabalhos apresentados em relação aos anos anteriores, sendo o maior evento de todos os oito já realizados, reunindo 35 instituições de ensino superior. A pluralidade de temas abordados, de trabalhos apresentados, de instituições representadas e a diversidade regional dos acadêmicos enriqueceu o debate, estendendo algumas mesas até uma hora além do tempo determinado de encerramento.

Essa amplitude do evento pode ser percebidas no Quadro 2, que detalha as instituições dos autores e as quantidades de trabalhos aceitos.

---

<sup>1</sup> Sendo que 70 foram apresentados e estão disponíveis no Anais do evento.

Quadro 2: Instituições representadas no 8º JPJor

Região	Estado	Instituição	Autores	Trabalhos
Sul	RS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	8	4
		Universidade de Santa Cruz do Sul	6	3
		Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter	4	2
		Universidade Federal de Santa Maria	23	10
		Universidade Federal de Pelotas	2	1
	PR	Universidade Estadual de Ponta Grossa	12	6
	SC	Universidade do Sul de Santa Catarina	2	1
<b>Total</b>			<b>57</b>	<b>27</b>
Sudeste	SP	FIAM-FAAM Centro Universitário	11	4
		Universidade de Sorocaba	4	2
		Universidade Anhembi Morumbi	4	2
		Centro Universitário Internacional - Uninter	6	2
		Universidade Metodista de São Paulo	2	1
		Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho	3	1
		Universidade do Sagrado Coração	2	1
	RJ	Universidade Veiga de Almeida	2	1
		Universidade Federal do Rio de Janeiro	2	1
		Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2	1
		Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais	2	1
	MG	Universidade Federal de Juiz de Fora	5	2
		Universidade Federal de Uberlândia	2	1
		Universidade Federal de Ouro Preto	2	1
ES	Universidade Federal do Espírito Santo	2	1	
<b>Total</b>			<b>51</b>	<b>22</b>
Nordeste	MA	Universidade Federal do Maranhão	21	9
	BA	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	10	3
		Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	2	1
		Universidade Federal da Bahia	2	1
		Faculdade Anísio Teixeira	3	1
	PE	Universidade Federal de Pernambuco	4	2
		Centro Universitário UniFBV - Wyden	2	1
	RN	Universidade Federal do Rio Grande Do Norte	4	1
	PB	Universidade Federal da Paraíba	2	1
	SE	Universidade Federal de Sergipe	2	1
<b>Total</b>			<b>52</b>	<b>21</b>
Centro-Oeste	DF	Universidade de Brasília	2	1
	MS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	6	3
	<b>Total</b>			<b>8</b>
Norte	TO	Universidade Federal do Tocantins	4	2
<b>Total</b>			<b>4</b>	<b>2</b>
<b>Total</b>			<b>172</b>	<b>76</b>

## A coordenação científica do JPJor 2018

Em 2018, a Coordenação Científica propôs e implementou a apresentar títulos para as sessões, a exemplo do que já é feito no Encontro Nacional. Com isso, além da visibilidade de lógica do agrupamento dos trabalhos nas mesas, pelos temas que abordam, favoreceu-se compreender os conteúdos e perspectivas dos trabalhos apresentados, como pode ser vislumbrado no Quadro 3:

Quadro 3: Mesas e seus coordenadores e coordenadoras do 8º JPJor

Mesa	Título	Coordenador(a)
1	Análise de narrativas, discursos e conteúdos	Nara Lya Cabral Scabin, doutora e profa Anhembi
2	Ética Jornalística	Izani Mustafá, doutora PUCRS
3	Jornalismo e Representações Sociais	Thiago Siqueira Venanzoni, doutorando USP
4	Jornalismo e Mundo	Isadora Camargo, doutoranda USP
5	Jornalismo e Tecnologias Digitais I	Marcelo Barcelos, doutorando PosJor/UFSC
6	Jornalismo e Tecnologias Digitais II	Marlise Breno, doutoranda UFRGS
7	Jornalismo e Tecnologias Digitais III	Maíra Evangelista de Sousa, doutora UFRGS
8	Jornalismo, juventude e universidade	Rômulo Cabrera, mestre FIAM-FAAM
9	Jornalismo e representatividade regional	Eduardo Viné Boldt, mestrando FIAM-FAAM
10	Jornalismo, literatura e novas narrativas	Gabriel Hoewell, mestre UFRGS
11	Mulheres e questões de gênero	Janaína Kalsing, doutoranda UFRGS
12	Radiojornalismo	Silvio Anaz, doutor PUCSP
13	Jornalismo, história e teorias	Marília Gehrke, doutoranda UFRGS
14	Telejornalismo	Eduardo Paschoal, doutorando USP

Ressalte-se que o exercício de titulação das mesas ocorreu a partir das submissões e seus agrupamentos e não durante o processo de envio dos trabalhos pelos alunos, o que exigiu um esforço de análise da organização de forma a criar esta representação. Com isso, o objetivo foi estimular que os próprios participantes vislumbrassem a identidade de seu trabalho com os demais a partir da leitura da programação.

Ademais, observe-se, a partir do Quadro 3, o envolvimento de jovens pesquisadores como coordenadores de Sessão, convidados pela organização para esta atividade. O objetivo também neste caso é estimular o protagonismo dos estudantes de pós-graduação e recém-doutores.

No processo de avaliação, por sua vez, também nota-se o envolvimento dos jovens pesquisadores. Entre os 81 avaliadores que participaram do processo em 2018, 50% são doutorandos. Nesta etapa de organização do evento, foram mais de 160 pareceres, atendendo ao critério de blind review.





Figura 1: Arte de divulgação do 8º JPJor

## Perspectivas e desafios do JPJor

O JPJor 2018 nutre, no campo do Jornalismo, a crença no futuro da pesquisa, na busca pelo entendimento das problemáticas da área, bem como por respostas e soluções para os dilemas que a sociedade nos apresenta. Nem sempre a pesquisa alcança respostas satisfatórias, mas a busca por conhecimento é constante, e o JPJor nos sinaliza que essa busca continuará.

Alguns desafios se apresentam para as próximas edições, como a atração de mais estudantes e recém-graduados para o evento. Em 2018 buscou-se superar isto com a ampliação da divulgação via mídias sociais, a partir de disseminação de arte produzida pela diretoria, como pode ser verificado na figura 1. No entanto, também é um desafio ampliar um tipo de participação qualificada, com maior número de trabalhos submetidos por região, estados e instituições do país. A variação do número de participantes ao longo das edições indica que, apesar de já tradicional, o evento necessita ampliar seu apelo entre os jovens e os próprios professores, que estão em contato direto com os estudantes e são os principais colaboradores para divulgação.

Por fim, também como um desafio, é preciso entender o arcabouço histórico-científico do JPJor como um legado a ser desvendado. Isto se apresenta como uma perspectiva a ser publicizada pela SBPJor, que tem nos Anais e histórico de realização do evento uma fonte importante e preciosa de análise. Parte disso já vem sendo apresentado nas Assembleias da SBPJor, onde são compartilhados os dados sobre a participação nos eventos. No entanto, para além disso, certamente há uma lacuna para compreender quem são e o que apresentam nos encontros os jovens pesquisadores da SBPJor. Há, assim, uma perspectiva metacientífica de trabalhos futuros, a partir de cientometria ou outros métodos deste gênero que colaborem para analisar o rico conteúdo disponível nas bases de dados da Associação.

## VI PosJor – Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo

### Pós-Graduação em Jornalismo no Brasil: desafios persistentes e proposta de agenda.<sup>1</sup>

Cárlida Emerim<sup>2</sup>, Fábio Pereira<sup>3</sup>, Felipe Simão Pontes<sup>4</sup> e Rafael Grohmann<sup>5</sup>.

Quando falamos em “pós-graduação em jornalismo”, há diferentes dimensões, marcadas por contextos políticos, econômicos, institucionais e territoriais. A pós-graduação se relaciona com as políticas científicas e educacionais de um país e, dentro da universidade, não é descolada das atividades de ensino (também graduação), pesquisa e extensão. A especificidade da pós-graduação aqui referida – em jornalismo – por sua vez, está envolvida em dinâmicas e embates de políticas educacionais e científicas da área de comunicação. Quando se pergunta “para que e para quem pós-graduação em jornalismo”, além de todas as questões acima, defronta-se com os sujeitos profissionais do jornalismo, com suas práticas e instituições. Há reconfigurações culturais, sociais, narrativas, econômicas, tecnológicas e também na organização do trabalho. Assim, a pesquisa em jornalismo não se desenvolve eminentemente no campo da abstração, mas a partir de condições e contradições concretas, com suas limitações e possibilidades.

O Brasil passa, ao menos nos últimos seis anos, por momentos decisivos na sua História. De forma direta, o jornalismo teve e têm papel preponderante nesse processo. Com mais de 90% de seus profissionais formados nas escolas de jornalismo do país (MICK; LIMA, 2012), sem dúvida a reflexão que se volta para o passado recente e o futuro da profissão tem direta relação com o ensino de jornalismo, a formação ética e política dos jornalistas e o domínio da prática jornalística em um mercado voltado para a comunicação. Quer dizer, a pesquisa em jornalismo, hoje ainda mais do que nunca (para usar uma expressão de Shapiro, 2014), precisa oferecer respostas para o quadro no qual se encontra a profissão e suas relações com a sociedade.

Uma pergunta que se descortina é: qual o futuro imediato para a profissão, para a pesquisa e para o ensino do jornalismo, ainda mais em um cenário de incertezas presente em cada um desses cenários? A profissão enfrenta um acirramento na concorrência entre seus integrantes, resultado direto do aumento exponencial de jornalistas que vem ocorrendo desde 2000. Ultrapassamos

---

<sup>1</sup> Este texto foi produzido a partir das apresentações e discussões do V PosJor – Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo no Brasil e dá continuidade às preocupações levantadas em Franciscato, Grohmann e Gadini (2017)

<sup>2</sup> Professora associada do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, junto a Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo. E-mail: carlida.emerim@ufsc.br.

<sup>3</sup> Professor associado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: fabi-op@unb.br

<sup>4</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: felipesimaopontes@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Realiza estágio de pós-doutoramento na ECO-UFRJ. E-mail: rafael-ng@uol.com.br

100 mil profissionais registrados nas bases oficiais (BRASIL, 2018), sabedores que parte da categoria não mantém registros nestes órgãos. Paradoxalmente, empresas tradicionais de jornalismo estão encerrando suas atividades, reduzindo suas equipes ou mudando a natureza de seus negócios. Por outro lado, houve crescimento, nos últimos anos, no número de arranjos de caráter contra hegemônico ou voltados a nichos (também resultado das possibilidades do jornalismo digital).

Nesse cenário, o ensino de jornalismo é desafiado pelo contexto de financeirização da educação e do fortalecimento dos conglomerados educacionais, fortemente afetados pela desregulamentação. Na mesma direção, neste contexto, a pós-graduação e a pesquisa científica no campo são vistos muito mais pela perspectiva meramente dos gastos e retornos financeiros, e não como investimentos necessários ao desenvolvimento social e econômico de um país e de sua sociedade. Os resultados e impactos negativos são muitos na educação superior e no ensino de graduação em jornalismo, principalmente, o baixo investimento em contratação de professores e de estruturação de laboratórios e bibliotecas mais condizentes com as demandas contemporâneas. Nessa perspectiva, políticas como as de educação à distância sem planejamento estratégico e educacional acabam afetando diretamente a contratação de docentes para os cursos presenciais de jornalismo e, por consequência, não só o destino profissional de egressos dos cursos de pós-graduação como a formação básica qualificada da profissão nos cursos de graduação<sup>6</sup>.

O ensino de Jornalismo também vem sofrendo outras pressões principalmente nos últimos tempos nos quais vêm sendo enfatizado um acirramento das celeumas antigas, acreditadas já superadas, que ideologizam a prática e, por consequência, o ensino de jornalismo, de modo geral, que estabelece processos de cerceamento e policiamento ideológico sobre a prática docente. Posicionamentos que ferem profundamente a liberdade de cátedra que se vê seriamente ameaçada. Há, por exemplo, tentativas de criminalização do marxismo, dos estudos sobre Gramsci, sobre a Escola de Frankfurt e, principalmente, sobre os estudos de gênero e representação social. Depois de tantos avanços educacionais, embora ainda poucos, que se vinha experimentando, este retrocesso gera sentimentos de incertezas sobre o exercício do ensino, da atuação de professores e, também, sobre o desenvolvimento de diferentes aspectos das pesquisas no campo do jornalismo, afinal, um significativo grupo de pesquisadores em Jornalismo utilizam-se desses paradigmas teóricos para a produção de conhecimento.

A pesquisa científica e, mais especificamente, aquelas desenvolvidas no âmbito das pós-graduações, já enfrentam, desde 2015, uma diminuição expressiva de recursos, com a restrição de verbas advindas de nossos órgãos de fomento oficiais (nos âmbitos federais e estaduais) como CAPES, CNPq e fundações

---

<sup>6</sup> É preciso ressaltar, porém, que a função de uma pós-graduação em qualquer área não é unicamente formar professores pesquisadores, mas, neste artigo, o foco de discussão está centrado mais neste aspecto.

estaduais, a redução de bolsas de pesquisa para professores e estudantes assim como a redução nas possibilidades de abertura de vagas para a contratação de novos docentes. Somam-se, ainda, demissões de professores de excelência e competência reconhecida no campo, de pesquisadores experientes, o fechamento de linhas de pesquisa em jornalismo e, até mesmo, de cursos de graduação. Aliás, cabe ressaltar que esta situação não se aplica apenas ao campo do Jornalismo, há uma pressão muito grande sobre a área científica do país, com a redução drástica de recursos das agências de fomento (CAPES e CNPq) além das constantes ameaças de fechamento do CNPq.

Diante desse cenário, alguns posicionamentos precisam ser assumidos pelos envolvidos em todas as instâncias de produção de conhecimento em Jornalismo. A primeira ação que deve ser implementada é o fortalecimento das entidades, representativas, científicas e profissionais do Jornalismo, como a SBPJor, a ABEJ e a FENAJ, tendo em vista que é extremamente necessário que se vislumbre políticas públicas que possam garantir a plena existência das pesquisas e assegurados os direitos e a liberdade de pensamento neste aspecto. Considerando que as dificuldades da profissão e do ensino profissional e de pós-graduação são também objeto de atenção permanente para os pesquisadores, atividades integradas e coordenadas junto às entidades precisam ser mais frequentes, com vistas a promoção de ações mais específicas e de acompanhamento permanente de políticas e atividades em prol da área. Do ponto de vista dos programas de pós-graduação em jornalismo, é preciso promover uma maior aproximação com os professores de graduação de jornalismo o que, conseqüentemente, fortalecerá as relações interdisciplinares, estabelecendo e mantendo espaços de diálogo permanente e, principalmente, de fomento às pesquisas sobre o ensino de Jornalismo. O terceiro aspecto a ser enfatizado como estratégico é o fortalecimento e a expansão do Fórum das Pós-graduações em Jornalismo bem como das Linhas de pesquisa em Jornalismo em programas de Pós-graduação de diferentes escopos.

Outra situação identificada como importante e que precisa ser revertida no contexto atual é a desvalorização e o não reconhecimento da pesquisa em jornalismo, de modo geral. Neste ínterim, é extremamente necessário dar mais visibilidade e compartilhamento dos resultados das produções desenvolvidas nas pós-graduações específicas como também das que ocorrem dentro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Um levantamento recente os aponta que entre 1972 e 2015 o jornalismo foi tema de 3.221 das dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil, o que representa 24,36% do total das produções da área. A referida pesquisa também demonstrou que foram 2550 dissertações que tematizaram, de forma direta ou indireta, o jornalismo diante de 10.201 dissertações em Comunicação; bem como 671 teses sobre ou de Jornalismo entre as 3026 defendidas nas pós-graduações, mais

especificamente, um quarto dos produtos das pós-graduações da Comunicação no Brasil, no período, é em Jornalismo.

Assim, há desafios persistentes que se colocam para a pós-graduação em jornalismo no país e que, dado o contexto político nacional, serão necessários esforços coletivos e cooperativos entre pesquisadores e instituições no campo, na direção de colocar em prática uma agenda proativa de iniciativas de fortalecimento da pesquisa em jornalismo. Essa agenda passa por: a) fortalecimento de entidades representativas da área de jornalismo; b) estabelecimento de estratégias de aproximação com o mundo do trabalho (profissionais, iniciativas e associações jornalísticas, sindicato...); c) intensificação de produções coletivas e redes de pesquisa interinstitucionais – incluindo possibilidades de laboratórios interinstitucionais; d) fortalecimento de estratégias de internacionalização, em um contexto onde somente 0,5% dos artigos publicados nos principais periódicos de comunicação no mundo são de autoria de pesquisadores do Sul Global (Demeter, 2019); e) incentivo a práticas de comunicação científica das pesquisas em jornalismo, em um contexto de midiaticização da ciência e do trabalho acadêmico (Oliveira, 2018); f) estímulo a debates e práticas de pesquisa aplicada em jornalismo, não somente entre pesquisadores, mas com outros atores e instituições do campo jornalístico; g) reforçar laços da pesquisa e da pós-graduação em jornalismo com a graduação.

Mesmo em tempos nebulosos para as políticas públicas em ciência, tecnologia e educação no Brasil, as pesquisadoras e os pesquisadores em jornalismo precisam manter suas atividades, investindo no fortalecimento dos debates no campo, não somente entre os pares, mas nas múltiplas dimensões em que o jornalismo está presente na vida cotidiana de sujeitos e das instituições, pois não existe ciência ensimesmada. Como afirma Álvaro Vieira Pinto (1979, p. 252), ressaltando o caráter transformador do trabalho do pesquisador, “a ciência é produto da sociedade que a segrega, mas dialeticamente, por ação recíproca, contribui decisivamente para transformar, para elevar a sociedade onde se forja”.

## Referências

BRASIL. Ministério do Trabalho. Acesso à Informação. Número de Profissionais com Registro Profissional de Jornalista - nº do pedido 46800001483201882. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Item/displayifs.aspx?List=0c839f31-47d7-4485-ab65-ab0cee9cf8fe&ID=685927&Web=88cc5f44-8cfe-4964-8ff4-376b5ebb3bef>>. Acesso em 03 nov. 2018.

DEMETER, Marton. So far, yet so close: international career paths of communication scholars from the Global South. *International Journal of Communication*. V. 13, p. 578-602, 2019. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/10181/2549>

FRANCISCATO, Carlos; GROHMANN, Rafael; GADINI, Sergio. A institucionalização da pesquisa em jornalismo em programas de pós-graduação. In: LAGO, Cláudia; MARTI-NEZ, Monica. *Jornalismo: silêncios, censuras e potências*. São Paulo: Balão Editorial, 2017, p. 124-145. Disponível em: [http://www.balaoeditorial.com.br/downloadable/download/sample/sample\\_id/10/](http://www.balaoeditorial.com.br/downloadable/download/sample/sample_id/10/)

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. *Perfil do Jornalista Brasileiro*. Florianópolis: Insular, 2012.

OLIVEIRA, Thaiane. Midiatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico da era digital. *MATRIZES*. V. 12, n. 3, p. 101-126, set/dez 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/147868/149823>

PONTES, Felipe S; ALMEIDA, Gabriela. A pesquisa acadêmica sobre jornalismo na pós-graduação brasileira: dados sobre as teses e dissertações publicadas nos programas de Comunicação e Jornalismo (1972-2015). *Estudos de Jornalismo e Mídia*, v. 14, n. 2, jul-dez, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p09>.

SHAPIRO, Ivor. Why democracies need a functional definition of Journalism now more than ever. *Journalism Studies*, 2014, Vol. 15, No. 5, 555-565. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2014.882483>.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

## **Oficina:**

### **Para compreender as revistas científicas: sistemas de indexação, Qualis e fluxos editoriais**

Fábio Henrique Pereira

#### **Introdução**

O objetivo da oficina, realizada em São Paulo durante o Congresso da SBPJor, foi discutir o papel dos sistemas de indexação e avaliação de periódicos no processo de comunicação científica. Em um contexto marcado pelo aumento expressivo do número de revistas acadêmicas e do fortalecimento de injunções em relação à produtividade no meio acadêmico (a lógica do “publish or perish”), é cada vez mais importante escolher um “bom” periódico. Esse tipo de escolha terá certamente consequências na construção de um projeto de carreira como pesquisador.

Na oficina, foram apresentadas três estratégias para ajudar o jovem pesquisador a decidir onde publicar: 1. Pelo mapeamento de chamadas de trabalho de seu interesse; 2. Pela consulta ao Qualis-CAPES; 3. Pela busca de periódicos indexados em bases de dados internacionais e seletivas. Discutiremos rapidamente as três estratégias, lembrando que elas não são excludentes.

Ao longo do ano, temos acesso a uma grande quantidade de chamadas à publicação em dossiês e números especiais de revistas científicas. Submeter artigos a essas chamadas específicas pode ser uma forma eficaz de ter o trabalho publicado; a concorrência, dependendo do tema, costuma ser menor, bem como o tempo médio de processamento dos artigos. Além disso, um artigo publicado em um dossiê temático terá mais condições de ser lido (e citado) por pesquisadores interessados pelo tema, além de representar uma estratégia de posicionamento na área, uma forma de ser publicamente reconhecido como um especialista no tema do dossiê. O problema é que o autor depende da existência/publicação de chamadas de trabalho do seu interesse para poder submeter – o que pode ser complicado se ele trabalhar com temáticas de estudo marginais. De fato, a circulação e as chamadas de trabalho refletem as dinâmicas acadêmicas da área que tendem a privilegiar determinadas temáticas. Outro problema é a fragmentação das chamadas de trabalho em sites de revistas, listas de e-mails e páginas de redes sociais, o que dificulta o trabalho de mapeamento dessas comunicações. De vez em quando surgem projetos para reunir essas informações em um mesmo local, mas esses sites geralmente têm vida curta.

A segunda estratégia consiste em escolher o periódico a partir da consulta da lista de revistas avaliadas no Qualis-CAPES. Ao fazer isso, o pesquisador alinha suas produções às exigências da área em relação à produção qualificada em nível de pós-graduação. Conhecer os periódicos classificados nos extratos

superiores do Qualis permite construir listas de prioridades de submissão. Por outro lado, em modo geral, esses periódicos costumam ser bastante rigorosos e requisitados, o que reduz a taxa de aprovação de artigos e aumenta o tempo de processamento de submissões – podendo chegar a três anos entre o envio dos originais e sua publicação. A lista do Qualis também possui lacunas: nem sempre considera periódicos de alto nível, como algumas das revistas mais importantes da área – Journal of Communication, New Media & Society. Por outro lado, alguns jornais bem classificados no Qualis possuem pouca relevância internacional...

Outra forma de escolher um bom periódico é acessar os principais indexadores científicos internacionais (Web of Science, Scopus, Scielo) e buscar revistas que atendam às temáticas específicas do artigo a ser submetido. De fato, a lista de periódicos Qualis de alto nível pode ser bastante restritiva e uma olhada no contexto mais amplo do mercado internacional de revistas permite ampliar bastante o escopo de escolha. Além disso, esses indexadores costumam reunir os melhores periódicos da área, classificados por meio de indicadores como Fator de Impacto ou Índice H – estão, portanto, menos sujeitos às flutuações da política de avaliação de revistas científicas no Brasil. Boa parte delas também costuma ser bastante respeitosa em relação aos prazos de avaliação e processamento das submissões. Mas adotar esse tipo de estratégia também oferece riscos. Na verdade, um artigo submetido a esses periódicos enfrenta uma concorrência internacional, com avaliações bastante rigorosas. Boa parte dos artigos não chega à etapa de avaliação cega, sendo eliminado já no desk review. Além disso, para participar do mercado internacional de publicações científicas é necessário se submeter a um outro conjunto de exigência: os artigos devem ser redigidos em inglês (e traduções mal feitas não são aceitas), serem formatados de acordo com os modelos canônicos do texto científico, apresentarem maior rigor metodológico, analítico etc.

### **Considerações finais**

Como comentamos no início deste texto, a escolha de um periódico está estreitamente ligada às estratégias de carreira de um pesquisador. Publicar em uma revista bem avaliada no Qualis faz muito sentido para quem está vinculado a um Programa de Pós-graduação. Da mesma forma, publicar em periódicos indexados permite dar visibilidade internacional à produção do autor. Ou seja, é por meio da execução eficaz dessas estratégias que determinadas reputações são construídas junto aos pares cientistas. Por outro lado, ao se prender demais às lógicas do mercado editorial o autor corre o risco de colocar em segundo plano a principal finalidade da publicação de um artigo científico: permitir a circulação de ideias e colaborar com o avanço do conhecimento. Nesse sentido, é importante manter o espírito crítico frente às injunções produtivistas do campo acadêmico.



## Conferência de abertura:

### The Janus Nature of Literary Journalism: Narratives of War and Conflict.

John S. Bak<sup>1</sup>

Several years ago, I wrote in an introduction to a book that “Facts and truths are the luxuries of democracies” (BAK, 2011, p. 4). Less than a decade later, I no longer believe that to be the case. Facts and truth have become the luxuries of utopias; democracies content themselves now with likable tweets and sound byte loops. Was I naïve back then, or has the world really changed that much in so short a time? Perhaps a bit of both.

For when the leaders of democratic nations unabashedly lie and suffer no accountability, or preach that “truth is not truth” and are cheered on for their insolence, how can we ever hope to reconcile this ever increasing split between fact and prejudice, truth and demagoguery, left and right? When false claims and fake news flood the internet regularly, spreading hate, inciting fear, and exacting retribution, how can we counter the hysteria, calm the waters and restore capital importance to the simple, but evasive, fact? And when more and more people seek out echo chambers to confirm their biases, rather than news sources to inform or interpret the world, how can we, as educators writ large, artists and journalists alike, convince a collective body politic all too willing to overlook, or worse, even to care, what runs counter to logic or reason or even good sense? Perhaps the more significant question is: why are all these reasoning, civic-minded people so willing to ignore that distinction altogether?

Literature has historically been revered as the antidote to lies, political or otherwise. Fiction may not be factual, but it does contain truth, a truth that respects no borders, bears no prejudice and restores faith in who we are, where we have been, and where we are going. And yet, despite its potential for good intentions, literature of the past century has been largely ineffectual in its attempts to stop wars, thwart pogroms or dethrone dictators. The pen, or our computer keyboard, is not mightier than the sword, or the IED, or the drone, as Edward Bulwer-Lytton once said. Why? Because fiction functions best after the tragedy has occurred; literature instills in us a nostalgia for the time just prior to the event that reshaped our lives – or guilt for not having been able, or willing, to alter its course. Art for peace’s sake is passive art, art lit with candles instead of lightening, art dedicated to building memorials, not monuments.

---

<sup>1</sup> John S. Bak, PhD, is professor at the Université de Lorraine in France and founding president of the International Association for Literary Journalism Studies (IALJS). His edited books include *Literary Journalism across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences*, co-edited with Bill Reynolds (Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011).

Unlike literature, journalism has proven to be an effective preemptive weapon against war and political strife. Read more widely and on a daily basis, journalism touches more peoples' lives than literature does. It can even function before a tragedy and help prevent it. Where literature is active, journalism is proactive in promoting change. But in touching lives, journalism can also sow seeds of doubt and dissention. Fact becomes opinion, truth becomes exaggeration, and integrity becomes political alliance. If reaching more people daily means supplying them with slanted, tainted or even false messages, then journalism can no longer boast about its advantages over literature. Journalism loses its *raison d'être* and becomes, like fiction, a passive recorder of history.

If fiction is impotent in altering history, and print and media journalism have become just another sounding board for political derision and slanted news, fake or otherwise, what other media genre out there can restore the ethical contract between writer and reader, a covenant which promises to inform, if not unbiasedly, then at least factually? What, along the communication spectrum, can influence political policy or sway public opinion, but through ethos rather than pathos alone? I would argue that literary journalism is that media genre. It possesses qualities of both literature and journalism and thus can double its strengths and counter-balance its frailties when combating fake news. As artistic journalism, it has the power to alter an atrocity before it happens by influencing more people with incontestable facts disguised as enlightened fiction; as journalistic art, it can supply posterity for those facts by aligning them to a universal truth, a memorial that becomes a monument. Unfortunately, though, literary journalism has not yet reached its full potential. Why? Because it is still being read as separate entities: either as a journalism that records the recent past, albeit in long-form, like history, or as a literature that elevates that past to capture, like fiction, human folly or magnanimity. Either way, literary journalism is still seen as preserving the recent past in *aspic*.

But must literary journalism be forced to reside in the preterit? To put it another way, must the "literary" of literary journalism be deemed tautological, a mere recorder of events? I would argue no. Literary journalism, for me, is neither a fancy form of journalism, nor a realistic brand of literature. It is a compound noun, like round table or science fiction – a singular, holistic concept. It has the obvious power to capture history, but it can also expose the present and, more importantly, predict the future. It is journalism without a shelf-life or sell-by date; it is history happening now; it is literature for tomorrow. It is the future perfect, a grammatical tense that indicates when a future action will have been completed, a past forever weighing upon the present.

Rachel Carson's 1962 book *Silent Spring*, to give one example, detailed the practice of using pesticides on our crops to essentially warn us of the ecological nightmare we were then living, as much in the heartland of America as in

the Amazonia of Brazil. But her book also shows us a glimpse of our future, the catastrophic chain of events that one uncorrected ecological screw-up can commence. Just ask the bees or the polar bears. Her book, like much of literary journalism, is Janus-like: it looks to the past to explain the present and warns us of an uncertain future. It doesn't just document an atrocity to stop it from happening again. It shows us where our next steps will alight should we not rethink our current trajectory. In this sense, literary journalists are poets who point the way for us, all the while pretending to be historians looking back over their shoulder. Literary journalism resides in the conditional and in the preterit.

What this dual-nature implies is that no literary journalistic text can stand on its own. A fortune teller speaking to the wind becomes just another crone to those who cannot hear her words. The text is a reality constructed between writer and reader, where both occupy the center of the recorded experience. For literary journalism to fulfill its Janus-like nature, it needs active readers who are willing to find value in its dual function as journalism of today and art of tomorrow. The late John Pauly, an early pioneer of literary journalism theory, once posited that literary journalism "has often embodied a sense of moral purpose" (PAULY, 2014, p. 590), and it is the responsibility of the reader to decode that purpose.

And therein lies our greatest challenge today: to find more readers willing to accept that responsibility. In other words, we will need to convince existing literary journalism readers of the genre's dual-nature and unlocked potential. But we must also persuade other readers, who have neglected or rejected literary journalism because of its presumed left-leaning message, that literary journalism is not an echo chamber of liberalism. For them, reading literary journalism is akin to staring into a political mirror only to see one's ideologies reflected back, rather than to gazing out a window onto the political landscape. While it can be the former, it is undeniably also the latter.

To be sure, literary journalism's DNA is deeply rooted in the *neue sachlichkeit* ("new objectivity") and Marxist reportages of postwar Europe, as John Hartsock notes in his history of U.S. literary journalism:

One reason why the form prospered among proletarian writers is that communists distrusted the idea of a bourgeois "objective" journalism whose rise during the 1920s became the professional standard for the capitalist media, particularly in the United States. From the Marxist perspective, a dispassionate "objective" journalism was an ideological ruse for concealing the true depths of the miseries of the struggling proletariat. (HARTSOCK, 2011, 31; cf. LAUGHLIN, 2002, p.12)

This leftist tradition of literary journalism was solidified, at least in the northern hemisphere, during the Spanish Civil War, with communist sympathizing journalists finding more international audiences than their right-wing counterparts. Familiar to us today are Ernest Hemingway's NANA dispatches (1936-37) and George Orwell's *Homage to Catalonia* (1938) but perhaps not Eoin O'Duffy's *Crusade in Spain* (1938). Why? Because the first two are left-leaning stories and the second one not? No. We appreciate Hemingway and Orwell today more for their artistic voices than for their journalistic integrity; and yet, their words recorded the history of one war and presaged another waiting in the wings. The narrativity of their texts has simply proved more affective over time than traditional journalism in bringing readers to the news and keeping them there. Stories have a universal appeal and outlive timely facts. And when the stories are the facts, as in literary journalism, then readers are given the facts of a story without their always being aware of it.

Arguably, literary journalism's liberal roots have risked its dismissal by roughly half of a given democracy's population. And if it fails to reach across the political fence and reunite all readers, not only will its journalism of fact not carry an impact, but its potential as a literary seer will also be ignored. We can avoid this from happening if we manage to remove the liberal label from literary journalism. Doing so would surely help win over center and center-right readers, all without altering literary journalist's progressivist ideologies. Literary journalism must, then, practice an artistic and political legerdemain: provide both left- and right-leaning readers with a two-way mirror that tricks them into thinking that they are seeing their own political reflections but which actually looks out, as through a window, onto the world of the Other.

The problem, though, is more complex than simply coaxing or duping readers outside of their political bubbles. We still have to bring those readers to the texts in the first place. Even if there are enough open-minded readers out there in every country willing to venture along the political spectrum, are there at least enough literary journalistic texts now to afford them safe passage? David Abrahamson posited in the article "The Counter-Coriolis Effect: Contemporary Literary Journalism in a Shrinking World" that literary journalism opposes the Coriolis effect, the "geophysical phenomena" where "ocean currents, global winds, and so on ... deflect to the right in the Northern Hemisphere and to the left in the Southern Hemisphere" (ABRAHAMSON, 2011, p. 81). Abrahamson uses this scientific fact as a metaphor to explain the "counter" effect of literary journalism, that is, a leftward, counter-clockwise directed reportages written in the North, and the rightward, clockwise directed reportages written in the South:

... in the Northern Hemisphere, ... there is a tendency generally for much literary journalism to represent views from the left side of the political spectrum; the authors' perspectives can often be characterized as progressive, secular, reformist, and critical of existing institutions. In the South, ... however, a fair amount of literary journalism tends to perceive reality from a rightist point of view. The perspective is often conservative, traditionalist, and self-critical. (ABRAHAMSON, 2011, p. 81)

While Abrahamson “freely” admits that “there are many problems with [his] thesis” (ABRAHAMSON, 2011, p. 81), today, several years now into international literary journalism studies, we can largely refute his argument, as I have already refuted mine at the beginning of this talk. There are as many right-leaning literary journalists in the North as there are left-leaning ones here in Brazil. If anything, there are significantly more politically left authors throughout the Southern cone writing Portuguese *jornalismo literário* or Spanish *crónicas* than there are right-wing literary journalists in either hemisphere.

For instance, John Pauly made a convincing argument that the traditionally left-identified New Journalists – Joan Didion, Tom Wolfe and Norman Mailer – are actually more right-leaning. The targets of their books are the left, be it Didion's reckless hippies, Wolfe's zoned-out Pranksters, or Mailer's white-guilt burdened rich liberals. Pauly's view is that scholars have focused only on the experimental style of the New Journalists over the years. This has led some to dismiss the New Journalists as a leftist “tie-dyed duffel bag of ornamental doodads (PAULY, 2009, p. 590)<sup>2</sup> . Instead, Pauly argues, New Journalism emerged mostly out of a nation in conflict, not just socially and politically, but also journalistically: “They proclaimed the need not just for experimental literary styles but for an underground press, advocacy journalism, journalism reviews and newsroom democracy” (1990, p. 111). His focus is not on the “aesthetic discourse” of New Journalism but rather its “social” discourse (p. 116). Today, “... the social, economic and political moment of the New Journalism has disappeared, leaving only traces of its existence ...[,] on the left a nostalgia for the recklessness of lost youth, on the right a chorus of smug I-told-you-sos” (p. 121). The failure of the “recurring political dream of the left, in which avant-garde art allies itself with grass-roots politics,” was that it “created a style of cultural politics that simulated rather than accomplished participation” (p. 124). If Pauly is correct, and I think he is, for several generations we have been drawing liberal inspiration from writers who cleverly disguised their right-leaning politics. See? Legerdemain at work<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Pauly argues that “we need a more institutionally situated history of literary journalism to place alongside our studies of writerly technique” (p. 590)

There are surely right-identifying literary journalists in both hemispheres. The United States, for example, has Dexter Filkins and the conservative satirist P. J. O'Rourke, whose summed up America's reponse to the Bosnian war as the "unspellables killing the unpronouncables." Brazil has its William Waack, Peru its Mario Vargas Llosa, and Trinidad its V. S. Naipaul, whose Islamphobic reportage, *Among the Believers*, prompted the critic Geoffrey Wheatcroft to pen these words: "Naipaul is both: a true aesthete and a true prophet. Or, it might be better to say, a true seer, not less so – maybe all the more so – for being such an unpopular one" (WHEATCROFT, 2002, 89). Being a seer does not always imply bringing good news. Advocates of global warming can attest to that.

It is safe to say, though, that more left-leaning literary journalism is being written today, which is why many readers across the political spectrum still see it as a liberal echo chamber. Am I calling for more right-leaning literary journalism to be produced to balance off the predominant left-leaning reportage already out there? Yes ... sort of ... but not for political gains as such. Really. One that is more like the New Journalism of the 1960s in the United States. There is surely enough conservative news already for neo-fascists to gorge themselves on<sup>4</sup>. But let's face it, literary journalism was never going to reach them anyways. Literary journalism can, though, attract those readers who politically waiver – center-left to center-right, or vice versa – and, in most democracies today, theirs are the votes that swing elections. We saw it swing to right in the United States two years ago with the election of Trump. We just saw it correct that swing by moving back to left again just last night during the mid-term elections....

It is my belief that if readers on both sides of the political spectrum continue to see literary journalism as only a liberal echo chamber, we risk losing half of our potential readers. And if that other half, from confirmed center-right thinkers to populist extremists, shutters to even touch a literary journalistic book or article, then none of the facts implicit in each and every word of the text will ever reach them. Again, whispering fortunes to the wind. Facts, not politically spun aphorisms, are what the democratically minded countries of this world need to recalibrate their moral compasses. Literary journalism can restore faith

---

<sup>3</sup> John Pauly concludes that in the United States "social and political unrest created a market opportunity for both writers and publications" of the New Journalism (PAULY, 2014, 592), a point echoed by Edvaldo Pereira Lima in the meteoric rise of Brazil's own *novo jornalismo* in *Abril's Realidade*: "Its pages depicted a country unknown to most of its inhabitants, as well as the exciting international social and political tensions of an era of agitation and change around the world. The magazine helped Brazilians discover their country's many faces ...." (LIMA, 2011, 175). Since New Journalism emerged out of a period when the United States was at war with itself, in the same way that *Realidade* responded to Brazil's mounting crises with the censoring junta, perhaps we will see a new generation of literary journalism and *jornalismo literário* responding to what both countries are currently experiencing: a cold civil war, a mounting rift between right and left, bourgeois and working class, men and women, white and black. The 1960s are back again, but there are fewer flower children espousing a dialogue of peace and love.

<sup>4</sup> As evidenced in any of the daily headlines of *The National Review*, *The Weekly Standard*, *The Spectator*, *The American Conservative*, *The New American*, *The Christian Science Monitor*, *Commentary* or *The Washington Times* or on Fox News, Sky or Rede Globo.

in the truth, and the facts that gird them, but only if we manage first to bring more readers to their pages.

Literary journalism is smart journalism. I do not mean it is for smart people. I mean it makes us think, especially when we are unaware of its politics. So as long as there is someone on the other side of the aisle saying smart things that I might not essentially agree with, at least, with literary journalism, we can agree that the facts upon which we based our smart ideas create a common ground between us. Again, I am not praising right-leaning literary journalism, just as Wheatcroft himself feels slightly guilty about praising a writer like Naipaul: “‘Liberal’ has more than one sense,” Wheatcroft writes, “the first really rather trivial. In American parlance the word has come to mean ‘progressive,’ or ‘leftish,’ and also what we now call politically correct and multi-cultural. Plainly, Naipaul has done everything he can to make himself unpopular in the circles where those definitions apply” (WHEATCROFT, 2002, 92). Naipaul’s is smart journalism, though, if only because it makes us think, and in thinking, we work to counter his logic to solidify our own. Texts like his not only provide a glimpse into the workings of a conservative mind for a liberal, but they can also educate the left to the rhetorical strategies used by the right in arguing their case and in persuading their electorate with logical, as opposed to the too-often emotional, appeal.

Such cross-political reading would also help to show the conservative right that not all literary journalism is a voice of social liberalism, and that facts and the truth are still the foundations upon which we must all build our political interpretations of the world around us. Perhaps, upon finishing the reportage, a reader, left or right, may move one step, in either direction, along the political spectrum. But at least that move will be motivated by factual reporting. And it is that political influence of literary journalism which interests me the most. Why? Because all too often politicians and voters alike hunker down in their comfortable echo chambers or ideological trenches – not unlike those trenches that scarred northern Europe or the State of São Paulo years ago – and prepare more for combat than for conversation.

Dispersing readers along the political spectrum would remove the us versus them dialectic that we are currently facing in nations around the world. And one of the great things about being Janus-like is not just possessing the ability to look back to the past and forward to the future, like January or Janeiro, but also to look left and right. In short, in talking about the past, either from a liberal or a conservative perspective, literary journalism could, ideally, be shaping the future.

## References

- ABRAHAMSON, D. The counter-Coriolis effect: contemporary literary journalism in a shrinking world. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. *Literary journalism across the globe: Journalistic traditions and transnational influences*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011, p. 79-84.
- BAK, J. S.; REYNOLDS, B. *Literary journalism across the globe: Journalistic traditions and transnational influences*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011, p. 79-84.
- CHEN, P. Social movements and Chinese literary reportage. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. *Literary journalism across the globe: Journalistic traditions and transnational influences*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011, p. 148-61.
- CHAOLIN, Z. Chen Duxiu and the Trotskyists. In: BENTON, G. *Prophets unarmed: Chinese Trotskyists in revolution, war, jail, and the return from limbo*. Leiden/Boston: Brill, 2005, p. 594-684.
- DEVLIN, A. J. *Conversations with Tennessee Williams: Playboy interview [1973]*. Jackson: University Press of Mississippi, 1986, p. 224-50.
- HARTSOCK, J. C. Literary reportage: the "other" literary journalism. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. *Literary journalism across the globe: Journalistic traditions and transnational influences*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011, p. 23-46.
- KEEN, S. Narrative empathy. In ALDAMA, F. L. *Towards a cognitive theory of narrative acts*. Ed. Austin: University of Texas Press, 2010, p. 61-93.
- LAUGHLIN, C. A. *Chinese reportage: the aesthetics of historical experience*. Durham: Duke University Press, 2002.
- LIMA, E. P. One hundred and twelve years of nonfiction solitude: a survey of Brazilian literary journalism. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. *Literary journalism across the globe: Journalistic traditions and transnational influences*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011, p. 163-84.
- PAULY, J. J. The New Journalism and the struggle for interpretation. *Journalism* v. 15, n. 5, 2014, p. 589-604.
- PAULY, J. J. The politics of the New Journalism. In: SIMS, N. *Literary journalism in the twentieth century*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 110-129.
- PAULY, J. J. Is journalism interested in resolution, or only in conflict? *Marquette Law Review*, 2009, v. 93, n. 1, p. 7-23.
- ROBINSON, P. *Poetry, poets, readers: making things happen*. Oxford: Clarendon, 2002.
- WHEATCROFT, G. A terrifying honesty: V. S. Naipaul is certainly no liberal – and herein lies his importance. *The Atlantic Monthly*, 2002, v. 289, n. 2, p. 88-92.



# 02

## O PRÊMIO ADELMO GENRO FILHO DA PESQUISA EM JORNALISMO

### **Panorama**

A Pesquisa em Jornalismo, sempre evoluindo.

Elizabeth Saad <sup>1</sup>

Premiações acadêmicas são importantes referências à evolução de um dado campo do conhecimento, indicando como a prática aproxima-se de inovações e tendências. O Prêmio Adeldo Genro Filho – PAGF tem sido para o campo do Jornalismo no Brasil um indicador do percurso que os estudos na área assumem. E, a edição de 2018 revelou o vigor e a atualidade da pesquisa em jornalismo, tão necessária para sustentar e avançar num campo que tem estado no centro de embates e debates destes últimos tempos.

Recentes acontecimentos e ações vinculados às questões da política e da geopolítica, às diferentes causas sociais, às questões de gênero – não só da mulher mas de todas as minorias que passam por discriminações, e aos embates econômicos, colocaram o jornalismo mundo afora num lugar de protagonismo, seja por seu papel legítimo de reportar a realidade, seja por seu combate ao processo generalizado de desinformação que permeia as plataformas sociais digitais.

---

<sup>1</sup> Professora Senior Titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e Coordenadora Geral do PAGF 2018

Não podemos fechar os olhos, tampouco atribuir unicamente às tecnologias digitais de informação e comunicação – e à dominação das plataformas sociais, como motivo central para a cena convulsa na qual o jornalismo se vê. Mas, já de há muito, temos discutido na pesquisa acadêmica e em muitos casos vivenciado no processo das redações jornalísticas como as tecnologias digitais tem alterado o fazer jornalístico, sua narrativa, ritmo, relacionamento com a audiência e a presença em espaços não tradicionais.

Tal intensidade de mudanças abriu – para o bem e para o mal – uma discussão epistemológica sobre como a sociedade constrói seus processos de aquisição de conhecimento e como o jornalismo em seus formatos clássicos contribui para tal episteme. As funcionalidades de interação e de modulação algorítmica, e os próprios modelos de negócio das plataformas sociais, acabam por criar um ambiente no qual tudo e todos podem expressar, opinar e disseminar sobre aquilo que cada um (e não o coletivo) considera como verdade, crenças e valores. Um ambiente no qual a máxima “todos podem ser jornalistas” emerge como uma sombra para o exercício formal do campo jornalístico e uma verdadeira clareira para a proliferação de processos de construção de conhecimento coletivo baseados na desinformação. A questão não é apenas o excesso de informações sustentado pela rede digital, mas sim a quantidade de storytellers alimentando a rede.

Aqui, o papel da pesquisa acadêmica atual e antecipadora é fundamental. E seu incentivo e divulgação por meio de premiações, a exemplo do PAGF, é uma das funções sociais das Universidades que tem o jornalismo em seus escopos.

O jornal norte-americano *The New York Times*, em sucessivas colunas de opinião e editoriais publicados nos últimos anos, vem reforçando e defendendo a legitimidade e a necessidade do jornalismo junto à sua audiência global: “Há necessidade de tratamento do campo jornalístico como o melhor canal para disseminar a informação credível e para ‘alfabetizar’ as audiências para um pensamento mais crítico.”

Aqui, é inegável o papel da pesquisa acadêmica de qualidade como propulsora do pensamento crítico na formação de jornalistas e, reforçando, premiações como o PAGF constituem reconhecimento de tal função.

Um pensamento crítico sustentado a partir das novas visões que o jornalismo no século XXI nos apresenta, visões discutidas academicamente e disseminadas para a sociedade. Os recortes contemporâneos para a pesquisa e a prática do jornalismo partem de um paradoxo, segundo o professor Alfred Hermida (2019, online), da Universidade de British Columbia, Canadá:

Aqui está o paradoxo do jornalismo no século XXI: a notícia está, ao mesmo tempo, em todo lugar e em nenhum lugar. Ela é fragmentada, atomizada, remediada em lugares, produtos e plataformas que não foram concebidos como espaços jornalísticos. O público não usa o smartphone ou vai ao Facebook para ler notícias. Tais plataformas são utilizadas para fins de sociabilidade, para comunicar e conectar. Assim, a notícia hoje é parte das práticas sociais cotidianas que ocorrem nas plataformas, onde só ganham evidência se estruturadas para um ambiente de conexão contínua<sup>2</sup>.

A edição 2018 do Prêmio Adelmo Genro Filho assumiu tal cenário e propôs neste ano a introdução de uma nova categoria de premiação – Pesquisa Aplicada, com o objetivo de estimular e reconhecer a pesquisa acadêmica focada diretamente em aplicações para as redações e o exercício profissional do jornalismo. A SBPJor, promotora do prêmio, espera com isso fomentar uma cultura de pesquisa focada nos processos, narrativas e ferramentas para o jornalismo que propiciem uma produção informativa identificada com o dinamismo vigente das práticas sociais, valorizando a informação como o melhor conteúdo para que tais práticas ocorram de forma ampla, credível e legitimada.

De tudo isso, a edição do PAGF 2018 resultou em 89 inscrições – número recorde, demonstrando o vigor de nossa pesquisa, principalmente nas categorias de Mestrado e Iniciação Científica com mais de 60% das inscrições. Outro ponto a destacar nesta edição foi a distribuição regional dos inscritos, premiando como consequência pesquisadores do Rio de Janeiro, Paraíba, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Indicadores do potencial de percursos futuros de nossos pesquisadores.

Estes bons resultados não seriam possíveis sem o trabalho intenso desenvolvido pela comissão julgadora do PAGF composta pelos professores doutores: Categoria Pesquisa Aplicada – Maria José Baldessar (UFSC), Ivan Paganotti (FMU/FIAM FAAM), Raquel Recuero (UFRGS); Categoria Doutorado – Suzana Barbosa (UFBA), Ana Carolina Rocha Temer (UFG), Zelia Leal Adghirni (UnB); Categoria Mestrado – Maria Elisabete Antonioli (ESPM), Luciana Carvalho (UFSM), Josenildo Guerra (UFRN); Categoria Iniciação Científica – Leandro Lage (Unama, vencedor do PAGF de doutorado 2017); Juliana Doretto (FMU/FIAM-FAAM), Mara Rovida (Uniso).

---

<sup>2</sup> Disponível em Special Issue: The Challenges Facing Journalism Today <https://journals.sagepub.com/toc/joua/20/1>. Tradução nossa.

Cabe ainda nomear os premiados e respectivos orientadores, cujos trabalhos poderão ser conhecidos neste livro. São eles:

Pesquisa Aplicada: Márcio Carneiro dos Santos - Universidade Federal do Maranhão; Doutorado: Adriana Barsotti Vieira orientada pelo Prof. Dr. Leonel Azevedo Aguiar - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Mestrado: José Cavalcanti Sobrinho Neto, orientado pelo Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva - Universidade Federal da Paraíba; Iniciação Científica: Gabriele Wagner de Souza, orientada pela Profa. Dra. Laura Storch - Universidade Federal de Santa Maria, e mais duas Menções Honrosas em IC: Tayrine Vaz Silva, orientada pela Profa. Dra. Regiane Lucas de Oliveira Garcez - Universidade Federal de Minas Gerais e Laura Duarte Uliana, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simonetta Persichetti - Faculdade Cásper Líbero.

Por ultimo, mas com todas as honras, destaco a premiada na Categoria Sênior do PAGF 2018, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Pires Dornelles - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, cuja trajetória como pesquisadora e docente merece todas as homenagens e reconhecimentos da comunidade SBPJor.

Encerrando esta jornada na coordenação geral do PAGF desejo boas leituras!

## **Pesquisadora Sênior**

### **A prática jornalística em paralelo à pesquisa científica universitária.**

Beatriz Dornelles<sup>1</sup>

#### **1.Introdução**

O objetivo deste capítulo é retratar, resumidamente, a trajetória profissional de uma jornalista, professora e pesquisadora da área, que desde o início passa pela imprensa do interior, até chegar ao Prêmio Adelmo Genro Filho, categoria sênior, 2018, a partir de lembranças na prática da reportagem, docência e pesquisa, funções totalmente complementares quando se aborda a Pesquisa em Jornalismo. O período relatado vai de 1978 a 2018, com muitas mudanças tecnológicas nesses 40 anos de profissão. E como destaca Saad (2018, p. 106):

A legitimidade do Jornalismo como instituição em nossa sociedade é imprescindível. A referência do Jornalismo é necessária numa cena contemporânea permeada pelas ações decorrentes da sociabilidade proposta pelas plataformas sociais digitais; pelo imbricamento das tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) aos processos informativos; pelas conseqüentes mutações sociais, políticas e econômicas; e pela alteração de paradigma ao considerarmos o comportamento social, a ressignificação de identidade e subjetividade dos indivíduos e a ressignificação dos conceitos dos espaços público e privado em nosso cotidiano.

Essa pesquisadora sou eu, saída do interior do Rio Grande do Sul, da fronteira-oeste do Estado, da cidade de Alegrete, bem próxima da Argentina e do Uruguai, conhecida por preservar a tradição, a cultura e sua história. Por vocação ou não, o município ofertou ao Brasil e ao nosso estado, com muito destaque, professores, políticos, cientistas, intelectuais, poetas, escritores, cronistas, bailarinos, artistas, músicos, cantores, atletas e muitos jornalistas e historiadores. Cresci acompanhando o trabalho social desses artistas, professores e políticos.

Para quem desconhece a história de Alegrete/RS, lá nasceu o político, diplomata, estadista Oswaldo Aranha (1894-1960), o primeiro ministro da

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa/PT (2009), Doutorado e Mestrado em Comunicação pela Universidade de São Paulo (1999), graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1982). Professora titular sênior do PPGCom da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É autora de 63 artigos publicados em periódicos, dois livros individuais, 20 capítulos de livro, organizadora de 11 obras. Orientou 51 estudantes entre mestrado e doutorado. Orienta TCC desde 1992.

Agricultura da República do Brasil, engenheiro, político e jornalista Demétrio Ribeiro (1853-1933, o advogado, político e abolicionista brasileiro Franklin Gomes Souto (1844-1915), um dos maiores poetas brasileiros, o tradutor e jornalista Mário Quintana (1906-1994), o jornalista esportivo e treinador do Botafogo de Futebol e Regatas e da Seleção Brasileira de Futebol João Saldanha (1917-1990), o ex-narrador esportivo Celestino Valenzuela, o ator Paulo César Pereio, o radialista e jornalista Clóvis Ramires Monteiro, o escritor Sérgio Faraco, o cantor, compositor, guitarrista e produtor musical Márcio Faraco e o violonista e compositor Ernani Apprato, entre outros.

No século 19, além dos nativos, a cidade abrigou de braços abertos personalidades de renome nacional e internacional, bem como no século 20. Viver nesse ambiente me fez desenvolver um interesse muito forte pela gente interiorana. Além disso, meu pai era músico, tradicionalista, dançarino de tango, bolero e valsa, e minha mãe, poeta e sonhadora, era cronista do jornal mais antigo do Rio Grande do Sul em circulação, a Gazeta de Alegrete, fundada em 1882.

Contudo, nos livros de história nacional do jornalismo, especialmente do século 20, e no ensino universitário, essa gente foi esquecida quase que totalmente. Será que o que existia não fazia jus à história? O fato é que nem mesmo nas escolas aprendemos quem construiu nossa cidade – situação que se repete em outros municípios do país. Quem eram aquelas pessoas que dão nome às ruas de milhares de municípios?

Um bom jornalista conhece a história de sua cidade, de seu Estado e de seu país, no mínimo. A cada acontecimento, pode-se apoiar na história para avaliar seu contexto. Verificamos a cada dia como os fatos não podem ser esquecidos pelos jornalistas. Afinal, os profissionais de nossa área são os primeiros a tentar encontrar culpados para as tragédias que resultam de ações humanas. Não raro, comportam-se como se fossem juízes: acusam e dão a pena. Conjecturam por vezes de forma irresponsável a culpa de qualquer pessoa. Neste percurso, podem chegar a destruir vidas, porque não esperam o julgamento do poder competente. Assistimos a esse comportamento recentemente, com o rompimento da barragem de Brumadinho<sup>2</sup>, três anos depois do rompimento da barragem de

---

<sup>2</sup> Barragem da mineradora Vale, em Minas Gerais, rompeu no dia 25 de janeiro de 2019.

Em 4 de fevereiro, os bombeiros já haviam localizado e identificado 120 corpos. Há ainda 199 pessoas desaparecidas e outras 394 que foram localizadas com vida. Disponível em: [https://www.google.com/search?biw=1366&bih=576&tbm=nws&ei=opBYXI3cN6ny5gL0zrq4BA&q=Quan-tos+morreram+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&oq=Quantos+morreram+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&gs\\_l=psy-ab.3...6177.10650.0.12974.2.2.0.0.0.216.413.0j1j1.2.0...0...1c.1.64.psy-ab..0.0.0...0.ond3gb1bv-k](https://www.google.com/search?biw=1366&bih=576&tbm=nws&ei=opBYXI3cN6ny5gL0zrq4BA&q=Quan-tos+morreram+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&oq=Quantos+morreram+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&gs_l=psy-ab.3...6177.10650.0.12974.2.2.0.0.0.216.413.0j1j1.2.0...0...1c.1.64.psy-ab..0.0.0...0.ond3gb1bv-k). Acesso em: 4 fev. 2019.

Mariana<sup>3</sup>, ambas em Minas Gerais. O governo do estado é culpado, o governo federal é culpado, a Vale é culpada, os engenheiros são culpados, a falta de fiscalização é culpada. E a mídia? O que os jornalistas das principais emissoras de televisão, rádio e jornais fizeram nos três últimos anos em prol daquelas populações?

Isso nos leva a uma questão essencial hoje em dia: qual a função do jornalismo? Seria apenas alavancar acessos ao conteúdo de seus jornais digitais? E os pesquisadores do jornalismo, como contribuíram para mudança de comportamento da mídia neste mundo digital?

O professor e pesquisador do GRESEC - Grenoble, Bernard Miège, preconiza em sua extensa obra que a pesquisa científica contemporânea não pode prescindir de uma aproximação entre práxis, estratégias sociais e estratégias simbólicas, uma vez que o contemporâneo digitalizado indica que o consolidado papel de mediação das instituições sociais hoje também deve considerar os diferentes processos de midiatização decorrentes das mudanças paradigmáticas decorrentes da digitalização (SAAD, 2018, p. 106).

Não estou querendo acrescentar mais um na lista dos culpados, mas seria bom que os pesquisadores estivessem mais próximos da práxis jornalística. Parece-me que o papel do jornalismo na sociedade atual precisa de reflexão. Por que existimos? Para que serve nosso trabalho? Que estratégias profissionais estamos adotando em prol dos brasileiros?

Nos anos 70 e 80 do século passado sabíamos por que éramos importantes. Tínhamos estratégias de ação social e humanitária. Lutávamos por democracia, liberdade de imprensa, direito à informação. E agora? Qual o objetivo de nossas profissões de jornalista e pesquisador do campo da Comunicação?

---

<sup>3</sup> O rompimento da barragem em Mariana ocorreu na tarde de 5 de novembro de 2015 no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 km do centro do município brasileiro de Mariana, Minas Gerais. Rompeu-se uma barragem de rejeitos de mineração denominada "Fundão", controlada pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo, a brasileira Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton. O rompimento da barragem de Fundão é considerado o desastre industrial que causou o maior impacto ambiental da história brasileira e o maior do mundo envolvendo barragens de rejeitos, com um volume total despejado de 62 milhões de metros cúbicos. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento\\_de\\_barragem\\_em\\_Mariana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento_de_barragem_em_Mariana). Acesso em: 4 fev. 2019.

## **2. Jornalismo interiorano**

Quando cheguei à universidade, em 1978, para cursar a Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, percebi que eu poderia ajudar a diminuir a injustiça histórica com o jornalismo interiorano, pois ninguém se interessava por ele. E passei a prestar atenção no jornalismo praticado em cidades do interior.

Já sabia que nos jornais interioranos encontrava os costumes, o folclore e o cotidiano das diferentes comunidades. Faltava verificar como os jornalistas retratavam sua gente, suas cidades. E passei a pesquisar o que acontecia com o jornalismo fora da capital gaúcha.

A dedicação ao tema como pesquisadora em ambiente acadêmico precisou esperar. Fui para o mercado de trabalho exercer a reportagem, a mais nobre das funções do jornalismo, além da investigação, edição, revisão, diagramação, fotografia, seleção de notícias, fotografia e assessoria de imprensa.

Tudo começou em 1978, mesmo ano que ingressei na faculdade, ao entrar para Empresa Jornalística Caldas Júnior, nos jornais Correio do Povo, na Folha da Tarde e na Rádio Guaíba. E o que o destino me reservava? No meio do caminho fui promovida para atuar na redação da Central do Interior. E lá estava eu trabalhando com os repórteres do interior gaúcho.

Vários colegas da faculdade e da Caldas Júnior tiveram carreira brilhante. Em especial, destaco a figura de Alfredo Vizeu. Sentávamos juntos na sala de aula e éramos (somos) amigos inseparáveis. Ele se destacou desde o primeiro semestre, sendo guerreiro, companheiro, solidário, amigo e contestador. Até hoje não perdeu nenhuma dessas qualidades. Ajudou-me em vários momentos, incentivando-me a ter coragem de assumir funções que ainda não havia visto no ambiente acadêmico. E, recentemente, também foi ele que ficou muito próximo de mim em um momento extremamente decepcionante e desumano, onde sofri, pela primeira vez em minha vida, total falta de gratidão, solidariedade, compreensão, respeito, humanidade e noção da importância de uma vida dedicada ao jornalismo brasileiro e à academia.

Ilusoriamente, achamos que tais qualidades estarão presentes em todos os momentos da carreira profissional, ao longo da vida. Afinal, a grande maioria dos jornalistas formados na década de 70 e 80, do século 20, dedica seu conhecimento e trabalho em prol do bem comum. Somos mediadores sociais e a todos os momentos pensamos poder identificar os principais interesses do povo para poder representá-los, salvo as exceções.

Essa geração foi influenciada pelos livros, só para citar alguns teóricos desses jornalistas, de Luiz Beltrão, José Marques de Melo, Cremilda Medina, Adelmo Genro Filho, Umberto Eco, Eliseo Verón, Luiz Amaral, Walter Lippmann, Maxwell McCombs e Shaw, Harvey Molotch, Elihu Katz, Johan Galtung, Mari Ruge, Gaye Tuchman, Robert Hacken, David White, Warren Breed, Philip Schlesinger,



Stuart Hall, Michael Schudson, Luiz Gonzaga Motta, Michael Kunczik, todos os teóricos da Escola de Frankfurt, dentre muitos outros brasileiros e estrangeiros.

Um grande número de jornalistas que atuaram durante a ditadura, especialmente os da imprensa, são avessos à arrogância, qualidade de quem, por suposta superioridade moral, social, intelectual ou de comportamento, assume atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros. Essa geração de jornalistas trabalhava em equipe. Foi um momento de muita criatividade, pois constantemente tínhamos que driblar a ditadura militar. Foi uma época de união, não de competição. E isso os filmes nos mostram. O jornalista é frequentemente retratado como um idealista, um sonhador, em busca da verdade.

Das redações dos veículos da Caldas Júnior, fui direto para Brasília, como correspondente. Lá estive presente em várias coberturas importantes. Como a empresa que eu trabalhava, veio a falir, passei da Central do Interior para RBS, atuando na sua sucursal, nos jornais Zero Hora e Diário Catarinense, na Rádio Gaúcha e até com pequenos boletins para RBS TV. Estive também no Correio Braziliense, na Última Hora e na Rádio Planalto.

Atuei como repórter desde o governo do general João Figueiredo até Fernando Collor de Mello, como setorista no Congresso Nacional, no Palácio do Planalto, nos ministérios da Justiça, Educação, Meio Ambiente, Previdência Social, Saúde, Comunicações, Interior, Indústria e Comércio, Reforma Agrária, Trabalho, Minas e Energias, Cultura, Ciência e Tecnologia, Exército, Aeronáutica, Instituto Nacional de Meteorologia e Fundação Nacional do Índio, entre outras autarquias.

Acompanhei como repórter o último ano do governo do general João Batista Figueiredo, ainda na ditadura militar, a eleição para Presidência da República do Brasil de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, os 36 dias de agonia do novo presidente, sua morte, seu velório. Depois veio a posse na Presidência do Brasil de seu vice, José Sarney, as reformas ministeriais, o Plano Cruzado (1986) e demais acontecimentos políticos e econômicos daquele governo.

Aqui uma observação: fiz várias reportagens com os “fiscais do Sarney”, mobilização popular de homens e mulheres, nunca vista, que se encarregaram de fiscalizar o cumprimento do congelamento de preços diuturnamente. Denúncias de remarcação de preços ocorreram em todos os cantos do país e o Estado usou a força policial para conter os abusos do comércio. “Abílio Diniz, então, dono da rede de supermercados Pão de Açúcar, foi considerado inimigo número 1 da economia popular e estrangido publicamente” (SAFATLE, 2016).

O governo mandou a polícia procurar “boi no pasto de fazendeiros” que supostamente estavam sonogando animais para o abate. A situação vivenciada naquele período foi o que originou meu ingresso no mestrado, na Universidade de São Paulo (USP). Antes, porém, passei um ano na cidade de Washington (1989), capital dos Estados Unidos. Diariamente fiz pesquisas nos jornais The

New York Times, Washington Post e Washington Times, na Biblioteca do Congresso, em Washington DC, a maior biblioteca do mundo em espaço de armazenagem e número de livros. Naquela oportunidade, acompanhei como a imprensa estadunidense representava o Brasil nas questões sobre meio ambiente, analisando reportagens e editoriais.

Na volta, tive a honra de ser selecionada para o mestrado pelo professor e meu orientador, Wilson da Costa Bueno. Percebi, de pronto, que havia muita semelhança nos interesses de pesquisa com meu orientador. Seu mestrado intitulou-se “Caracterização de um objeto-modelo conceitual para análise da dicotomia imprensa artesanal X imprensa industrial no Brasil”. Seu doutorado foi sobre “Jornalismo Científico no Brasil: Os compromissos de uma prática dependente”. Eu fiz o inverso: jornalismo científico no mestrado e imprensa do interior no doutorado.

No mestrado, fui aluna de Boris Kossoy<sup>4</sup> e, estando envolvida com o noticiário nacional sobre o meio ambiente, motivada pelo professor, decidi pesquisar sobre “O mito da imagem de satélite e sua manipulação” pelas autoridades governamentais.

No mesmo ano que Fernando Collor foi eleito presidente do Brasil (1990), fui para São José dos Campos/SP, trabalhar como assessora de imprensa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Tive, então, um denso aprendizado sobre Ciências Espaciais e Atmosféricas, Previsão de Tempo e Estudos Climáticos, Engenharia e Tecnologia Espacial, Observação da Terra, Ciência do Sistema Terrestre, Rastreamento e Controle de Satélites, e o Laboratório de Integração e Testes. Estive seis meses na Itália, em Trieste, atuando como repórter freelance para Folha de S.Paulo e ministrando aula de português para italianos.

Vivenciei muitos episódios marcantes no INPE, envolvendo meio ambiente, satélites e clima. O principal deles foi explicar aos repórteres que não havia possibilidade, na época, dos satélites identificarem boi gordo ou magro no campo. O governo, para forçar os produtores de gado a venderem a carne que estava em falta no mercado, anunciou que iria detectar o gado por satélite.

Depois de sair do INPE, fui editora do jornal Vale Paraibano e repórter da Folha de S.Paulo, na sucursal de São José dos Campos. Foi quando fui para Washington. Na volta, retornei para Porto Alegre, quando comecei minha carreira acadêmica, tendo sido contratada pela Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e, por último, em 1993,

---

<sup>4</sup> Boris Kossoy (São Paulo, 1941) é um fotógrafo, pesquisador, historiador e professor. Dedicou-se desde jovem à fotografia. Em 1968 fundou o Estúdio Ampliart, atuando nas áreas de jornalismo, publicidade e retrato, paralelamente a uma carreira autoral. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sua obra integra coleções permanentes em instituições mundo afora, como o Museum of Modern Art (NY), Metropolitan Museum of Art (NY), Bibliothèque Nationale de France (Paris), Centro de la Imagen (México DF), Museu de Arte Moderna (SP), Pinacoteca do Estado (SP) dentre outras. Kossoy foi responsável pelo resgate histórico das pesquisas que comprovaram a invenção paralela da fotografia no Brasil por Hércules Florence com seus experimentos com métodos de “impressão pela luz”, em 1833, trazendo reconhecimento mundial a esse inventor. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Boris\\_Kossoy](https://pt.wikipedia.org/wiki/Boris_Kossoy). Acesso em: 5 fev. 2019.

pela Pontifícia Universidade Católica do Brasil. Paralelamente, fui readmitida no jornal Zero Hora, da RBS, para atuar no Caderno Vida. A equipe era formada por um editor e dois repórteres. Eu fiquei encarregada de fazer matérias científicas, com as universidades e institutos de pesquisa, além de textos educativos sobre doenças que acometem a população.

Em 1996 concorri a uma vaga na USP para realizar o doutorado. Fui selecionada pelo professor Jair Borin, meu orientador e excepcional professor. Foi nesse momento que passei a estudar cientificamente o jornalismo do interior. A tese intitulou-se “A prática do jornalismo interiorano no Rio Grande do Sul – Potencial mercado de trabalho para o próximo milênio”, que resultou no livro *Jornalismo Comunitário em Cidades do Interior*.

Em 2009, com bolsa do CNPq, parti para a cidade do Porto, em Portugal, para fazer meu Pós-doutorado na Universidade Fernando Pessoa sob a orientação do professor Jorge Pedro Sousa<sup>5</sup>. A pesquisa analisou o jornalismo on-line em cidades do interior de Portugal e Rio Grande do Sul. Na oportunidade, os jornais estavam em transição para o digital e Portugal estava mais avançado se comparado com jornais de várias cidades gaúchas – o que permanece ainda uma realidade para alguns jornais do Rio Grande do Sul.

Em 2010, criei um grupo de estudos na Pós-graduação da Famecos sobre o jornalismo interiorano no Brasil, utilizando-me de várias metodologias que incluem a história dos jornais e o desenvolvimento das cidades.

Atualmente continuo buscando pesquisadores interessados em estudar os jornais do interior nas regiões norte, centro-oeste e nordeste do Brasil. Infelizmente, o estudo dos jornais do interior não desperta grande interesse dos mestrandos e doutorandos, sendo, inclusive, menosprezado por vários pesquisadores que estudam o jornalismo nacional e internacional. Não só isso, a estrutura acadêmica da área de comunicação é toda voltada para temas que despertem o interesse dos estrangeiros, o que acaba tendo como resultado a discriminação pelas revistas científicas de artigos que tratam do jornalismo local. No entanto, continuo acreditando que é muito importante sabermos o que acontece em termos de jornalismo em 90% dos jornais brasileiros.

---

<sup>5</sup> Jorge Pedro Sousa é professor e pesquisador de jornalismo na Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal). As suas linhas de pesquisa englobam a teoria e história do jornalismo e a análise do discurso jornalístico impresso. A sua ideia mais notória é a de que toda a notícia, ou seja, todo o enunciado jornalístico é um dispositivo que resulta da interacção de várias forças, ou factores, cada um deles com peso variável no resultado final: 1) Acção pessoal de jornalistas, fontes de informação e outros agentes; 2) Rotinas produtivas; 3) Constrangimentos sociais organizacionais, como a hierarquia e o funcionamento da organização jornalística, a linha editorial, os recursos organizacionais e outros; 4) Constrangimentos sociais extra-organizacionais, como o mercado; 5) Ideologia(s) e cultura; 6) História; e 7) Outras forças, como os limites e possibilidades dos dispositivos tecnológicos usados na elaboração da notícia. Abstractamente, essa ideia pode traduzir-se numa equação em que a notícia surge como o resultado (produto) da multiplicação (interacção) de vários factores, cada um deles antecedido por uma variável que traduz, precisamente, o peso variável de cada um desses factores no resultado “notícia”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge\\_Pedro\\_Sousa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Pedro_Sousa). Acesso em: 5 fev. 2019.

Para finalizar, relembro que durante minha atuação como jornalista, alguns prêmios vieram, sem que eu tenha inscrito minhas reportagens, sempre com um forte viés sociológico: Prêmio Direitos Humanos, com reportagem sobre o Movimento dos Sem Terra, e o Prêmio Esso de Jornalismo sobre a Constituinte (Zero Hora). Na academia, recebi o Prêmio Ethos Valor, Honra ao Mérito pela Unesco e, em 2018, Prêmio Adelmo Genro Filho, categoria sênior. Além disso, várias grandes reportagens produzidas em Brasília tiveram repercussão internacional. Dentre elas, cito a reportagem sobre Pena de Morte, que estava sendo discutida pela Assembleia Nacional Constituinte , publicada no jornal Zero Hora, e outra sobre a importância de moradia para os moradores de favelas e os resultados que ela provoca.

Com este relato, dedico o prêmio Adelmo Genro Filho, atribuído em 2018, aos ex-alunos da graduação, a todos os colegas de profissão, aos dissidentes e ex-dissidentes do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUCRS. A minha gratidão a todos que praticaram comigo a ética, a solidariedade, o comportamento humanitário e o respeito.

---

<sup>6</sup> A Assembleia Nacional Constituinte foi instalada no Congresso Nacional, em Brasília, a 1º de fevereiro de 1987, com a finalidade de elaborar uma Constituição democrática para o Brasil, após 21 anos sob regime militar.

## Referências

DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires. *Jornalismo Comunitário em Cidades do Interior: uma radiografia das empresas jornalísticas*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2004.

KOSSOY, Boris. Biografia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Boris\\_Kossoy](https://pt.wikipedia.org/wiki/Boris_Kossoy)>. Acesso em: 5 fev. 2019.

REDE GLOBO. NÚMERO OFICIAL de mortos no rompimento da barragem em Brumadinho é de 134. *Jornal Nacional*. Rio de Janeiro: Rede Globo, G1. 4 fev. 2019, às 21h16. Disponível em:

[https://www.google.com/h?biw=1366&bih=576&tbm=nws&ei=opBYXI3cN6ny5gLOzrq4BA&q=Quantos+morreram+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&oq=Quanto+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&gs\\_l=psy-ab.3...6177.10650.0.12974.2.2.0.0.0.0.216.413.0j1j1.2.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.0.0....0.ond3gb1bv-k](https://www.google.com/h?biw=1366&bih=576&tbm=nws&ei=opBYXI3cN6ny5gLOzrq4BA&q=Quantos+morreram+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&oq=Quanto+em+Brumadinho+at%C3%A9+hoje+e+quantos+est%C3%A3o+desaparecidos&gs_l=psy-ab.3...6177.10650.0.12974.2.2.0.0.0.0.216.413.0j1j1.2.0....0...1c.1.64.psy-ab..0.0.0....0.ond3gb1bv-k). Acesso em: 4 fev. 2019.

ROMPIMENTO DE BARRAGEM em Mariana. Site Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento\\_de\\_barragem\\_em\\_Mariana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento_de_barragem_em_Mariana). Acesso em: 4 fev. 2019.

SAAD, Elizabeth. A pesquisa em jornalismo no Brasil, uma atividade em evolução. In: MARTINEZ, Monica; LAGO, Cláudia; STORCH, Laura (orgs.). *Direitos Humanos e a Pesquisa em Jornalismo*. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2018.

SAFATLE, Claudia. A experiência amarga do Cruzado. *Valor Econômico*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.valor.com.br/especial/planocruzado>. Acesso em: 30 jan. 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. Biografia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge\\_Pedro\\_Sousa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Pedro_Sousa). Acesso em: 5 fev. 2019.

# Pesquisa aplicada

## Métodos digitais e big data journalism: O conceito de distant reader aplicado à pesquisa na Comunicação.

Márcio Carneiro dos Santos<sup>1</sup>

### 1. Introdução

O avanço da ciência não se faz apenas por meio do seu desenvolvimento interno, baseado na consolidação progressiva do conhecimento produzido ou herdado, mas também a partir do alinhamento dos recursos que utiliza, no caso, seus métodos e técnicas, às transformações históricas que cada momento da humanidade oferece como cenário para estudo e apreensão. Na sociedade contemporânea reconstruída sobre fluxos de informação binária, fenômenos complexos, caracterizados pelo excesso de dados para análise, tornaram-se comuns entre os objetos da comunicação digital. Contudo, trabalhos recentes como os de Franciscato (2017), Machado (2016); Machado e Rohden (2016) mostram os estudos de caso e o olhar individualizado como escolhas majoritárias, em detrimento de abordagens que permitam a identificação de padrões mais gerais, baseadas em amostras significativamente mais amplas e, por isso, com maior potencial para gerar inferências, testar teorias existentes ou sugerir novas.

O presente texto apresenta um recorte (direcionado ao jornalismo) de um trabalho de caráter teórico e metodológico mais amplo, ainda em andamento, que problematiza a necessidade de incorporação de metodologias até então pouco comuns na Comunicação para a modelagem de pesquisas onde a situação do excesso de dados é uma das variáveis a considerar. Mesmo sabendo que tal direcionamento vai de encontro à agenda descritiva-interpretativa das Humanidades, principal pilar epistemológico de um campo que agora tem de olhar para objetos regidos pela lógica numérica.

Além da discussão proposta no texto, essa iniciativa contempla os princípios de um framework que considera três aspectos básicos: a) uma ontologia especializada dos objetos digitais; b) a configuração ou estrutura assumida pelos fluxos de informação/comunicação e c) a utilização de recursos computacionais intensivos, na linha do que definimos como métodos digitais (SANTOS, 2016), para identificação de padrões e tendências em grandes volumes de dados, utilizando o conceito de distant reader (MORETTI, 2007) como inspiração.

A discussão dessa temática recortada para o âmbito do jornalismo digital não se dá ao acaso. Foi o excesso de informação disponível no ambiente da internet, através dos portais de transparência e dos repositórios online ou ainda

---

<sup>1</sup> Doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP. Bolsista de Produtividade DT-2 do CNPq. Professor dos programas de Pós Graduação em Design, Comunicação - Profissional e Comunicação - Acadêmico (UFMA). Coordenador do LABCOM/DCS/UFMA. Email: mcszen@gmail.com.

nos acervos que foram convertidos para formas binárias de arquivamento, que levou os jornalistas a enfrentarem a necessidade de adaptar métodos de coleta e análise capazes de lhes proporcionar uma compreensão mais ampla dos cenários em que estavam trabalhando. A necessidade de iniciativas nessa linha pode ser justificada também por algumas condições verificáveis relacionadas à produção de informação a partir das redes: volume, variedade, velocidade; termos associados a outro conceito, o de big data, que de forma simplificada poderia ser definido como o conjunto de métodos, ferramentas e processos destinados a lidar com a verdadeira enxurrada informacional disponível hoje.

As possíveis conexões da área de big data com a atividade jornalística já tem sido estudadas sobre diversos aspectos. Para citar apenas alguns, poderíamos listar Coddington (2015) que analisa as diferenças entre reportagem assistida por computador, jornalismo de dados e jornalismo computacional; Lewis e Westlund (2015) que examinam as questões epistemológicas, técnicas, econômicas e éticas dessa relação e ainda Lima Jr. (2012), um dos precursores dessa discussão no Brasil, que já há alguns anos levantava a necessidade de atualização profissional e da aproximação com o campo das Ciências da Computação. Em termos mais gerais a aproximação das Ciências Sociais com a temática de big data também tem sido foco de muitos trabalhos como em González-Bailón (2013), que argumenta que a partir desse tipo de abordagem novas questões podem ser feitas e antigas revisitadas; Mahrt e Scharkow (2012) que discutem as situações onde a análise de grandes quantidades de dados pode ser útil ou ainda Bruns (2013) que problematiza as dificuldades em conciliar procedimentos e terminologia oriundos das ciências ditas duras ao trabalho acadêmico das Humanidades e Ciências Sociais.

Em paralelo, a necessidade de traduzir enormes massas de dados em formas de mais fácil apreensão para os consumidores de informação também levou esses profissionais a utilizarem ferramentas de visualização e infografia (RODRIGUES, 2009; CORDEIRO, 2013), capazes de traduzir, em imagens mais simples, padrões, tendências e inferências, num tipo de lógica de síntese já comum em áreas como a Economia e a Estatística.

Se em termos de técnicas a extração de dados (scraping) e a visualização têm se transformado em novas habilidades fundamentais para o jornalista digital, mesmo conhecimentos mais distantes como o de programação tem recebido interesse crescente entre os profissionais. Um exemplo a ser citado foi o curso de “Python for Data Journalists” promovido entre junho e julho de 2017 pelo Knight Center da Universidade do Texas que, na modalidade online e gratuita, conseguiu mais de 2.700 interessados entre profissionais de cerca de 120 países. Mesmo sendo o curso em inglês, ministrado pelo jornalista Ben Welsh do Los Angeles Times, o Brasil foi o segundo país com maior número de inscritos (319), indicando que tal necessidade não tem sido sentida apenas em redações da

América do Norte e Europa, mas também por grupos locais. A cidade de São Paulo, por exemplo, teve mais inscritos que Londres e Nova York.

name	total	percent	code	name	total	percent
United States	1064	0.388747	USA		513	0.187226
Brazil	319	0.116551	BRA	São Paulo	46	0.016788
Spain	104	0.037996	ESP	London	41	0.014964
United Kingdom	87	0.031787	GBR	New York	41	0.014964
Mexico	81	0.029594	MEX	Madrid	33	0.012044
India	70	0.025575	IND	Los Angeles	31	0.011314
Germany	63	0.023018	DEU	Rio de Janeiro	27	0.009854
Canada	62	0.022653	CAN	Austin	27	0.009854
Argentina	52	0.018999	ARG	Washington	22	0.008029
Nigeria	39	0.014249	NGA	San Francisco	22	0.008029
Australia	34	0.012422	AUS	Chicago	20	0.007299
Colombia	32	0.011692	COL	Washington, DC	18	0.006569
Ukraine	30	0.010961	UKR	Lagos	18	0.006569
Venezuela, Bolivarian Republic Of	28	0.010230	VEN	Buenos Aires	18	0.006569
China	26	0.009499	CHN	Brooklyn	17	0.006204
Italy	26	0.009499	ITA	Santiago	16	0.005839
Netherlands	26	0.009499	NLD	Toronto	15	0.005474
France	23	0.008403	FRA	Berlin	15	0.005474
Chile	23	0.008403	CHL	Seattle	14	0.005109
Portugal	22	0.008038	PRT	Brasília	14	0.005109

Tabela 1 – Participação de alunos por país e número de alunos nas principais cidades que tiveram inscritos no curso de Python para Jornalistas do Knight Center. Fonte: Welsh (2017)

Podemos perguntar então por que tais habilidades e práticas não tem se refletido na atividade acadêmica da área através da incorporação de metodologias e técnicas de coleta e análise de dados condizentes com o cenário contemporâneo de excesso de informações disponível e por que quando isso acontece dá-se de forma periférica, basicamente em abordagens meramente descritivas, que não operam efetivamente com a lógica do digital e com as particularidades dos seus objetos.

Partimos das seguintes premissas:

a) De que a formação não apenas dos profissionais e também dos pesquisadores da área naturalmente valoriza metodologias oriundas das Humanidades. O que de forma alguma é um problema mas, potencialmente, um limitador em função de determinados objetos de estudo do ambiente digital.

b) De que essa formação não tem se atualizado no sentido de gerar e incorporar métodos e práticas mais alinhados com as características inerentes desses objetos ou, nos termos de Santos (2016), de sua ontologia especializada, incluindo aí suas interfaces com questões de ordem tecnológica e econômica que impactam muitos dos fenômenos que nos propomos a estudar.



c) De que essa formação segue uma tendência reducionista onde o aprofundamento da análise individualizada deixa pouca margem para a apreensão das interconexões e interfaces desses fenômenos em termos coletivos, interna e externamente, dificultando a exploração de inferências, a avaliação e a reformulação teóricas; transformando o campo num enorme conjunto de estudos de caso que não permitem a visualização dos efeitos sistêmicos e coletivos das transformações por que passa o ecossistema de meios da atualidade, como apontam Franciscato (2017), Machado (2016) e Machado e Rohden (2016).

Diante dessas premissas o presente texto pretende colaborar alinhando alguns tópicos teóricos e metodológicos que poderão ser utilizados como um framework de orientação inicial para iniciativas de pesquisa que se arrisquem a explorar caminhos pouco comuns até então e que, seguindo em direção contrária ao fluxo principal dos trabalhos produzidos, enfatizam as visões de conjunto e a interconexão entre as partes; a utilização de conceitos focados nos aspectos da materialidade dos processos comunicacionais estudados e, por fim, a utilização de recursos computacionais mais robustos para execução de parte dessas atividades.

## **2. O CONCEITO DE DISTANT READER**

A utilização de métodos quantitativos nas Ciências Sociais e Humanas não é nova. Entretanto a disponibilidade de recursos computacionais intensivos e o surgimento de projetos de pesquisa interdisciplinares permitiram uma atuação em conjunto mais frequente com pesquisadores com outro tipo de formação, notadamente da Ciência da Computação, do Design e da Estatística; constituindo um cenário onde novas questões de pesquisa puderam ser feitas e uma leitura diferente dos dados disponíveis passou a ser possível.

Uma dessas iniciativas, descrita por Moretti (2007), surgiu de um inesperado encontro entre os estudos de literatura e a utilização de ferramentas computacionais para analisar a produção inteira de movimentos literários antes profundamente estudados, mas, sempre sob o olhar do especialista em determinado autor ou escola, a partir da análise de obras selecionadas consideradas mais representativas daquela produção. Um olhar próximo que se atém aos detalhes de um determinado texto ou, no máximo, a um conjunto pequeno de textos tidos como semelhantes. Utilizando ferramentas de visualização como gráficos, mapas e árvores, o autor conseguiu traduzir um grande conjunto de informações sobre esses objetos em visualizações que representavam descobertas nunca antes observadas. Partindo de amostras bem maiores do que seria a produção de determinado movimento ou escola literária, Moretti conseguiu um tipo de apreensão semelhante ao gerado pelo movimento de zoom out das câmeras de filmagem que, abrindo o ângulo de visão, consegue definir um quadro com mais informações e, principalmente, onde as partes que o compõem podem ser percebidas através das inter-relações que estabelecem com as outras partes

num “tipo de abordagem onde a distância não é um obstáculo e sim uma forma específica de conhecimento com poucos elementos mas uma apurada percepção do seu conjunto de interconexões” (MORETTI, 2007, pág. 2) .

Tal abordagem, descrita por alguns como uma herética mistura entre métodos quantitativos, geografia e teoria evolucionária, gerou gráficos como os da figura abaixo, onde estudos voltados a épocas anteriores identificaram as formas hegemônicas da literatura britânica entre 1760 a 1850, a distribuição dos gêneros novelísticos da produção inglesa entre 1740 e 1900 ou, mais recentemente um mapa com a penetração da comédia americana no cinema em diversos países do mundo, identificando, por exemplo, as dificuldades desse gênero nos países asiáticos.

Há que se observar que as amostras utilizadas para os referidos estudos são compostas de milhares de obras, o que seria um problema para a avaliação desse conjunto por um único leitor ou mesmo um grupo de pesquisadores. Para poder analisá-las individualmente tal equipe teria que passar toda a sua vida lendo o material, provavelmente sem conseguir terminar seu trabalho e muito menos identificar tais padrões mais gerais que só foram possíveis de apreensão através do processamento do grande volume de informações e sua posterior organização utilizando formas de visualização em gráficos e mapas como recursos de síntese e simplificação.

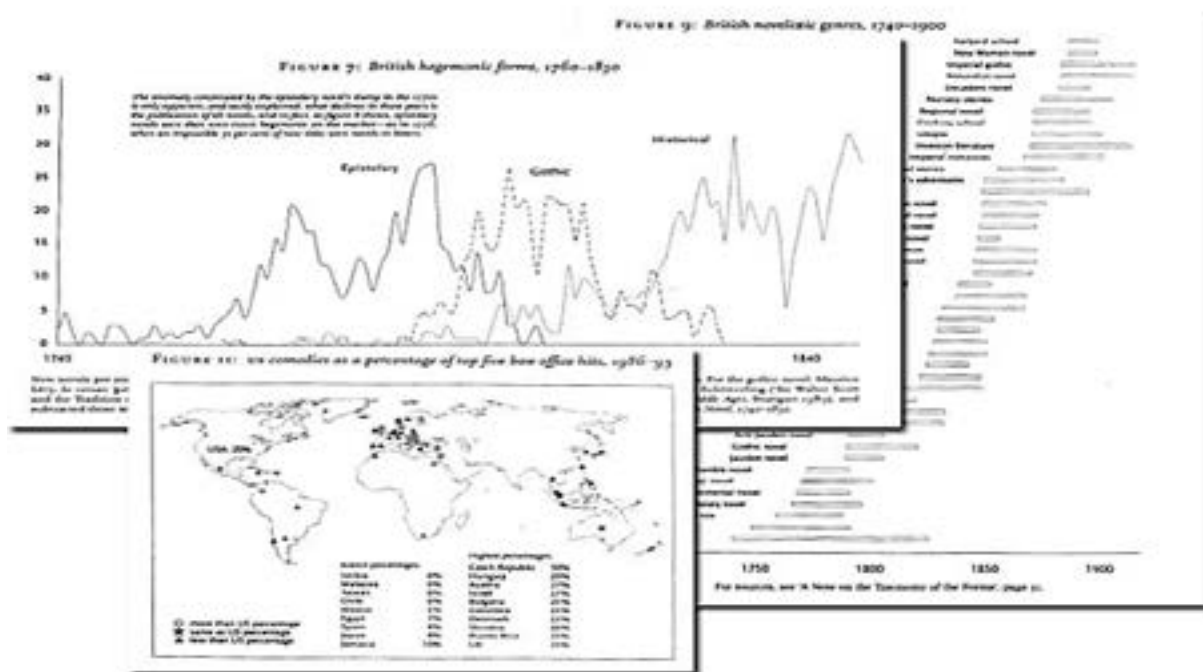


Figura 1 – Exemplos de gráficos e mapas gerados a partir do processamento de grande volume de informações sobre formas e gêneros narrativos. Fonte: Moretti (2007).

O conceito de distant reader proposto pelo autor, baseado na busca de padrões e tendências mais gerais a partir da estruturação de volumosos conjuntos de dados, pode ser replicado em outros campos além da literatura, entre eles o do jornalismo. Para efetivar tal empreitada algumas questões básicas devem ser listadas em termos metodológicos:

- . Como determinar o contexto onde se insere tal objeto e mapear suas interconexões ainda que de forma preliminar?
- . Como abordar grandes repositórios digitais ou arquivos com diferentes formatos de estruturação e deles coletar dados empíricos para análise?
- . Como operar sobre esses dados utilizando ferramentas computacionais que exijam baixo conhecimento específico e tem aplicabilidade geral?

### 3. ANÁLISE DE CONTEXTO

A apreensão de quadros semelhantes aos desenvolvidos pela experiência do distant reader relatada acima deve considerar os diferentes aspectos relacionados a determinado objeto de estudo e implica normalmente em algum tipo de visão sistêmica que orienta a percepção de um conjunto representado pelas inter-relações que ele (o objeto) estabelece com seu entorno.

Para o campo da Comunicação uma das formas viáveis de avaliar a produção de sentido no ambiente digital é estabelecer que forças atuam nesse processo a partir de três vetores básicos : tecnológico, econômico e cultural.



Figura 2: Representação do modelo de análise de transformações a partir de três vetores fundamentais. Fonte: do autor.

Poderíamos citar como exemplo o estudo de determinado conjunto de mensagens numa plataforma de mídia social. Analisar apenas os textos (vetor cultural), num esforço interpretativo bastante comum nos estudos da Comunicação, poderia levar a conclusões incompletas ou até erradas já que não se considerariam

aspectos tecnológicos e econômicos relacionados ao ambiente ou contexto onde essa produção se desenvolve. Avaliar apenas as intenções do autor sem considerar que naquele ambiente um software com regras específicas impacta a quem será exposta a mensagem (vetor tecnológico) e que tal procedimento está alinhado aos interesses da plataforma baseada num modelo de negócios, que vive da venda de inteligência de mercado e se alimenta a partir do crescimento da própria rede para manter a confiança dos seus acionistas (vetor econômico), pode comprometer seriamente qualquer esforço de análise, principalmente se tal iniciativa se basear em amostras pequenas e de baixa representatividade.

A contextualização a partir da busca da influência desses aspectos sobre determinado fenômeno estudado oferece um quadro mais claro das forças envolvidas, podendo tal relação inclusive ser formalizada e traduzida em termos quantitativos para modelagem de problemas como a definição de um índice de impacto de publicações em redes sociais.

Um desdobramento mais detalhado sobre esse tipo de análise contextual está no trabalho de Van Dick (2013) para estudar plataformas digitais de mídias sociais. Em situações assim a autora afirma que é preciso considerar diversos aspectos em dois níveis, que ela chama de micro e macro. No primeiro seria preciso avaliar questões como as características da própria tecnologia; o tipo de conteúdo que permite criar; bem como os usos e apropriações que dela advém. No segundo a análise incorporaria questões como a propriedade, ou seja, quem é o dono do aplicativo e que interesses representa; a governança, traduzida por suas regras de utilização e, por fim, os modelos de negócio que a sustentariam ou permitiriam ao dono obter retorno financeiro a partir do crescimento do processo de adoção.

Para discutirmos a relação da abordagem de big data com as pesquisas onde há grande quantidade de informação disponível aprofundaremos a análise do vetor tecnológico que impacta a estruturação dos dados, as possibilidades de coleta e principalmente a própria essência dos objetos de interesse.

### **3.1 Vetor Tecnológico e Métodos Digitais**

Rogers (2013) afirma que mesmo portando métodos tradicionais para o emprego em pesquisas ligadas ao digital, podemos, em algumas situações, estar utilizando um ferramental inadequado.

Por exemplo, varredura e extração de dados, inteligência coletiva e classificações baseadas em redes sociais, ainda que de diferentes gêneros e espécies, são todas técnicas baseadas na internet para coleta e organização de dados. Page Rank e algoritmos similares são meios

de ordenação e classificação. Nuvens de palavras e outras formas comuns de visualização explicitam relevância e ressonância. Como poderíamos aprender com eles e outros métodos online para reaplicá-los? O propósito não seria tanto contribuir para o refinamento e construção de um motor de buscas melhor, uma tarefa que deve ser deixada para a Ciência da Computação e áreas afins. Ao invés disso o propósito seria utilizá-los e entender como eles tratam hiperlinks, hits, likes, tags, timestamps e outros objetos nativamente digitais. Pensando nesses mecanismos e nos objetos com os quais eles conseguem lidar, os métodos digitais, como uma prática de pesquisa, contribuem para o desenvolvimento de uma metodologia do próprio meio (ROGERS, 2013, E-book)<sup>2</sup>.

A proposta de Rogers vai ao encontro do percurso que ora propomos partindo de uma visão do mundo contemporâneo onde o digital apresenta uma centralidade crescente, composto por entes com características específicas e, por isso, demandando também uma adequação ou extensão metodológica capaz de colaborar com pesquisas cujos objetos de alguma forma têm essa característica.

Desse modo, definimos métodos digitais como o conjunto de ferramentas, processos e abordagens de pesquisa que consideram a ontologia dos objetos de estrutura binária e as estruturas de redes por onde circulam, utilizando-se de recursos computacionais intensivos para coleta e análise de dados.

Tais soluções oferecem uma espécie de escala de utilização como representada no gráfico abaixo:



Figura 3: Representação da escala de utilização dos métodos digitais. Fonte: Santos (2016)

Tal escala vai da utilização de ferramentas e técnicas já existentes em sua configuração padrão num nível inicial; com ajustes a fim de personalizá-las para atender nossas necessidades específicas, num nível médio; ou ainda,

---

<sup>2</sup> Tradução do autor.

num nível mais alto, através da criação de soluções baseadas em programação e desenvolvimento de código.

Nas pirâmides acima exemplificamos a escala numa situação de coleta de dados que utiliza a busca do Google, inicialmente com sua interface normal, depois a partir de uma solução com maior poder de personalização como os alertas<sup>3</sup> e por fim através de um código específico para coletar e armazenar esses dados.

Em termos gerais, a abordagem que propomos resume-se às seguintes etapas:

Etapa 1 - Identificar a estrutura que contém os dados que precisamos. Algumas possibilidades apresentam-se com mais frequência:

a) Bases de Dados que permitem consultas amigáveis via preenchimento de formulários ou procedimentos simples. Exemplo: portais de transparência governamentais onde é possível requisitar dados sobre determinado tema e período.

b) APIs que exigem requisições estruturadas no formato que estabelecem, ou seja, respeitando sua sintaxe própria. Exemplo: APIs do Twitter e do Facebook que precisam ou de uma aplicação específica para solicitar conteúdo, como os aplicativos que as acessam em nossos celulares, ou de um código customizado que consiga estabelecer tal diálogo e coletar as informações que a API entrega a partir de cada tipo de requisição.

c) Conteúdo disponível em páginas de internet que podem ser extraídos diretamente via técnicas de scraping (raspagem de dados). Como textos de matérias em portais jornalísticos ou tabelas e informações gerais publicadas, tais como previsão do tempo, cotação do dólar e resultados de competições esportivas.

d) Informações protegidas em ambientes fechados, acessadas apenas por usuários cadastrados e que contam com mecanismos de proteção como encriptação de dados e outros. Tais ambientes eventualmente podem ser acessados por técnicas de hacking que estão além do escopo deste texto.

Etapa 2 - Formatar a consulta ou requisição de dados alinhada ao tipo de repositório onde eles se encontram de acordo com as opções acima.

Etapa 3 - Analisar os dados coletados a partir do processamento possível partindo do que foi efetivamente conseguido.

---

<sup>3</sup> <https://www.google.com/alerts>

Podemos combinar então a escala de utilização da figura 3 com as diversas formas de estruturação de dados mais comuns numa tabela. A partir do cruzamento das quatro formas mais comuns de repositórios estruturados em bases de dados online, listamos algumas possibilidades de aplicação dos métodos digitais em seus três níveis.

<b>Estrutura dos Dados</b>	<b>Nível Inicial: Ferramentas Padrão</b>	<b>Nível Médio: Ferramentas com personalização</b>	<b>Nível Alto: Desenvolvimento de Código</b>
a) Bases de Dados e Repositórios Acessíveis	Solicitação de dados através da própria interface da base de dados, recebendo o resultado no formato padrão de entrega. Ex: Acesso à base SIDRA do IBGE e download do arquivo no formato do Excel ou em CSV.	Utilização de filtros e recursos de análise e visualização oferecidos pela plataforma, alterando a forma de entrega do resultado de acordo com as opções oferecidas. Ex: Uso das funções avançadas da SIDRA e geração de gráfico.	Código para automatizar o acesso ao banco de dados fazendo requisições sucessivas, customizadas, coletando e salvando os registros em outro tipo de estrutura ou formato de dados. Ex: Python com módulos Splinter ou Selenium
b) Servidores com acesso via API específica	Acesso via aplicação oficial da plataforma ou através de sua página web padrão. Ex: Uso do app do Facebook no celular ou acesso à página <a href="http://www.facebook.com">www.facebook.com</a> .	Acesso através de aplicativos de terceiros que também acessam o servidor da plataforma mas oferecem funcionalidades adicionais. Ex: Node XL.	Código para acessar diretamente a API da plataforma coletando todas as informações disponibilizadas por ela e também fazendo requisições sucessivas capazes de coletar volumes maiores de dados.
c) Conteúdo em páginas web com padrão HTML <sup>1</sup>	Busca do Google, acesso manual e eventual coleta via CTRL+C e CTRL+V	Utilização de ferramentas específicas para scrapping. Ex: Portia	Desenvolvimento de código para coleta e análise. Ex: Python com módulo BeautifulSoup
d) Dados protegidos mediante acesso logado	Acesso via solicitação de cadastro e <i>log-in</i> normal.	Ferramentas de hacking geral tipo brute force ou engenharia social.	Desenvolvimento de códigos de invasão tipo worm ou trojan.

Tabela 2 – Matriz de possibilidades de coleta via métodos digitais em função da forma e local dos dados e dos níveis de aplicação. Fonte: do autor.

#### 4. DISTANT READER – EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Como exemplo de aplicação do caminho inspirado no conceito de distant reader, descrevemos a seguir um esforço anterior de pesquisa já documentado onde tal abordagem foi utilizada e possibilitou a identificação e comprovação empírica da velocidade com que as grandes redações jornalísticas brasileiras implementaram uma das principais características atribuídas ao jornalismo no ambiente digital: a atualização constante.

A coleta automatizada de dados, também conhecida como raspagem (scraping) ou mineração, é um recurso cada vez mais comum no jornalismo digital e investigativo (BRADSHAW e ROHUMAA, 2011; BRADSHAW, 2014), podendo, no caso do trabalho acadêmico, ser utilizada tanto para a execução de rotinas repetitivas, permitindo ao pesquisador mais tempo para as tarefas de maior complexidade, assumindo o papel de um distant reader. Como exemplo de aplicação acessamos o projeto da internet WayBackMachine – WBM (Fig. 4), também conhecido como Internet Archive, que se constitui de uma biblioteca digital de sites de internet com mais de 430 bilhões de páginas arquivadas.



Figura 4: Tela principal do site Internet Archive. Fonte: Internet Archive (2014).

O objetivo desse experimento foi verificar com dados empíricos a característica da atualização constante atribuída ao jornalismo digital por muitos autores, numa afirmação normalmente baseada na potencial facilidade de publicar conteúdo possibilitada pelos atuais sistemas de CMS (Content Management Systems), sem contudo aferir isso com dados. Aplicando a abordagem descrita acima nossa metodologia baseou-se na coleta e análise de todos os registros de alteração dos principais sites de conteúdo jornalístico brasileiro catalogados pelo Internet Archive, num recorte temporal desde o início desses registros para cada um dos sites até o ano de 2014.

Nos termos do caminho proposto, decidimos por uma solução de customização de ferramenta, num nível elevado de aplicação dos métodos digitais (ver figura 3), diante de um conjunto de dados estruturado na modalidade



c) da etapa 1. Para isso desenvolvemos um código utilizando a linguagem de programação Python, capaz de analisar todo o conjunto de versões da página principal dos principais portais de conteúdo informativo do Brasil. Para seleção dos sites jornalísticos do nosso estudo utilizamos a classificação da plataforma Alexa que, entre outras ferramentas, ranqueia sites e portais da internet em função do número de acessos. Entre os 50 sites com os maiores números no Brasil, selecionamos os que pertenciam à categoria jornalismo. Por esse critério foram escolhidos os sites [estadão.com.br](http://estadão.com.br); [uol.com.br](http://uol.com.br); [globo.com](http://globo.com); [ig.com.br](http://ig.com.br); [terra.com.br](http://terra.com.br); e [abril.com.br](http://abril.com.br).

O gráfico abaixo (Fig. 5) traz a plotagem da série temporal de atualizações extraídas do registro da WBM a partir dos dados do site [www.ig.com.br](http://www.ig.com.br) em que foram contabilizados mais de 19 mil versões diferentes.

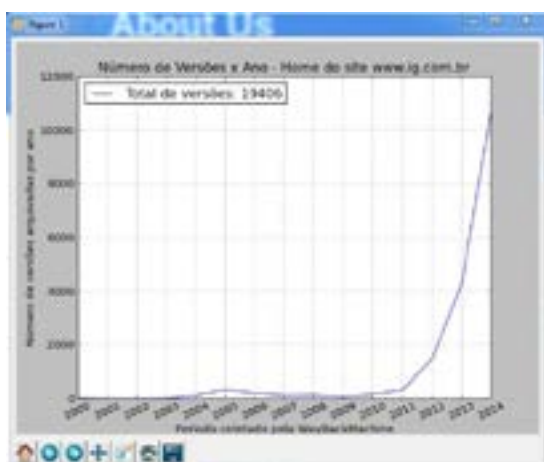


Figura 5 - Gráfico plotado com as atualizações registradas entre os anos de 2000 e 2014 do site [www.ig.com.br](http://www.ig.com.br). Fonte: do autor.

As visualizações abaixo (Fig. 6) foram conseguidas seguindo as etapas já descritas e demonstram como a característica da atualização constante passou a ter uma relevância entre os anos de 2010 ([estadão](http://estadão.com.br)) e 2011 ([uol](http://uol.com.br), [globo](http://globo.com), [ig](http://ig.com.br) e [terra](http://terra.com.br)) impactando de forma maior ou menor, de acordo com cada caso, a quantidade de atualizações registradas.

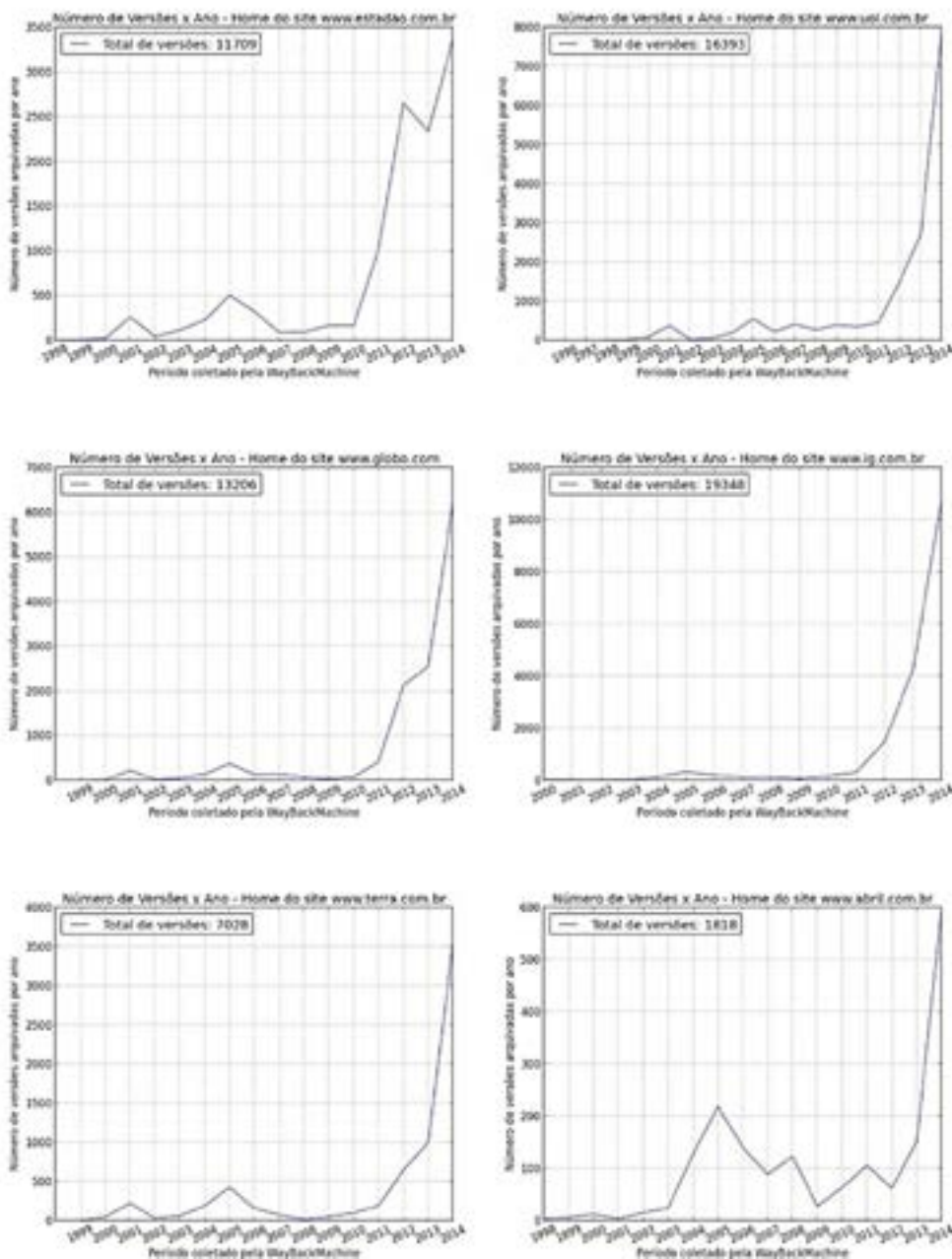


Figura 6 – Gráficos mostrando o crescimento dos números de atualizações a partir dos anos 2010 e 2011 nos principais sites jornalísticos brasileiros. Fonte: do autor.

Outro exemplo do potencial de operação e síntese gráfica de um código Python personalizado pode ser observado a partir de uma planilha com mais de milhares de linhas contendo a classificação Qualis Capes de todas as revistas acadêmicas registradas em todas as 48 subáreas de conhecimento.

Com apenas 6 linhas de código é possível carregar a planilha, selecionar apenas as revistas de Comunicação e Informação e gerar um gráfico representando a quantidade de publicações por cada faixa de classificação ou estrato mostrando que existem mais de 400 revistas B5 nessa subárea e menos de 100 no estrato mais qualificado A1.

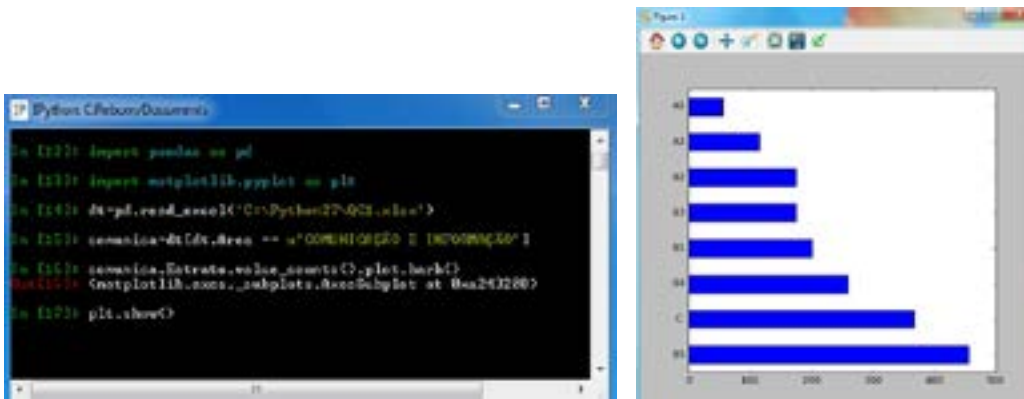


Figura 7 - Exemplo de código customizado em Python para processar e gerar uma visualização a partir de uma planilha com mais de 120 mil linhas. Fonte: do autor.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do conceito de distant reader, que nada mais é do que uma implementação das técnicas de big data, foram analisados no caso dos sites jornalísticos brasileiros mais de 90 mil registros ou versões das páginas iniciais o que seria difícil ou praticamente impossível de ser feito mesmo por uma equipe relativamente grande dedicada à tarefa, principalmente pelos custos que envolveriam uma empreitada assim.

A transformação dos dados em visualizações simples tornou perceptível a aceleração entre as versões, ou seja, a efetivação de uma política de atualização mais ágil do conteúdo nas páginas principais, fato que também, utilizando a metodologia que propomos, poderia ainda ser investigado mais profundamente através de uma análise de contexto para identificar o impacto dos vetores econômico, tecnológico e cultural nesses eventos.

No exemplo da planilha com as revistas acadêmicas da Capes foram processados mais de 120 mil registros com um pequeno código onde conseguimos facilmente observar a divisão das revistas pelos estrados de classificação.

Nos dois exemplos seguimos as etapas de identificar a estrutura onde os dados estão inseridos e a partir daí escolher dentro dos níveis de complexidade dos métodos digitais que listamos a variante mais adequada para coletar e tratar as massas de dados objetos dos estudos.

Tais procedimentos tem aplicabilidade em grande número de casos onde o excesso de dados disponíveis pode intimidar o pesquisador e induzi-lo eventualmente ao erro de observar amostras com baixa relevância e pequeno potencial de apreensão, em cenários onde a complexidade das inter-relações pode não ser percebida usando os métodos tradicionais.

É óbvio que o caminho ora proposto de forma alguma invalida ou contraria as formas tradicionais de investigação nas Ciências Sociais e Humanidades constituindo-se apenas em uma extensão possível e de utilidade verificável em

casos específicos. No jornalismo, a aproximação com tais métodos começou dentro da atividade profissional, principalmente nos trabalhos ligados ao jornalismo investigativo e ao chamado jornalismo guiado por dados. A atenção para esses procedimentos por parte da academia nos parece relevante considerando o grande conjunto de questões de pesquisa e objetos inseridos em contextos de excesso de informação e com características digitais que não podem ser esquecidas.

A aplicação desse caminho de pesquisa além de trazer resultados de difícil alcance por outros meios ainda permite potencialmente enfrentar novas questões de investigação, ou ainda, submeter questões já abordadas a análises diferentes, caminho recomendável em toda investigação científica.

## Referências

BONACICH, Phillip; LU, Phillip. Introduction to mathematical sociology. New Jersey: Princeton University Press, 2012.

BRADSHAW, Paul. Scraping for Journalists. Leanpub, [E-book], 2014.

\_\_\_\_\_.; ROHUMAA, Liisa. The online journalism handbook: skills to survive and thrive in the digital age. Essex: Pearson Education, 2011.

BRUNS, Axel. Faster than the speed of print: reconciling big data social media analysis and academic scholarship. In: First Monday – Peer Reviewed Journal On The Internet. Volume 18, Nº 10, 2013. Disponível em <http://firstmonday.org/article/view/4879/3756> . Acessado em 23/07/2017 .

CODDINGTON, Mark. Clarifying Journalism's Quantitative Turn in: Digital Journalism, 3:3, 331-348, DOI: 10.1080/21670811.2014.976400 , 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2014.976400> . Acessado em 21/07/2017.

CORDEIRO, William. Infografia interativa na redação: o exemplo do Diário do Nordeste. Mossoró, RN: Sarau das Letras, 2013.

FRANCISCATO, Carlos. A Inovação Metodológica Como Problema Na Pesquisa Em Jornalismo Digital. In: Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. Vol. 15, nº 1, 2017, págs. 25-46. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/> . Acessado em 23/07/2017 .

GONÁLEZ-BAILÓN, Sandra. Social Science in the era of Big Data. Penn Libraries, 2013. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/6e78/b1133713cb17aabbc3bf421a6e51bc538eca.pdf> . Acessado em 23/07/2017;

INTERNET ARCHIVE. Digital library of millions of free books, movies, software, music, websites, and more. 2014. Disponível em: <<https://archive.org/index.php>>. Acesso em: 7 maio 2015.

LEWIS, Seth; WESTLUND, Oscar. Big Data and Journalism – Epistemology, expertise, economics and ethics. In: Digital Journalism. Vol. 3, 2015, pags. 447-466.

LIMA JR. , Walter. Big data, jornalismo computacional e data jornalismo: estrutura, pensamento e prática profissional na Web de dados. In: Estudos em

Comunicação nº 12, págs. 207 a 222. Covilhã : UBI, 2012. Disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/12/pdf/EC12-2012Dez-11.pdf> . Acessado em 21/07/2017.

MACHADO, Elias. As limitações metodológicas nas pesquisas em Jornalismo: um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da Associação Nacional de Pós Graduação em Comunicação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10. 2012. Anais... Curitiba, 2012. Disponível em <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/2146>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

\_\_\_\_\_.; ROHDEN, J. Metodologias de Pesquisa Aplicadas ao Jornalismo: Um estudo dos trabalhos apresentados na SBPJor (2003-2007). Brazilian Journalism Research. v. 12, n. 1, p. 228-245. 2016.

MAHRT, Merja; SCHARKOW, Michael. The value of Big Data in Digital Media Research. In: Journal of Broadcasting & Electronic Media. Vo. 57, 2013. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08838151.2012.761700> . Acessado em 23/07/2017.

MANOVICH, L. The language of new media. Massachusetts: Mit Press. 2001.

MORETTI, Franco. Graphs, maps, trees: abstract models for literary history. New York, Verso, 2007.

RODRIGUES, Adriana Alves. Infografia Interativa em Base de Dados no Jornalismo Digital. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009.

ROGERS, Richard. Digital Methods. Cambridge: Mit Press. [E-book], 2013.

WELSH, BEM . Análise MOOC Knight Center Python for Journalists . 2017. Disponível em <https://github.com/california-civic-data-coalition/python-calaccess-notebooks/blob/master/project-management/mooc-students.ipynb> . Acessado em 19/07/2017.

SANTOS, MARCIO. Comunicação Digital e Jornalismo de Inserção – Como big data, inteligência artificial, realidade aumentada e internet das coisas estão mudando a produção de conteúdo informativo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/OBwb1N2uXiXNjQnNMOFFUJc2enM/view> . Acessado em 21/07/2017.

VAN DICK, José. The culture of connectivity: a critical history of social media. [E-book]. New York: Oxford Press, 2013.

## Iniciação científica

### Qualidade de vida do jornalista e a relação com os vínculos de trabalho: um estudo com jornalistas de Santa Maria/RS

Gabriele Wagner de Souza<sup>1</sup>

Uma correspondente internacional que durante uma entrada ao vivo em um dos telejornais de maior audiência do país pede desculpas pelo extremo cansaço e que gostaria de se apresentar em melhor forma. Colegas de faculdade que se formavam em Jornalismo e iniciavam outra graduação ou conseguiam emprego apenas fora da área de formação. Pesquisas que apontavam o repórter de jornal como a pior profissão em meio a uma lista de mais de 200 atividades. Todos esses acontecimentos nos levaram a questionar<sup>2</sup> o que estava acontecendo com o profissional jornalista em meio a essa nova realidade pela qual o jornalismo vem passando.

#### 1. Estruturas em mutação

A profissão de jornalista é, possivelmente, uma das profissões que mais alterações tiveram nas últimas décadas. Mudanças que ocorreram em função da influência econômica, política e principalmente tecnológica sobre o campo. Essas transformações estruturais que ocorreram na profissão se tornam mais visíveis com a informatização das empresas jornalísticas. Adghirni (2012) relata que o processo de informatização dos jornais começou na década de 1960 nos setores administrativos e comerciais e somente 20 anos depois chegou às redações.

Para Pereira e Adghirni (2011), essas mudanças em processo, quando suficientemente radicais, abrangentes e profundas, que alteram de modo significativo as práticas profissionais e simbolicamente a maneira como seus atores sociais a definem e reconhecem, podem ser chamadas de mudanças estruturais.

Três são os pontos de tensão evidenciados por Adghirni (2012) em que as transformações na atividade jornalística ocorreram e que, na visão dessa autora, podem ser interpretadas como sinais de crise: 1) desregulamentação profissional; 2) fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão em 2009; e 3) rotinas produtivas alteradas e perfil profissional reconfigurado e que estão correlacionadas.

Na concepção de Pereira e Adghirni (2011), parece estar em curso um processo de negociação entre atores sociais – jornalistas, fontes, empresários, públicos, anunciantes – que tateiam em torno de um modelo mais adequado de produção do noticiário. Segundo esses autores, essa dinâmica está em aberto e só

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<sup>2</sup> O artigo é fruto da pesquisa realizada em 2017 como trabalho de conclusão de curso na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e foi orientado pela professora Dr<sup>a</sup> Laura Strelow Storch.

será possível se referir a um novo jornalismo, ou em novas formas de praticá-lo, quando esse processo de negociação tiver como resultado acordos e normas mais estáveis.

## **2. A centralidade do jornalismo na vida dos jornalistas**

Os jornalistas constituem uma tribo profissional, na visão de Traquina (2005), pois “têm uma maneira própria de sentir o tempo, obsessiva e frenética”. E essa maneira de lidar com o tempo seria, na visão desse autor, seu elemento mais distintivo. Tão grande é a identificação do profissional com a atividade que desempenha que Traquina (2005) classifica os jornalistas como crentes que cultuam a profissão.

Na pesquisa coordenada por Roseli Figaro (2013), quando os profissionais são questionados se conseguem fazer planos, chama atenção os resultados obtidos do grupo que trabalha por conta própria: “Em contrapartida, os freelancers (grupo D) não têm conseguido se planejar, por causa da ‘demanda flexível” (FIGARO, 2013, p. 36). Esse dado é importante quando pensadas as consequências da reconfiguração do campo jornalístico na vida pessoal dos jornalistas principalmente porque esse tipo de vínculo trabalhista tem se tornado cada vez mais frequente nas redações brasileiras.

Ferracioli (2000) analisou os problemas que podem ser entendidos como fontes de sofrimento no cotidiano do trabalho dos jornalistas. Todas as pessoas entrevistadas por ele relataram buscar a informação a todo instante independente se na hora das refeições ou nas saídas de finais de turno. Nos relatos também aparecem que para a maioria dos entrevistados falta tempo livre para si e para a família.

Para José Roberto Heloani houve uma deterioração na qualidade de vida no trabalho desses profissionais, de forma que se tornou banalizada e naturalizada. (HELOANI, 2003, p. 77). O autor questiona o porquê de os jornalistas reconhecerem esses problemas da profissão e ainda assim não desistirem desse trabalho e ficarem submetidos a tais condições. Ele constata que a resposta é que os jornalistas amam o que fazem e assim “fetichizam sua profissão.” (HELOANI, 2003, p. 80).

Quando Reimberg (2015) pergunta para seus entrevistados se eles acham que o trabalho afeta de alguma forma sua vida pessoal, os relatos são bastante interessantes. Há desde os que acham que o trabalho afetou sua vida pessoal e que os mais novos de profissão tem uma preocupação maior em não deixar que o trabalho afete tanto a vida até aqueles que dizem não querer ter uma vida dissociada do trabalho, que desejam que ele seja integralmente a vida pessoal.

As pesquisas citadas foram algumas das nossas principais referências quando se trata de analisar a vida pessoal do jornalista em relação com a sua vida profissional - e serviram de base para nosso trabalho.



### **3. Jornalista tem qualidade de vida? Um estudo sobre as percepções dos profissionais de Santa Maria/RS**

Santa Maria é um município da região central do Rio Grande do Sul. Segundo dados do IBGE de 2010 tem pouco mais de 261 mil habitantes e é a 5ª cidade mais populosa do Estado. Existem oito faculdades na cidade e, destas, duas oferecem curso de Jornalismo: a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o curso desde 1971, e a Universidade Franciscana (UNIFRA), com o curso implantado em 2003 e reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) em 2006.

Nosso objetivo foi trabalhar com os jornalistas da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Os dados que nos interessavam eram os de natureza subjetiva, em que deixam revelar imbricações entre vida pessoal e profissional dos jornalistas a partir dos pontos de vistas e visões de mundo dos entrevistados. Escolhemos utilizar a entrevista semi-estruturada, que combina perguntas fechadas e abertas e o entrevistado pode falar sobre o tema proposto sem respostas prefixadas pelo entrevistador.

Na seleção dos entrevistados nos interessava principalmente os vínculos empregatícios que esses profissionais exerciam e se/como eles poderiam determinar sua qualidade de vida no trabalho. Assim, para localizarmos esses sujeitos da pesquisa optamos por utilizar a técnica metodológica conhecida como “amostragem em bola de neve”, a snowball. Nesse tipo de técnica, realizada por uma rede de informantes, faz-se o contato com o primeiro participante e este indica novos participantes que indicam novos participantes e assim sucessivamente até que ocorra o ponto de saturação (WHA, 1994, apud, BALDIN e MUNHOZ, 2011 p. 332). Baseados nessa técnica, selecionamos o primeiro entrevistado e pedimos que ele nos indicasse mais três contatos para serem entrevistados por nós, com base nos critérios dos vínculos empregatícios.

Para composição do corpus tínhamos alguns parâmetros iniciais de jornalistas a serem entrevistados, conforme o vínculo de trabalho: jornalista freelancer autônomo, jornalista freelancer que exercesse a profissão como pessoa jurídica, jornalista de redação com carteira assinada, jornalista de assessoria com carteira assinada e jornalista concursado. Pensamos que dessa maneira poderíamos observar melhor a relação dos vínculos empregatícios com a vida pessoal afetada pelo trabalho. No entanto, alguns entrevistados apresentaram dificuldade de indicar jornalistas que se encaixassem em nossos critérios o que ocasionou a admissão de jornalistas com vínculos de trabalho diferente do que havíamos pensado inicialmente.

No total foram entrevistadas cinco pessoas que foram realizadas no período de 21 de agosto a 11 de setembro de 2017 e tiveram duração média de 50 minutos. Cabe destacar que seus nomes foram substituídos por nomes fictícios para que o sigilo dos entrevistados fosse mantido. Descrevemos brevemente os participantes da pesquisa.

Diana, 35 anos. Natural de Santa Maria. Solteira. Mora com a mãe. Formada em Jornalismo pela UFSM em 2003. Tem especialização, mestrado e um doutorado em andamento. Trabalhou por dois anos como repórter e depois trabalhou como subeditora de um jornal impresso da cidade, como assessora de imprensa de um sindicato, repórter de um jornal de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, freelancer de 2006 a 2007 de outro jornal impresso de Santa Maria e depois mais seis anos como repórter contratada desse mesmo jornal. Atualmente faz trabalhos freelances para um jornal de grande circulação no país e é analista de comunicação de uma rede de lojas.

Camila, 30 anos. Natural de Santa Maria. Tem namorado e mora sozinha. Formada em jornalismo pela Unifra em 2011. Sem pós-graduação. Tem aproximadamente quatro anos e meio de experiência profissional, trabalhou em dois jornais impressos de Santa Maria.

Carlos, 34 anos de idade. Natural de Santa Maria. Mora com a noiva. Formado em Jornalismo pela Unifra em 2006. Tem curso de pós-graduação. Trabalhou como repórter de um jornal impresso da cidade, é assessor de imprensa contratado de um sindicato. Tem a própria empresa de comunicação e a partir dela realiza trabalhos freelances para um jornal diário da cidade, para outro sindicato, para um site de notícias da cidade e outras instituições.

Francisco, 49 anos. Natural de Guaíba, PR. Solteiro. Formado em Jornalismo pela UFSM em 1993. Trabalhou como repórter em dois jornais da cidade. Realizou assessoria para algumas instituições da cidade, deu aulas em um curso de Jornalismo por um ano e tem longa experiência em assessoria de sindicato.

Joaquim, 49 anos de idade. Natural de Santa Maria. Formado em Jornalismo pela UFSM em 1990. Tem especialização, mestrado e doutorado. Foi repórter de um jornal da cidade e de outro jornal em uma cidade próxima. Jornalista concursado por uma instituição pública. Trabalhou em assessoria. Foi repórter de outro jornal da cidade e é articulista de um site de notícias da cidade, correspondente em Santa Maria de um jornal e de uma rádio, faz boletins para outros veículos de comunicação fora de Santa Maria e é professor de Jornalismo em uma universidade privada.

O roteiro da entrevista foi elaborado considerando nosso referencial teórico. Algumas das perguntas foram inspiradas nas questões que Reimberg (2015), Heloani (2003) e Fígaro (2013) abordaram na pesquisa com seus entrevistados. Para tratar as informações obtidas por meio das entrevistas, recorreremos a análise temática de conteúdo, que é amplamente utilizada em pesquisas da área da Comunicação. Minayo (1996) se apoia na conceituação de Bardin quanto à definição e utilização do método:

À medida que líamos as entrevistas com os jornalistas, após terem sido

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 1979, p. 42 apud MINAYO, 1996, p. 199).

transcritas, percebíamos temas importantes de serem tratados. Agrupamos esses temas em torno de uma unidade de sentido central, a categoria. A partir das leituras de nossas entrevistas, percebemos que os conteúdos poderiam ser agrupados em quatro categorias temáticas: O sentido do trabalho, a organização do trabalho, vida pessoal e trabalho e sofrimento e prazer no trabalho.

#### **4. Entrando no mundo dos jornalistas**

Na primeira categoria, “sentido do trabalho”, abordamos a concepção de jornalismo para os profissionais, o que os levou à profissão, como se definem, que mudanças perceberam da academia para o mercado de trabalho e sua opinião sobre a exigência do diploma para o exercício da profissão. Percebe-se que quando os jornalistas buscam definir sua atividade profissional, quando lançam olhar sobre o mercado em que atuam, suas falas carregam também os dissabores da profissão, o que lhes gera desconforto. Mas, ao mesmo tempo, figura nos discursos seu sentimento de amor em relação a profissão, ainda idealizada.

Na categoria “organização do trabalho” mostramos como se dá a organização do trabalho dos jornalistas entrevistados, como eles consideram ser seu ritmo de trabalho e sua rotina, se estão satisfeitos com sua(s) forma(s) de contratação e sua remuneração, as multifunções em seus empregos e os impactos das tecnologias no seu trabalho.

O jornalista assessor de imprensa, Francisco, pensa ter um bom ritmo de trabalho principalmente quando comparado ao mercado de trabalho em redações. O profissional concursado, Joaquim, aponta que quando era mais novo seu ritmo de trabalho era mais acelerado e que, em função da idade, começou a “tirar o pé do acelerador”. Ele expressa que sua rotina é em algum momento cansativa, mas que leva isso da melhor maneira possível.

Diana, a analista de comunicação, considera que seu ritmo de trabalho seja intenso e que por isso precisa haver organização. Ela conta que consegue parar de trabalhar para fazer as refeições na hora do almoço e do lanche, diferente do que acontecia quando trabalhava em uma redação.

Camila, jornalista de redação, acha que seu ritmo de trabalho é muito intenso. Ela diz que tem dias em que o seu horário de trabalho não é suficiente para fazer tudo que tem que fazer e tem dias que “sobra tempo” no sentido de que terminou as matérias que precisava fazer e aí pode começar a produzir

matérias futuras ou pensar em matérias frias. Camila ainda precisa lidar com o trabalho produzido sob pressão em que, perto do final do expediente, as editoras começam a cobrar sobre como está o andamento da produção.

Carlos, o jornalista freelancer, considera que seu ritmo de trabalho é “meio louco” e “sempre corrido” e que para o próximo ano pretende continuar nesse ritmo porque é como ele gosta de trabalhar. A rotina de trabalho de um jornalista freelancer é mais flexível se comparada a de alguém que sabe qual seu horário de entrada e saída da empresa. O jornalista freelancer da nossa pesquisa, que trabalha para diferentes instituições, não tem um local de trabalho único. Ele diz ter um escritório montado em casa e tem seu próprio espaço nos dois sindicatos que tem vínculo. Sua rotina de trabalho basicamente é dividida entre esses três locais.

Dos cinco jornalistas entrevistados, os que parecem ter uma rotina de trabalho mais constante, com horários mais regulares, é o assessor de comunicação, a analista de comunicação e o jornalista concursado. Já o trabalho do jornalista freelancer e da jornalista de redação, pela própria lógica de funcionamento, são mais inconstantes. No caso desse primeiro, pela característica dos próprios vínculos que exerce, flexíveis, e no caso da segunda, pelo fato de o jornalismo de redação ser dinâmico, factual.

Não é só a questão dos muitos trabalhos que pesa para o profissional. Há ainda as multifunções que um mesmo jornalista precisa desenvolver. Diana, a analista de comunicação, lembra que teve experiência de trabalhar em um jornal de uma pequena cidade e considera que o ritmo de trabalho do profissional de interior é também “acirrado” por ser um jornalista apenas para concluir todo o trabalho.

O freelancer Carlos relata que como o dono do site para o qual trabalha ficou doente, ele teve que assumir também como editor. A jornalista de redação, Camila, comenta que no emprego anterior era repórter, mas também era como se fosse editora das suas matérias pelo fato de ela mesma decidir o direcionamento delas. Camila relata ainda que, durante um evento da cidade, chegou a fazer apuração para matérias impressas do jornal e ainda boletins ao vivo para um rádio pertencente aos mesmos donos do veículo em que trabalhava. A jornalista disse não reclamar, pois sabia que estava “ganhando currículo”. O ganhar currículo que a jornalista expõe faz parte do ciclo a que os profissionais estão submetidos. Por exigência do mercado, para terem mais chances de serem contratados, precisam ter um currículo que abarque diversas habilidades e ao mesmo tempo para conseguirem adquirir essas diversas habilidades precisam se submeter aos desmandos do mercado.

Na categoria de análise “vida pessoal e trabalho” abordamos como a profissão afeta a vida pessoal do jornalista, se o trabalho se choca com compromissos pessoais, se esses profissionais pensam conseguir ter momentos de lazer, como

o trabalho afeta os relacionamentos e, por fim, enfocamos a relação do trabalho com a qualidade de vida desse trabalhador.

Os jornalistas entrevistados da pesquisa se sentem afetados na vida pessoal em função do trabalho que realizam ou em função de ter que desempenhar várias atividades para conseguir ter uma qualidade de vida melhor.

O assessor de imprensa, Francisco, exprime que o trabalho o afeta no sentido de algumas vezes carregar preocupações do ambiente profissional pra casa. O jornalista concursado, Joaquim, também aponta que se sente afetado pelo trabalho em função de carregar a carga emocional do dia-a-dia.

O freelancer, Carlos, também diz se sentir afetado em sua vida pessoal. Ele exprime que “trabalha pra caramba todos os dias” e não consegue aproveitar a vida da maneira que gostaria. Outro ponto que destacamos em sua fala é o impacto de seu ritmo de trabalho nas horas de sono. No dia em que o entrevistamos, ele diz ter dormido quatro horas por noite em função do trabalho.

A jornalista de redação, Camila, considera que no emprego atual sua vida pessoal seja menos afetada do que no anterior. Ela destaca que já havia pensado em desistir do jornalismo pelas condições de trabalho do antigo emprego, mas que reavaliou a situação e percebeu que o problema não era a profissão e sim o local de trabalho.

Para a jornalista analista de comunicação, Diana, não é o seu trabalho que afeta sua vida pessoal, mas a conjugação de estar fazendo diversas coisas ao mesmo tempo como, por exemplo, ter que gerenciar suas aulas do doutorado com o trabalho e mais os freelances.

Com relação a cancelarem compromissos pessoais em função do trabalho, a partir dos relatos dos entrevistados depreende-se que o cancelamento dos compromissos particulares ocorre com mais frequência quando se trabalha como repórter de redação até mesmo pela dinâmica do trabalho desses locais.

Destacamos também a questão da atenção para a família e relacionamentos. O jornalista concursado aponta que além da estabilidade financeira, a possibilidade de trabalhar perto de casa e poder ficar próximo da família foram motivações para ele prestar concurso na cidade.

O jornalista freelancer lembra que quando começou a trabalhar home office ainda morava com os avós e usava a sala da casa para produzir seus trabalhos. Chama atenção também a fala desse entrevistado quando diz “hoje eu moro com minha noiva. Graças a Deus nós não temos filhos porque se tivesse ia ser uma despesa a mais” em que a decisão de ter ou não filhos fica condicionada muito mais pelo fator econômico do que por razões afetivas.

A analista de comunicação aponta que a família acaba se acostumando com a rotina do jornalista que trabalha em redação. A jornalista de redação diz que quem percebeu que ela estava adoecendo mentalmente pelas condições de trabalho no antigo emprego foi o namorado porque ela não conseguia enxergar a

situação. Ela comenta que acha que seu namorado só entende a lógica de horários do seu trabalho porque os horários de trabalho dele também são flexíveis.

Por fim, abordaremos o que os jornalistas entrevistados consideram ser qualidade de vida no trabalho. Na nossa pesquisa, interessava saber o que os jornalistas entendem como qualidade de vida no trabalho e se consideram ter essa qualidade de vida a partir de seu conceito. Para Francisco, assessor de imprensa, a qualidade de vida no trabalho está relacionada a conseguir se planejar para fazer um trabalho bem feito. Ele diz que no seu trabalho, de maneira geral, consegue ter essa qualidade de vida mesmo que ainda não seja 100%.

Camila, jornalista de redação, classifica qualidade de vida no trabalho como ter chefes compreensivos, que entendam quando a pauta não está fluindo e ter uma boa relação com os colegas de trabalho. Ela diz que seu ambiente de trabalho atual é muito saudável e que as pessoas se escutam e se ajudam na medida do possível.

Diana, analista de comunicação, destaca como importante o local de trabalho oferecer condições técnicas necessárias aos jornalistas, boa relação com a chefia, boa relação com os colegas, uma equipe que queira colaborar. Ela diz ter essa qualidade de vida no local em que trabalha, pois a empresa oferece ainda ginástica laboral e eventos para reunir os funcionários. E pontua que está cursando o doutorado também em busca de uma melhor qualidade de vida e de trabalho, “se não precisasse dessa busca toda eu poderia ter uma melhor qualidade de vida de no sentido de noite ser o meu horário de lazer”.

Para o jornalista concursado, ter qualidade de vida no trabalho é ter as condições necessárias para realizar um bom trabalho, ter o aval dos chefes e a parceria dos colegas. Ele diz que no momento considera satisfatório esses aspectos em seus locais de trabalho.

Como o trabalho de jornalista freelancer é realizado muitas vezes fora da redação, os parâmetros de qualidade de vida no trabalho acabam sendo diferentes. É importante mencionar que o conceito de qualidade de vida no trabalho definido pelo jornalista freelancer que entrevistamos está mais relacionado ao não trabalho. Ele considera que essa qualidade de vida seria terminar o trabalho em menor tempo possível para conseguir dormir oito horas por noite. O jornalista também relacionou a qualidade de vida com não trabalhar aos finais de semana, que ele considera raro, porque na profissão de jornalista isso não acontece. Ele diz que atualmente não tem qualidade de vida no seu trabalho – a partir do que ele conceitua – que sua rotina é bem corrida, mas que espera alcançar isso no futuro. Quando perguntamos de que maneira ele pretende alcançar isso, ele diz que gostaria que os sindicatos para o qual trabalha lhe pagassem mais, pois assim poderia largar alguns dos empregos, mas sempre que surge uma oportunidade ele acaba aproveitando.

A partir das falas dos entrevistados podemos ter certa compreensão de como o trabalho tem afetado a vida pessoal dos jornalistas. Alguns dos entrevistados desempenham mais de uma atividade profissional. No caso do jornalista Joaquim, mesmo tendo a estabilidade que desejava com o concurso, assumiu o vínculo de professor há quase 13 anos. O profissional comenta que a partir do meio da semana, mesmo cumprindo as obrigações profissionais firmadas, já começa a desacelerar. Ou seja, ele tem essa opção de desacelerar e organiza seu ritmo de trabalho de maneira que consiga fazer com que isso aconteça.

Assim como Joaquim, o jornalista freelancer Carlos também desempenha outras atividades. No entanto, se o jornalista freelancer desacelerar seu ritmo de trabalho, isso impactará em sua remuneração financeira e por isso sua rotina é sempre corrida. Ou seja, ele considera que não tem uma boa qualidade de vida no trabalho, mas também não sabe por que meios chegar a um resultado satisfatório sem comprometer sua vida financeira.

Na categoria “sofrimento e prazer no trabalho” abordamos o que os jornalistas consideram que seja sofrimento gerado pelo trabalho, o assédio moral nos ambientes profissionais, o estresse da profissão, as dores físicas e emocionais decorrentes do trabalho e o que os jornalistas entendem como prazer motivado pelo trabalho.

Os jornalistas da pesquisa relacionaram sofrimento a má remuneração, salário insuficiente para pagar todas as contas, ver o sofrimento do outro e não conseguir ajudar, redações mal administradas, repórter não ser ouvido pelo editor e ter que produzir muito conteúdo em pouco tempo acarretando uma baixa qualidade da informação.

Outra questão que nos interessava, inspirada no trabalho de Reimberg (2015), era se o jornalista já havia sentido algum tipo de dor influenciada pelo trabalho. Em nossa pesquisa, nem todos os entrevistados relacionaram as dores que sentiram exclusivamente ao trabalho. Desses relatos sobre dores e problemas de estresse abordados pelos entrevistados depreende-se que eles ocorrem com mais frequência aos jornalistas que trabalham ou trabalhavam em redação e ao jornalista freelancer. Além dessas questões complicadoras da profissão, os jornalistas lidam também com o assédio moral.

Com relação ao prazer profissional, os jornalistas da nossa pesquisa consideram que ele consiste em contar uma matéria e ela ter uma repercussão que traz um benefício pra alguém, ter o trabalho reconhecido, o editor gostar do trabalho produzido, conseguir terminar as matérias em meio a correria, produzir matérias que eles mesmo gostam e que os leitores gostam, ter o nome assinado na matéria, fazer o trabalho render e contribuir para melhorar a vida das pessoas.

Os jornalistas da pesquisa também proferiram frases em que mesclavam as dificuldades enfrentadas com a satisfação gerada pelo trabalho. “Acabava me sobrecarregando, mas eu gostava do que eu fazia”, “foi corrido, mas valeu a pena” foram algumas das frases ditas pelos profissionais que exemplificam essa relação

com a profissão. Reimberg (2015), alinhada com outros autores, afirma que os jornalistas suportam os sofrimentos e conseguem, em muitos casos, transformar sofrimento em prazer pelo sentido que o trabalho assume em sua vida.

A partir das entrevistas e da análise que construímos podemos fazer ainda algumas considerações. Quando tratamos das remunerações dos profissionais, quatro dos cinco entrevistados manifestaram o desejo de receber mais do ganham atualmente. O único que não apontou esse desejo foi o jornalista concursado. Ainda sobre a remuneração, evidenciamos que o jornalista freelancer é provavelmente um dos entrevistados melhor remunerados pela quantidade de vínculos de trabalho que desempenha. Contudo, ele já tem uma década de experiência profissional, já estabeleceu uma rede de contatos na cidade e possui a própria empresa que, como ele mesmo diz, tem a vantagem de oferecer uma nota fiscal ao contratante. No entanto, essa relação de boa remuneração e vínculo freelancer não se estende aos demais freelancers que ingressam no mercado de trabalho, principalmente os autônomos.

## **5. Considerações finais**

Acreditamos que uma das formas de entender as mudanças pelas quais o jornalismo vem passando é também ouvir os profissionais afetados que estão cotidianamente vivenciando essa nova realidade no mercado de trabalho.

Com as entrevistas, pudemos observar que o trabalho afeta a vida pessoal de todos os entrevistados. Alguns são afetados em função de levar as preocupações para casa e se envolver com o sofrimento da fonte sem poder ajudar, por exemplo. E outros já são afetados no sentido de não conseguirem “aproveitar a vida como gostariam”. Ou seja, as afetações do trabalho na vida pessoal para os entrevistados ocorrem de modos diversos. Observamos também que o trabalho do jornalista freelancer, que conjuga diferentes atividades, e o trabalho realizado em redação foram os mais problemáticos no sentido de serem apontados como maior fator gerador de estresse e de dores.

Era um dos nossos objetivos verificar como os diferentes vínculos de trabalho exercidos têm relação com a qualidade de vida do jornalista. Nesse sentido, o único entrevistado que disse não ter qualidade de vida no trabalho, a partir do que ele considera como qualidade de vida, foi o jornalista freelancer. Os demais entrevistados consideraram ter qualidade de vida no trabalho mesmo que com algumas ressalvas. Constatamos ainda que os jornalistas suportam e muitas vezes transformam os sofrimentos da profissão em prazer em função do significado que o trabalho tem em sua vida.



## Referências

ADGHIRNI, Z. L. Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. PEREIRA, F. H. MOURA, D. O. ADGHIRNI, Z. L. (orgs.). Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012.

ADGHIRNI, Z. L. O jornalista: do mito ao mercado. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.2, n.1. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/viewFile/5928/5399>>. Acesso em 17 de maio de 2017.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Snowball (bola de neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação. Anais do... Curitiba: Educere, 2011.

FERRACIOLLI, Márcio César. A gente nem comenta porque isso, no dia a dia, acontece com todo mundo: trabalho e sofrimento – o caso dos jornalistas. Florianópolis: UFSC – Dissertação (Mestrado), 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/78958/173227.pdf?sequenc>> Acesso em: 06 de junho de 2017.

FIGARO, Roseli. Perfis e discursos de Jornalistas no mundo do trabalho. In: As mudanças no mundo do trabalho do jornalista. Roseli Figaro (org.) Atlas, 2013.

HELOANI, Roberto. Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista. Relatório de Pesquisa nº 12. São Paulo: FGV/SP (NPP – Núcleo de Pesquisas e Publicações). (2003)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 4ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zelia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24. 2011.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-26062015-161358/pt-br.php>> Acesso em: 31 de maio de 2017

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

# 03

## RELATOS DAS REDES DE PESQUISA DA SBPJOR

### Rede Jortec

Tecnologias e aplicabilidade ao jornalismo.

Gerson Luiz Martins<sup>1</sup>

#### 1. Jornalismo e tecnologia: simbiose desde a origem

O jornalismo, notadamente o processo de produção jornalística, sempre esteve associado à tecnologia desde os primórdios. Os instrumentos utilizados para propagar as notícias, no que tange um simples papel e um polígrafo, estão cercados de tecnologia na sua produção e como instrumento. Com o advento do telégrafo, outro aparato tecnológico, o jornalismo se desenvolveu e alcançou públicos mais distantes, como também, neste processo, captar fatos e noticiar informações de diferentes cantos do mundo. A tecnologia do telégrafo também conquistou maior audiência. A passagem pelas máquinas de escrever proporcionou aos jornalistas e ao jornalismo uma nova tecnologia que agilizou e proporcionou melhores condições para ampliar a produção da notícia. O jornalismo ganha um ritmo industrial e, em sua maior parte, se organiza de forma objetiva, notadamente com a escola norte-americana. O advento da informática, caracterizado pela introdução dos computadores nas redações, assim como a invenção dos tipos móveis, revolucionou a produção jornalística. Equipamentos de hardware e software causaram pânico entre os jornalistas que desconheciam a nova ferramenta, que, num primeiro momento, poderia se caracterizar como

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestre em Comunicação, doutor em Jornalismo, com pós-doutorado em Ciberjornalismo; professor e pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo, membro da Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologia - JorTec. gerson.martins@ufms.br

uma tecnologia de substituição dos profissionais. E seguida, a internet, tecnologia que resultou do desenvolvimento de softwares e hardwares, proporcionou novo salto de inovação nos processos de produção jornalística e de consumo das notícias. A internet ampliou o espectro inaugurado pelo telégrafo e pode colocar a informação local disponível para todo mundo, e a informação global de fácil acesso a qualquer consumidor de notícias. De outro lado a tecnologia da internet também proporcionou aos profissionais uma apuração mais rigorosa e mais presente, ou seja, o jornalista pode estar em qualquer parte do mundo de maneira virtual, no espectro do ciberespaço. Essa mesma tecnologia consolidou o “receio” que se pudesse substituir o trabalho jornalístico. E é o que acontece agora. Num mundo de profusão das informações, em que os polos emissores são múltiplos, o jornalismo, a partir da evolução tecnológica, de uma tecnologia acessível, barata e cada vez mais especializada e portátil, assume uma nova função, como mediador, como curador da informação.

Nesse universo tecnológico, não obstante o papel de curador do jornalismo, o jornalista, como profissional, enfrenta grandes desafios no domínio da linguagem da informática e na produção da informação para os dispositivos móveis e para um público jovem que demandará notícias de qualidade, bem escrita, bem apurada e distribuída nos dispositivos móveis.

Estas perspectivas orientam as pesquisas em torno do jornalismo e tecnologia, entendido como ciberjornalismo, jornalismo online, jornalismo digital ou webjornalismo; os investigadores da Rede JorTec têm como foco a produção, processo e recepção cujo conteúdo se define a partir da relação dos fatos narrados com a realidade.

A Rede JorTec começou a se estruturar em 2006 e sua oficialização se deu no dia no dia 20 de novembro de 2008, na Universidade Metodista (Umesp), durante a realização do 6º Encontro da SPBJor. Na reunião dos sócios da entidade, a formalização da Rede foi entregue à diretoria Científica, que respondeu positivamente ao pedido de acreditação em 15 de janeiro de 2009. Em 2018, a JorTec apresentou sua 20ª e 21ª comunicações coordenadas, no encontro da SBPJor realizado na FIAM-FAAM, em São Paulo.

O objetivo principal da rede é o desenvolvimento de pesquisa aplicada em tecnologias digitais voltadas à prática e ao estudo do Jornalismo. Um objetivo secundário é estabelecer conexões interdisciplinares entre o campo da Comunicação e outras áreas das Ciências Humanas e das Ciências Exatas, como informática, neurociência, entre outras. A rede busca mobilizar pesquisadores interessados em formar uma rede de pesquisa em torno das investigações e pesquisas aplicadas sobre Jornalismo e Tecnologias Digitais. Para isso, no âmbito da SBPJor, é estruturada uma Mesa de Comunicação Coordenada, denominada “Jornalismo e Tecnologia”.

Tem como propósito de debater quais os impactos que as atuais tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) perpetram nos campos do ensino, da pesquisa e da prática do Jornalismo. Discute como os efeitos das onipresentes tecnologias de conexão e de intercâmbio de dados e de conhecimento alteram radicalmente todos os ambientes midiáticos, seja na mídia tradicional ou na digital, impelindo que os setores diretamente envolvidos encontrem novas abordagens e estruturas de ensino, novas metodologias de pesquisa e novas formas de captar, produzir, empacotar e distribuir informação com conteúdo jornalístico. Nesse sentido, as TICs lançam novos desafios, aos profissionais do ensino, da pesquisa e da prática jornalística, impostos pela era da convergência digital e divergência de meios”.

## **2. O estado da arte da JorTec**

A Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais tem como finalidade a produção de pesquisa aplicada visando à experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais nos processos de captação, produção, empacotamento, transmissão e distribuição de conteúdos jornalísticos nas convergentes plataformas comunicacionais.

Objetos de pesquisa:

- A) Sistemas inteligentes aplicados ao jornalismo
- B) Interfaces digitais
- C) Redes computacionais
- D) Mídias Sociais
- E) Narrativas jornalísticas multimidiáticas e multilíneas proporcionadas pelas tecnologias digitais

### **Quem Somos**

A Rede de Pesquisa Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) foi formalizada no 6.º Encontro da SPBJor, em 2008. Atualmente conta com 33 pesquisadores das seguintes instituições: UFscar, UFMG, PUC/Campinas, UMESp, UNSCS, UEPB, UFSJ, UFES, UFU, UFMS, UFS, UFRR, UFMA, UFSC, PUC/RS e Mackenzie. A Rede JorTec tem como finalidade a produção de pesquisa aplicada visando à experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais nos processos de captação, produção, empacotamento, transmissão e distribuição de conteúdos jornalísticos nas convergentes plataformas comunicacionais. A Rede possui os seguintes objetos de pesquisa; Sistemas inteligentes aplicados ao jornalismo; Interfaces digitais; Redes computacionais; Mídias Sociais e Narrativas jornalísticas multimidiáticas e multilíneas proporcionadas pelas tecnologias digitais (LIMA JR. 2012).

A Rede JorTec mantém de duas a três comunicações coordenadas ao longo dos últimos anos nos congressos da SBPJor. As comunicações coordenadas observam o perfil das pesquisas e se dividem de acordo com as similaridades dos trabalhos postados para apresentação. Além das comunicações coordenadas

nos congressos da SBPJor, a JorTec participa do Congresso de Ciberjornalismo, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, coordenado pelo professor Gerson Luiz Martins e ainda do Simpósio Internacional e Narrativas e Tecnologias Digitais realizado pelo Grupo de Pesquisa Laboratório de Convergência de Mídias, coordenado pelo professor Marcio Carneiro dos Santos. A Rede JorTec, nos últimos anos, publicou 4 (quatro) livros, organizados com coletânea de textos, entre os apresentados nos congressos da SBPJor e produzidos especialmente para esses livros.

Em 2010, organizado por Carla Schwingel e Carlos Zanotti, Editora Insular, 2010, Produção e Colaboração no Jornalismo Digital. Em 2011, organizado por Demétrio de Azeredo Soster e Walter Teixeira Lima Junior, Editora Edunisc, 2011, Jornalismo digital: audiovisual, convergência e colaboração. Em 2012, organizado por Raquel Longhi e Carlos D'Andrea, Editora Insular, 2012, Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências. Em 2017, organizado por TRÄSEL, Marcelo; LONGHI, Raquel Ritter; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo; LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Pensar em rede: pesquisa aplicada em jornalismo e tecnologias digitais. Macapá: Unifap, 2017.

Os pesquisadores da Rede JorTec mantem parceria de pesquisa e integração, como participação efetiva nos congressos de Ciberjornalismo da Universidade do Porto, Portugal; congresso de Ciberjornalismo da Universidade de Pais Basco, Espanha; congresso de Jornalismo Digital da Universidade Nacional de Rosário, Argentina; congresso de Jornalismo em Dispositivos Moveis da Universidade da Beira Interior, Portugal; congresso de Ciberjornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e ainda com o Simpósio Internacional de Jornalismo Online da Universidade do Texas, Estados Unidos.

Ainda sobre o processo de internacionalização da Rede JorTec importante destacar o projeto realizado em parceria com a Universidade de Pais Basco (UPV), na Espanha e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), por meio do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo, "Aprendizaje cooperativo virtual em la redacción ciberperiodística. Una experiencia Brasil-Portugal-Euskadi", iniciado em 2017 e finalizado em 2019., em que também participam as universidades Federal do Piauí, da Beira Interior e do Porto em Portugal. Ainda no âmbito das parcerias internacionais, o pesquisador Gerson Luiz Martins participa do Grupo de Pesquisa Laicom – Laboratório Instrumental da Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha onde desenvolve pesquisa sobre a qualidade de conteúdos em cibermeios, em que se utiliza do Protocolo Eva, uma ferramenta para medir a qualidade na comunicação, testada e aprovada em testes de experimentação realizados em 2012.

A Rede JorTec participou, por meio dos seus pesquisadores, em 2014 da criação da Rede Internacional de Pesquisadores em Ciberjornalismo – RIIC ([www.riic.ubi.pt](http://www.riic.ubi.pt)), que articula os coordenadores e pesquisadores que participam dos seguintes congressos:

<b>Nome</b>	<b>Coordenação</b>	<b>Universidade</b>	<b>Cidade</b>	<b>País</b>
Congresso Internacional de Ciberjornalismo	Gerson Luiz Martins	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS	Campo Grande	Brasil
Congresso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0	Koldo Meso	Universidade de País Basco - UPV	Bilbao	Espanha
Congresso Internacional de Ciberjornalismo	Fernando Zamith	Universidade do Porto	Porto	Portugal
Congresso Internacional de Jornalismo em Dispositivos Móveis	João Canavilhas	Universidade da Beira Interior	Covilhã	Portugal
Foro Internacional de Periodismo Digital	Fernando Irigaray	Universidade Nacional de Rosário	Rosário	Argentina
International Symposium Online Journalism	Rosental Alves	Universidade do Texas	Austin	Estados Unidos

A RIIC – Rede Internacional de Pesquisadores em Ciberjornalismo / Rede Internacional de Investigadores em Ciberjornalismo / Red Internacional de Investigadores em Ciberperiodismo / International Network of Researchers in Cyberjournalism teve a ratificação de organização no dia 3 de junho de 2015, quando se realizou a 2ª reunião, na programação do 6º Congresso Internacional de Ciberjornalismo, em Campo Grande, MS, com a participação de vários pesquisadores da Rede JorTec, entre eles Walter Teixeira Lima – Unifesp; Marcelo Trasel – UFRGS, Raquel Longhi – UFSC, Rodrigo Botelho – UFPR; Rita Paulino – UFSC; Fernando Zamith, Universidade do Porto; Fernando Irigaray, Universidade Nacional de Rosário; João Canavilhas, Universidade da Beira Interior; Rosental Calmon Alves, Universidade do Texas e Gerson Luiz Martins da UFMS.

O Grupo de Pesquisa Interações e Tecnologias na Amazônia realizou um minicurso, uma jornada de internacionalização e uma rodada de reuniões em um GT de trabalho com dois professores da Universidade Javeriana de Bogotá-Colômbia. Está em construção um projeto coletivo que resultará em um observatório de comunicação voltado para a pan-amazônia e um dos eixos desse observatório será tecnologia.

Com esta produção e integração, a Rede JorTec sedimenta sua contribuição em torno da fundamentação teórico-metodológica e das terminologias conceituais do campo do ciberjornalismo, como o jornalismo produzido e distribuído no ambiente digital e no espectro do ciberespaço, mediado pelas tecnologias e pela inovação.

Em 2018 os pesquisadores da Rede JorTec, por meio de duas comunicações

coordenadas, apresentaram e debateram temas como as experiência de acesso ao conteúdo jornalístico usando a realidade virtual (Marcio Carneiro dos Santos); jornalismo de dados e a grande reportagem multimídia (Mariane Pires Ventura); propostas para o newsgame (Carlos Marciano); o jornalismo imersivo como experiência do acontecimento (Luciano Costa); o posicionamento público do Twitter (Rita Paulino); valor e experiência no contexto do jornalismo experiencial (Raquel Longhi e Kati Caetano); jornalismo e software cultural, análise do jornal Correio do Estado (Gerson Luiz Martins e Adriana Queiroz); história das redações jornalísticas, o que veio antes (Thaís Jorge); a função de editor de mídias sociais (Marina Simon); jornalismo multiplataforma e (des) convergência em Portugal (Telma Johson); temporalidade, mediação e tecnologia no jornalismo em ambientes digitais (Carlos Franciscato) e modelo de framework semântico de ambiente de trabalho colaborativo na gestão da informação em redação jornalística (Benedito Medeiros, Edison Ishikawa, Zanei Barcellos, Marcelo Bulhões e Vitor de Deus).

**Grupos de pesquisa, cujos pesquisadores participam da Rede JorTec:**

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>IES</b>	<b>Líder(es) / Representante(s)</b>
<a href="#">Ciberjornalismo</a>	UFMS	Gerson Luiz Martins
Ciência, Informação e Tecnologia	UFPR	Rodrigo Botelho-Francisco
<a href="#">Hiperfídia e Linguagem</a>	UFSC	Raquel Ritter Longhi e Rita de Cássia Romeiro Paulino
Informação, conhecimento e tecnologia	UFSCar	Maria Cristina Comunian Ferraz
<a href="#">Interfaces Sociais da Comunicação</a>	UFU	Adriana Cristina Omena dos Santos e Mirna Tonus
<a href="#">Interações e tecnologias na Amazônia</a>	UFPA	Elaide Martins
<a href="#">Laboratório de Estudos em Jornalismo</a>	UFS	Josenildo Luiz Guerra e Carlos Franciscato
<a href="#">Jornalismo Digital</a>	UFRGS	Marcelo Träsel e Felipe de Oliveira
Novas práticas em Jornalismo	UMESP	Marli dos Santos
<a href="#">Tecnologia e Narrativas Digitais</a>	UFMA	Márcio Carneiro dos Santos
<a href="#">Jornalismo, Educomunicação e Cidadania</a>	UNEMAT	Antonia Alves Pereira

Coordenação atual

Marcelo Träsel - marcelo.trasel@ufrgs.br

Rodrigo Francisco-Botelho - robotelho@gmail.com

## Referências

LIMA JUNIOR, Walter. Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais. Rede JorTec, [http://tecjor.net/index.php?title=Página\\_principal](http://tecjor.net/index.php?title=Página_principal), 2008. Acesso: 5/05/19.

LONGHI, Raquel; D'ANDREA, Carlos (orgs.). Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012. ISBN 9788574746418.

SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos (orgs.). Produção e colaboração no jornalismo digital. Florianópolis: Insular, 2010. ISBN 9788574745299.

SOSTER, Demétrio; LIMA JR., Walter (orgs.). Jornalismo digital: audiovisual, convergência e colaboração. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2011. ISBN 9788575783146.

TRÄSEL, Marcelo; LONGHI, Raquel Ritter; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo; LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Pensar em rede: pesquisa aplicada em jornalismo e tecnologias digitais. Macapá: Unifap, 2017.

JORTEC, Rede. Comunicação Coordenada 1 – Rede JorTec.

XX Mesa Coordenada Rede JorTec – Experiência no jornalismo e jornalismo experiencial. Anais do 16º SBPJor. Disponível em <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1259>. Acesso: 05/05/19.

JORTEC, Rede. Comunicação Coordenada 2 – Rede JorTec.

XX Mesa Coordenada Rede JorTec – Tempo e temporalidades no Jornalismo. Anais do 16º SBPJor. Disponível em <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1490>. Acesso: 05/05/19.



## Rede Renoi

### Accountability, ética e qualidade jornalística.

Josenildo Guerra<sup>1</sup>, Fernando Oliveira Paulino<sup>2</sup>, Rogério Christofolletti<sup>3</sup>.

A Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Reno) tem feito esforços no sentido de ampliar sua interlocução internacional. Tais iniciativas visam tanto a construção de parcerias com grupos e equipes internacionais a fim de construir projetos em comum quanto a interação com vistas à troca de experiências metodológicas voltadas à análise de instrumentos e práticas de accountability. Nesse sentido, destacam-se a participação da Reno na formação da Rede Lusófona pela Qualidade da Informação (RLQI) e o diálogo regular com a equipe da Technical University of Dortmund (TU Dortmund), da Alemanha, que esteve à frente do Media Act Project<sup>4</sup>, consórcio de catorze países que produziu um amplo levantamento de instrumentos de accountability na Europa.

A Reno foi um dos atores que ajudaram a conceber e a estabelecer a RLQI. A partir de uma visita ao Brasil do professor Carlos Camponez (Universidade de Coimbra) e de seu contato com membros da Reno, percebeu-se a viabilidade e a oportunidade de um esforço de pesquisa e intervenção a favor da ética e da responsabilidade dos meios nos países em língua portuguesa. Inicialmente, o objetivo era a criação de um observatório do jornalismo lusófono. Entretanto, este escopo se ampliou diante dos debates globais em torno das notícias falsas e do alastramento de um ambiente de desinformação que pode comprometer não apenas o jornalismo, mas sobretudo a cidadania e a democracia. Assim, o projeto evoluiu em dois sentidos: valorizar a qualidade da informação (contemplando também a ética, a crítica de mídia e a accountability) e propor iniciativas variadas (incluindo a criação de um observatório lusófono, mas não só ele).

Lançada em novembro de 2018<sup>5</sup>, a RLQI tem representantes de oito países lusófonos (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Timor), além de Macau, região administrativa especial chinesa. Grupos de pesquisa, universidades, representantes classistas e órgãos profissionais constituem a rede que pretende reunir a sociedade civil, a indústria de mídia, os jornalistas e a academia em torno da ideia de uma responsabilidade comum, com vistas a contribuir com soluções para a melhoria da qualidade e credibilidade da informação. Entre os objetivos da RLQI estão o incentivo para

<sup>1</sup> Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenador da Reno e do Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia (Qualijor), do Laboratório de Estudos em Jornalismo (Lejor). E-mail: guerra.ufs@gmail.com

<sup>2</sup> Professor e Diretor da Faculdade de Comunicação da UnB. Integrante da Reno e da SBPJor desde sua fundação. Diretor de Relações Internacionais da SOCICOM e da ALAIC, onde coordena o Grupo de Trabalho “Ética, Liberdade de Expressão e Direito à Comunicação”. Email: paulino@unb.br

<sup>3</sup> Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi coordenador da Reno entre 2005 e 2009 e é um dos coordenadores do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS). Pesquisador do CNPq. E-mail: rogerio.christofolletti@ufsc.br

<sup>4</sup> Mais em: <http://www.mediaact.eu>

<sup>5</sup> Mais em: <https://objethos.wordpress.com/2018/11/18/lancada-em-portugal-a-rede-lusofona-pela-qualidade-da-informacao/>

parcerias de pesquisa científicas, a organização de eventos, a produção de livros e outros materiais que orientem o debate público sobre qualidade jornalística, e o desenvolvimento de ações de educação para a mídia. A futura criação de um observatório lusófono vai fortalecer o papel da RLQI e da Renoi na manutenção de um fórum permanente e atualizado sobre ética, transparência, prestação de contas e qualidade jornalística, incentivando formas de responsabilidade e correção da mídia.

A aliança da Renoi com integrantes do Media Act Project, principalmente com pesquisadores(as) da TU Dortmund, com especial apoio da professora Susanne Fengler, estabeleceu-se em 2011 e tem ganhado força a cada ano por meio de cooperação técnica e científica. Desde o início da parceria, professores(as) e estudantes das universidades envolvidas na iniciativa, compartilharam informações, com impactos decisivos na elaboração de monografias, dissertações e teses, escreveram artigos conjuntos, organizaram eventos com presença mútua e realizaram pesquisas conjuntas.

Nos últimos anos, o intercâmbio tem contribuído para a troca e aprimoramento de metodologias, especialmente no que se refere à construção de indicadores e na elaboração e aplicação de uma pesquisa global sobre mídia e accountability. Nesta pesquisa, pretende ser levado em conta as referências desenvolvidas nos países do hemisfério norte em diálogo com os aportes sistematizados por pesquisadores(as) da Renoi e de demais países do hemisfério sul que, a exemplo da América Latina, tem condicionantes sociais, históricas e econômicas específicas que afetam diretamente os processos de produção, distribuição e acesso a conteúdos de veículos de comunicação.

Também merece destaque a participação de colegas da TU Ruhr no Projeto Jornalismo e Accountability, apoiado com recursos do CNPq, entre 2013 e 2018, que possibilitou a aplicação de questionários a mais de cem jornalistas assim como a análise de instrumentos de accountability em dezenas de veículos de comunicação no Brasil, além de seminários internacionais em Brasília. Dentre eles, os seminários “Mídia, Democracia e Transparência”<sup>6</sup>, “Mídia, Accountability e Liberdade de Expressão na Europa e na América Latina”<sup>7</sup> e “Comunicação, Democracia e Accountability”<sup>8</sup>.

As experiências de parcerias internacionais em curso têm ampliado as conexões da Renoi e de seus integrantes com importantes e qualificados centros de pesquisa e reflexão sobre o jornalismo. Busca-se o intercâmbio de referências e de práticas metodológicas, respeitando-se as tradições, as peculiaridades e a cultura de mídia em cada ecossistema. A expectativa é que tais encontros se consolidem e se firmem, de modo a gerar um aprimoramento nas atividades de crítica e observação de mídia que possam refletir nas práticas profissionais e empresariais, a fim de oferecer à sociedade informações que lhe permita, de modo autônomo e bem informada, o exercício pleno da cidadania.

<sup>6</sup> Ver vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=fc8szAhhqP0>

<sup>7</sup> Ver os vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=1rgS5rZk7WY> e <https://www.youtube.com/watch?v=jwqkLv5P4fE>

<sup>8</sup> Ver vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=wQgAMaL4\\_qo](https://www.youtube.com/watch?v=wQgAMaL4_qo)

# Rede Telejor

## Epistemologias do Telejornalismo

Iluska Coutinho<sup>1</sup> e Cárilda Emerim<sup>2</sup>

### 1. TV: cada vez mais importante à sociedade

A televisão chegou ao Brasil nos anos 1950 e ao se consolidar como meio hegemônico transformou a vida dos brasileiros. Sua influência ainda é significativa na sociedade contemporânea, quando a TV e o telejornalismo assumem novas formas com a digitalização. Em 2018, uma pesquisa mostrou que o acesso a vídeos pela internet chegou a 71 por cento entre os internautas brasileiros<sup>3</sup>, com tendência de mais interesse a cada nova plataforma que disponibiliza criação, acesso e compartilhamento de vídeos. Considerando que a natureza da televisão é o vídeo, ela está cada vez mais presente na vida dos cidadãos conectados a uma série de dispositivos digitais como parte da existência no mundo atual.

Essa perspectiva orienta as pesquisas em torno do telejornalismo, entendido como o jornalismo feito para as telas (EMERIM, FINGER, CAVENAGHI, 2017); os investigadores da Rede TELEJor tem como foco a produção audiovisual cujo conteúdo se define a partir da relação dos fatos narrados com a realidade que, no Brasil (é) ditada também pelo telejornalismo<sup>4</sup>. Constituída em 2009, a rede busca enfrentar os desafios do telejornalismo a partir de investigações coletivas que buscam dar suporte aos estudos do campo, aprimorar metodologias, técnicas de pesquisa e atualizar os objetos e suas mudanças estruturais (a saber, computador, canais no Youtube, redes sociais, smartphones, celulares, tabletes, etc.). Formada por pesquisadores das cinco regiões do Brasil, entre professores acadêmicos e profissionais do mercado, nos últimos dez anos soma 13 livros publicados e cerca de 70 artigos apresentados em mesas coordenadas na SBPJor. Por meio da TELEJor se articulam ainda grupos de pesquisa registrados no CNPq, que realizam investigações confluentes e trabalho de pesquisa coletiva em torno do telejornalismo, com alcance interinstitucional e diálogo com ensino, extensão e também com as redações e empresas de telejornalismo. Por meio de suas práticas e projetos, os integrantes da rede prospectam mudanças e formam profissionais comprometidos com a realidade e com a sociedade.

Neste percurso, a Rede TELEJor desenvolve pesquisas que desde 2015 fundamentam os estudos de telejornalismo, conceituando os termos mais

---

<sup>1</sup> Jornalista, Mestre em Comunicação e Cultura, Doutora em Comunicação Social, com Pós-Doutorado em TV Pública; professora e pesquisadora da Universidade Federal de Juiz de Fora. Líder do grupo Núcleo de Jornalismo e Audiovisual e Coordenadora da Rede Telejor (2018-2019). [iluska@gmail.com](mailto:iluska@gmail.com)

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, com Pós-Doutorado em Semiótica e Arte Televisual; professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do GIPTe e Vice-Coordenadora da Rede Telejor (2018-2019). [carilda.emerim@ufsc.br](mailto:carilda.emerim@ufsc.br)

<sup>3</sup> Pesquisa TIC em domicílios realizada pelo Centro de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), publicada em 24 de julho de 2018. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/domicilios/>.

<sup>4</sup> O Brasil (é) ditado (2012) é o primeiro volume da Coleção Jornalismo Audiovisual, coordenada pela Rede Telejor e editada pela Insular (Florianópolis).

presentes e específicos do jornalismo audiovisual como campo de conhecimento e práticas. Uma pesquisa macro tem se estruturado desde 2017 no âmbito da rede, e já resultou na publicação de dois livros com os resultados das etapas iniciais. Para (re)conhecer e compreender as marcas e idiosincrasias do telejornalismo no Brasil, em suas diferentes regiões, foi preciso um olhar sobre os processos de formação, com pesquisas sobre os âmbitos do ensino e extensão em telejornalismo (2017) e também investigar as bases teóricas e conceituais das epistemologias do telejornalismo brasileiro (2018).

## **2. O telejornalismo na contemporaneidade (as atividades de 2018)**

A Rede Telejor mantém duas linhas muito fortes nas quais se engendram todos os grupos e pesquisadores: o campo da teoria e metodologia e o campo da prática e pesquisa aplicada. Estas perspectivas confluíram em 2018 na etapa da pesquisa que se intitulou Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro que buscou realizar uma cartografia do conhecimento sobre o telejornalismo produzido nas mais de dezessete (17) instituições de ensino entre as cinco regiões do Brasil, de universidades públicas e particulares. Título do sétimo livro da Coleção Jornalismo Audiovisual (2018), a obra sintetiza os resultados da pesquisa integrada da Rede TELEJor e está estruturada em três seções e 22 artigos. Nos textos os pesquisadores discutiram o telejornalismo como campo social e de pesquisa, estudaram os olhares e as escutas, buscando métodos para experimentar o telejornalismo e, por fim, refletiram sobre suas práticas, a partir da compreensão do saber fazer do jornalismo audiovisual.

O amadurecimento desta experiência de pesquisa resultou na publicação de uma chamada aberta para a montagem de mesas coordenadas, motivada pela crescente participação de novos pesquisadores na Rede TELEJor. A excelente resposta à chamada pública resultou na proposição e realização de três sessões coordenadas no 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor 2018), reunindo 18 trabalhos específicos desta etapa da pesquisa integrada.

A mesa **O lugar do telejornalismo na sociedade e na pesquisa** refletiu sobre o papel e o lugar ocupados pelo telejornalismo como campo social e, também, como campo de estudos. Nos seis artigos apresentados busca-se compreender de que maneira o telejornalismo vem sendo discutido (com as definições de jornalismo audiovisual, jornalismo televisivo, jornalismo para telas, etc.) e como tem atualizado seu lugar de praça pública, de (é)ditor da nação e seus eventuais diálogos com as diferentes instâncias de poder, grupos e movimentos sociais. A Rede TELEJor mapeou assim o lugar do telejornalismo no cotidiano e no universo acadêmico, na pesquisa científica desenvolvida em grupos de pesquisa e, sobretudo nos programas de pós-graduação. Por sua vez, a mesa **Métodos e abordagens das pesquisas em telejornalismo** apresentou e discutiu as experiências de investigação em telejornalismo, em busca do amadurecimento

acerca dos distintos modos de olhar e escutar um objeto relevante socialmente e em constante transformação. Em outros seis artigos, a rede busca compreender os percursos metodológicos mais presentes na trajetória de estudos do jornalismo televisivo, com destaque para as interfaces com outros campos de conhecimento, as potencialidades do diálogo interdisciplinar e a tentativa de construção de métodos e teorias para a observação e compreensão do telejornalismo. Já a mesa **O Telejornalismo na contemporaneidade** reuniu trabalhos que discutiram a prática e as rotinas produtivas do telejornalismo na contemporaneidade, com o objetivo de compreender as permanências e as reconfigurações dos processos, as eventuais atualizações no saber fazer profissional e as linguagens utilizadas, tanto na forma de contato com o público como também nas produções.

Em 2018 a Rede Telejor também buscou formas de publicizar o crescimento qualitativo e quantitativo da pesquisa em jornalismo audiovisual. Com o amadurecimento na primeira década de funcionamento, a Rede passou a contar com um número maior de pesquisadores, com a participação de integrantes dos grupos de pesquisa afiliados em diferentes níveis de formação, incluindo estudantes, profissionais do mercado interessados em manter-se atualizados com os estudos e pesquisas do campo e pesquisadores em formação. A necessidade de mostrar os trabalhos de pesquisa desenvolvidos por esses participantes e não apenas doutores, motivou o lançamento de uma nova série de livros pela Rede Telejor, a Jovens Pesquisadores, em parceria com a Editora Insular. Lançado em 2018 o volume um da série intitula-se **Estudos contemporâneos em telejornalismo: narrativas de jornalismo para telas** e se organiza em duas seções: O Brasil (é) ditado: telejornalismo e apreensões do real e #telejornalismo nas ruas e nas telas: a reconfiguração das narrativas. Tomando emprestado o título de volume da série Jornalismo Audiovisual (2012) a primeira parte tem sete capítulos dedicados a temporalidades, a memória, as rotinas produtivas, as máquinas de vigilância e o ao vivo, as questões de gênero e agendamento/enquadramentos sobre o lugar de fala e o contexto histórico-social. Também com nome inspirado, agora no segundo volume da série Jornalismo Audiovisual (2013), a segunda parte da obra conta com seis capítulos dedicados a estudar o telejornalismo nas redes sociais, os experimentos de linguagem e tecnologia, as relações dos modelos de inovação, as mudanças estruturais no campo da atividade produtiva e as rotinas. Com esse livro, mestres, doutorandos e recém-doutores que integram a Rede Telejor há muitos anos conseguiram evidenciar seus esforços numa publicação específica.

Com esta produção científica, a Rede Telejor sedimenta sua contribuição em torno da fundamentação teórico-metodológica e das terminologias conceituais do campo do telejornalismo, compreendido e assumido como o jornalismo produzido para diferentes telas contemporâneas, atravessado pelas tecnologias e pela inovação, construindo e refletindo em modalidades socioculturais e dos fazeres produtivos.

### **3. Em tela o presente e o porvir: os desafios da internacionalização e a identidade formativa do telejornalismo local**

Dando continuidade às pesquisas desenvolvidas em 2017 e 2018, a partir da epistemologia constituída, a partir de 2019 os pesquisadores da Rede TeleJor se articulam em torno da temática integrada "Telejornalismo Local Convergente: conceitos, características e desafios na transição para o digital", com investigações realizadas nas cinco regiões do país em busca das suas especificidades e contribuições ao telejornalismo nacional. Uma pesquisa que tem a Proposta de realização pela Rede de um panorama sobre telejornalismo local, mas com uma dimensão nacional, com contribuições dos componentes da rede em diversas localidades. Um possível enquadramento seria a questão da TV digital e seus impactos no telejornalismo, sobretudo a partir de sua inscrição em emissoras regionais. Entre os aspectos a serem observados nesse eventual projeto comum, destacou-se aspectos como critérios de noticiabilidade, relação com o poder local, infraestrutura de produção. Nas discussões também parece que há um esforço conceitual ainda a construir quanto ao que chamamos de notícia em cada região, e ao que estamos chamando na contemporaneidade de telejornalismo local (quando as formas de circulação cada vez menos são vinculadas ao alcance das ondas radiolétricas ou digitais).

Se o foco dos estudos a serem desenvolvidos em 2019 é buscar a proximidade, a informação em diferentes cidades, caracterizar sua dimensão local, por outro lado é importante ressaltar os desafios da internacionalização, o que torna-se também exigência até pela grande presença da Rede TELEJor nos programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo. Importante ressaltar que se o telejornalismo se apresenta e acessa em múltiplas telas e fluxos, dispositivos e práticas parecem demandar novos entendimentos para as dimensões e fronteiras local - nacional - global. Nos últimos anos diversas investigações realizadas por integrantes da rede têm articulado pesquisa de campo internacionais e diálogo com pesquisadores de outros países, sobretudo aqueles do espaço ibero-americano como Espanha, Portugal, Argentina. Entre os resultados dessas ações de internacionalização destacam-se teses de doutorados, artigos e uma intensa participação de pesquisadores da Rede TELEJor no âmbito do Estudos de Periodismo da Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação (Alaic) .

## Referências

COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio e VIZEU, Alfredo. (Orgs). Telejornalismo em questão. Coleção Jornalismo Audiovisual: Volume 3. Florianópolis: Insular, 2014.

EMERIM, Cárilda; FINGER, Cristiane, PORCELLO, Flávio (Orgs.). Desafios do telejornalismo: ensino, pesquisa e extensão. Coleção Jornalismo Audiovisual. Volume 6. Florianópolis: Insular, 2017.

EMERIM, Cárilda; FINGER, Cristiane, COUTINHO, Iluska (Orgs.). Epistemologias do telejornalismo. Coleção Jornalismo Audiovisual. Volume 7. Florianópolis: Insular, 2018.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo e COUTINHO, Iluska. (Orgs.) O Brasil (é) ditado. Coleção Jornalismo Audiovisual: Volume 1. Florianópolis: Insular, 2012.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo e COUTINHO, Iluska. (Orgs.) #Telejornalismo: nas ruas e nas telas. Coleção Jornalismo Audiovisual: Volume 2. Florianópolis: Insular, 2013.

TELEJOR, Rede. Mesa 01 - Rede Telejor - O LUGAR DO TELEJORNALISMO NA SOCIEDADE E NA PESQUISA. Anais do 16º SBPJor. Disponível em <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1245>. Acesso: 28/02/19

TELEJOR, Rede. Mesa 02 Rede Telejor - Métodos e abordagens das pesquisas em Telejornalismo. Anais do 16º SBPJor. Disponível em <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1423>. Acesso: 28/02/19

TELEJOR, Rede. Mesa 03 Rede Telejor - O telejornalismo na contemporaneidade. Anais do 16º SBPJor. Disponível em <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1681>. Acesso: 28/02/19

# Rede Renami

## Com um olho no peixe e outro no gato

Demétrio de Azeredo Soster<sup>1</sup>, Fabiana Piccinin<sup>2</sup>, Marta Maia<sup>3</sup> e Monica Martinez<sup>4</sup>

### 1. Pesquisa nacional e pesquisa internacional

O terceiro ano de trabalho da Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami) foi marcado pela realização de três mesas coordenadas realizadas durante o SBPJor 2019. A primeira foi o 2º. Painel SBPJor-Renami e IAJLS (International Association for Literary Journalism Studies) de Jornalismo Literário, que contou com a presença do Prof. Dr. John S. Bak, da Universidade de Lorraine, no nordeste da França. A segunda, Jornalismo, narrativas e subjetividades, foi coordenada por Marta Maia (UFOP). Finalmente, a terceira, Narrativas documentais, do outro e de memória Renami, foi coordenada por Mara Rovida (Uniso). Gostamos sempre de destacar que a Rede é coordenada de forma colegiada por Demétrio de Azeredo Soster (Unisc), Fabiana Piccinin (Unisc), Marta Maia (UFOP) e Monica Martinez (Uniso).

Além destes eventos, foi realizado também o lançamento do segundo livro de uma trilogia organizada pela rede, intitulado Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas (Catarse, 2018), organizado por Marta Maia (UFOP) e Monica Martinez (Uniso). O livro, que contém o prefácio “Narrar no mundo: um desafio de nossos tempos”, de Fernando Resende (UFF), conta com 20 capítulos escritos por 37 autores de instituições públicas, comunitárias e particulares de quase todas as regiões do país e como o próprio título indica, propõe ao longo de seus textos, uma discussão sobre pesquisas a respeito das narrativas midiáticas, incidindo particularmente na questão metodológica. Problematiza, portanto, de que modo as investigações se acercam dos objetos tendo por princípio um desenho teórico-metodológico fundando nos estudos da narrativa e os métodos possíveis daí decorrentes.

A nosso ver, estas duas ações sinalizam bem o presente momento da nossa área promovendo a produção, reflexão e memória a respeito da grande temática das

---

<sup>1</sup> Professor e Pesquisador do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Letras (UNISC). Editor Revista Rizoma - Mídiação, Cultura e Narrativas (Qualis B2). Integrante da diretoria colegiada da Renami. deazedososter@gmail.com

<sup>2</sup> Professora e Pesquisadora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Letras (UNISC). Vice-líder do GENALIM (CNPQ) Grupo de Estudos sobre Narrativas Literárias e Midiáticas e integrante da diretoria colegiada da RENAMI (SBPJor). Integrante da diretoria colegiada da Renami. fabi@unisc.br.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação - Jornalismo, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais (Jor-Nal/CNPq). Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP (PPGCOM-UFOP) e docente do curso de Jornalismo da mesma Instituição. Integrante da diretoria colegiada da RENAMI (SBPJor). Integrante da diretoria colegiada da Renami(SBPJor). mar-ta@martamaia.pro.br.

<sup>4</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), onde é líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI). É presidente da SBPJor. É autora de “Jornalismo Literário: Tradição e Inovação (Insular, 2016). Integrante da diretoria colegiada da Renami. monica.martinez@prof.uniso.br.



narrativas e nelas as produzidas no âmbito do circuito midiático contemporâneo. Assim, tem-se na organização das mesas coordenadas – espaço nobre da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) – um fomento importante às discussões aprofundadas por ocasião do evento e, igualmente importantes, em caráter continuado. A partir desta base sólida e soberana, o segundo painel temático de Jornalismo Literário realizado pela SBPJor-Renami e IAJLS (International Association for Literary Journalism Studies) surge como uma ponte com os pesquisadores nacionais de narrativas, no caso do campo de estudos do jornalismo literário, com os estudiosos internacionais, como o Prof. Dr. John S. Bak da Universidade de Lorraine, que, além de proferir a palestra de abertura do 16º. SBPJor, apresentou trabalho durante o painel, abrindo espaço para a interlocução com os pesquisadores brasileiros.

Já o livro lançado em versão impressa e online gratuita (disponível em <http://editoracatarse.com.br/site/2018/10/21/narrativas-midiaticas-contemporaneas-perspectivas-metodologicas/>) permite ampliar o alcance das discussões para além dos anais do encontro. Promove a circulação das reflexões ali reunidas, tornando-se, portanto, referência bibliográfica nos estudos a respeito das narrativas e contribuindo decisivamente para a qualificação contínua desses estudos e consolidação da própria rede. Trata-se, nesses movimentos, de delinear o que é, por princípio, um dos objetivos mais caros à SBPJor e que fundamentou a criação das redes na oportunidade, ao buscar promover a produção científica de qualidade de forma articulada e estratégica visando ao fortalecimento da temática e, por extensão, da pesquisa e de seus pesquisadores por meio de pesquisas que possam tornar-se material de consulta a acadêmicos nos cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu*.

Lembremos que as narrativas enquanto expressão das tentativas de produção de sentido sobre o mundo e conseqüente geração de epistemologias que possam dar a compreender a realidade convertem-se em contribuições fundamentais para a promoção do diálogo social possível. É por meio da análise das narrativas, especialmente originárias do campo das mídias, que podemos de algum refletir sobre as condições de alteridade tão necessárias ao contemporâneo.

Num momento de cortes orçamentários e incertezas da continuidade de fomento à pesquisa das áreas da comunicação no Brasil e das humanidades no mundo, a visibilidade dos estudos no país e no exterior é mais do que importante: é vital para a manutenção dos estudos em jornalismo em si. Afinal, como diz Resende no prefácio da obra, o tempo que vivemos é “um enredamento de muitas espacialidades e temporalidades dissonantes e em constante estado de confronto. Enfrentar a narrativa como um problema é saber desta dimensão complexa, pois é também nela que as lutas são travadas”.

# 04

## PÓS- CONFERÊNCIA

### 1st Brazil- France- Francophone Belgium Journalism Research Conference

Estreitando os laços com o mundo francófono.

Fabio Henrique Pereira<sup>1</sup> e Monica Martinez<sup>2</sup>

#### 1. Introdução

Dando continuidade à política de cooperação internacional da SBPJor – e que resultou, em 2017, no I Brazil-India Journalism Research Colloquium – recebemos, no ano seguinte, a missão de organizar um evento que reunisse pesquisadores de três espaços nacionais distintos: Brasil, França e a Bélgica francófona. Nasceu, assim, a I Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference, evento realizado em 12 e 13 novembro de 2018, em São Paulo. Com o tema ‘The Sociocultural Frontiers of Journalism in Brazil and in Francophone space’, a conferência reuniu cerca de 30 pesquisadores dos três países, que apresentaram suas comunicações em duas mesas plenárias e dois grupos de trabalho.

A I Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference, na verdade, se insere em um contexto mais antigo de cooperação entre os três países na pesquisa em jornalismo e que começa no final dos anos 1990 por meio da constituição da rede de pesquisas Réseau d’études sur Le Journalisme – REJ, e que reúne pesquisadores do Brasil, França, México e Quebec. Liderada, na França, pelo Denis Ruellan (na época, professor da Université de Rennes 1) e, no Brasil, pela professora. Zélia Adhigirni (Universidade de Brasília), durante cerca de 15 anos, a REJ se constitui em importante espaço de interlocução da pesquisa em jornalismo entre o Brasil e o mundo francófono, articulando projetos coletivos, ações de mobilidade docente e discente e publicações.

A partir de 2011, ao mesmo tempo em que a REJ começa a se desarticular,

---

<sup>1</sup> Professor associado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e pesquisador dos laboratórios Arènes (França) e ReSIC (ULB, Bélgica). É autor de *Jornalistas-intelectuais no Brasil* (Summus 2011). É editor das revistas *Brazilian Journalism Research* e *Sur le Journalisme*. E-mail: [fabiop@unb.br](mailto:fabiop@unb.br)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Uniso e líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI-Uniso-CNPq). É autora de *Jornalismo Literário: tradição e inovação* (Insular, 2016). Preside atualmente a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). E-mail: [monica.martinez@prof.uniso.br](mailto:monica.martinez@prof.uniso.br)

novos espaços de trocas entre pesquisadores brasileiros e francófonos começam a ser constituídos, como a organização, a cada dois anos, do Colóquio Internacional Mudanças Estruturais do Jornalismo – Mejor e a criação da revista científica internacional *Sur Le Journalisme – About Journalism – Sobre Jornalismo*, editada a partir de quatro países: Bélgica, Brasil, Canadá (Quebec) e França. É neste período que essa cooperação se estende para a Bélgica Francófona, a partir do protagonismo da Profa. Florence Le Cam, chair em jornalismo da Université Libre de Bruxelles a partir 2011.

É importante destacar que a SBPJor sempre esteve presente nesse histórico de cooperação. Professores de jornalismo do mundo francófono como Denis Ruellan, Éric Neveu e Florence Le Cam já participaram de congressos da Associação; ela colaborou oficialmente com a organização do Colóquio Mejor, tendo enviado representantes para as três primeiras edições do evento, realizadas no Brasil. Além disso, autores francófonos publicam regularmente artigos na revista científica da SBPJor, a *Brazilian Journalism Research*. Ou, seja, de certa forma, a evolução das relações entre esses três países no que se refere à pesquisa em jornalismo se confundem com a própria história da SBPJor, associação que aglutina boa parte dos pesquisadores da área no Brasil. Assim, a realização do I Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference dá continuidade a essa parceria, mas agora a partir de uma nova modalidade de manifestação científica: a de uma conferência temática coorganizada pela SBPJor e por um pool de laboratórios de pesquisa na Europa: o GIS-Journalisme, na França e o ReSIC, na Bélgica.

## **2. A conferência**

Com o tema, o tema ‘As fronteiras socioculturais do jornalismo no Brasil e na Bélgica Francófona’, a conferência buscou analisar as dinâmicas de transformação, diversificação e cooperação entre o jornalismo e outros espaços sociais – particularmente a literatura, as ciências sociais e a tecnologia. Isso deu origem tanto a trabalhos de caráter teórico, que questionavam o jornalismo enquanto prática sociodiscursiva situado na fronteira entre diferentes mundos; mas também estudos mais centrados na história das práticas jornalísticas; ou ainda trabalhos empíricos, que discutiam a emergência de novas práticas sociais.

Além dos grupos de trabalho, o evento contou ainda com uma mesa de abertura, com a presença de representantes dos consulados belga e francês no Brasil; uma mesa redonda sobre as fronteiras entre o jornalismo e a literatura, composta pelos professores John Bak (Université de Lorraine, França) Isabelle Meuret (Université Libre de Bruxelles, Bélgica), Denis Ruellan (CELSA-Université Paris-Sorbonne França) e coordenada pela professora Monica Martinez (Universidade de Sorocaba, Brasil). A mesa de encerramento foi composta por Zélia Adghirni e Florence Le Cam, que contaram a história da cooperação entre os três países nos estudos de jornalismo.

### **3. Desdobramentos**

Em uma avaliação retrospectiva, a I Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference representou um marco importante no fortalecimento das relações entre os três países, com a SBPJo assumindo protagonismo nesta parceria. Ele constituiu-se em um espaço de interlocução e de estreitamento dos laços entre pesquisadores brasileiros, franceses e belga francófonos – e que certamente dará origem a novos projetos de cooperação. Destacamos ainda que uma seleção dos melhores artigos apresentados da conferência será publicada na *Brazilian Journalism Research*. Além disso, já estamos trabalhando na segunda edição da Brazil-France-Francophone Belgium Journalism Research Conference, prevista para acontecer em junho de 2020 na Université Valenciennes, na França.